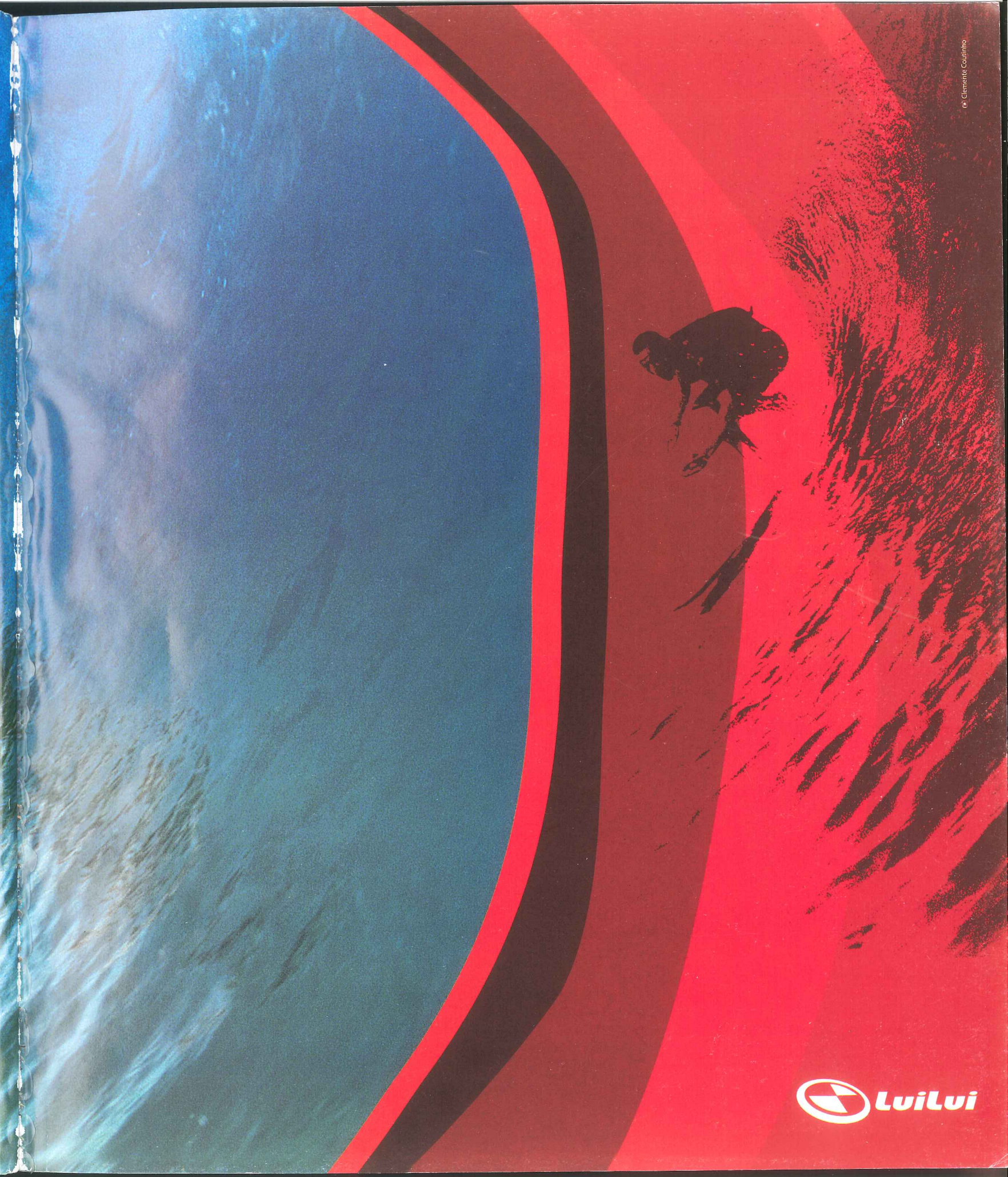


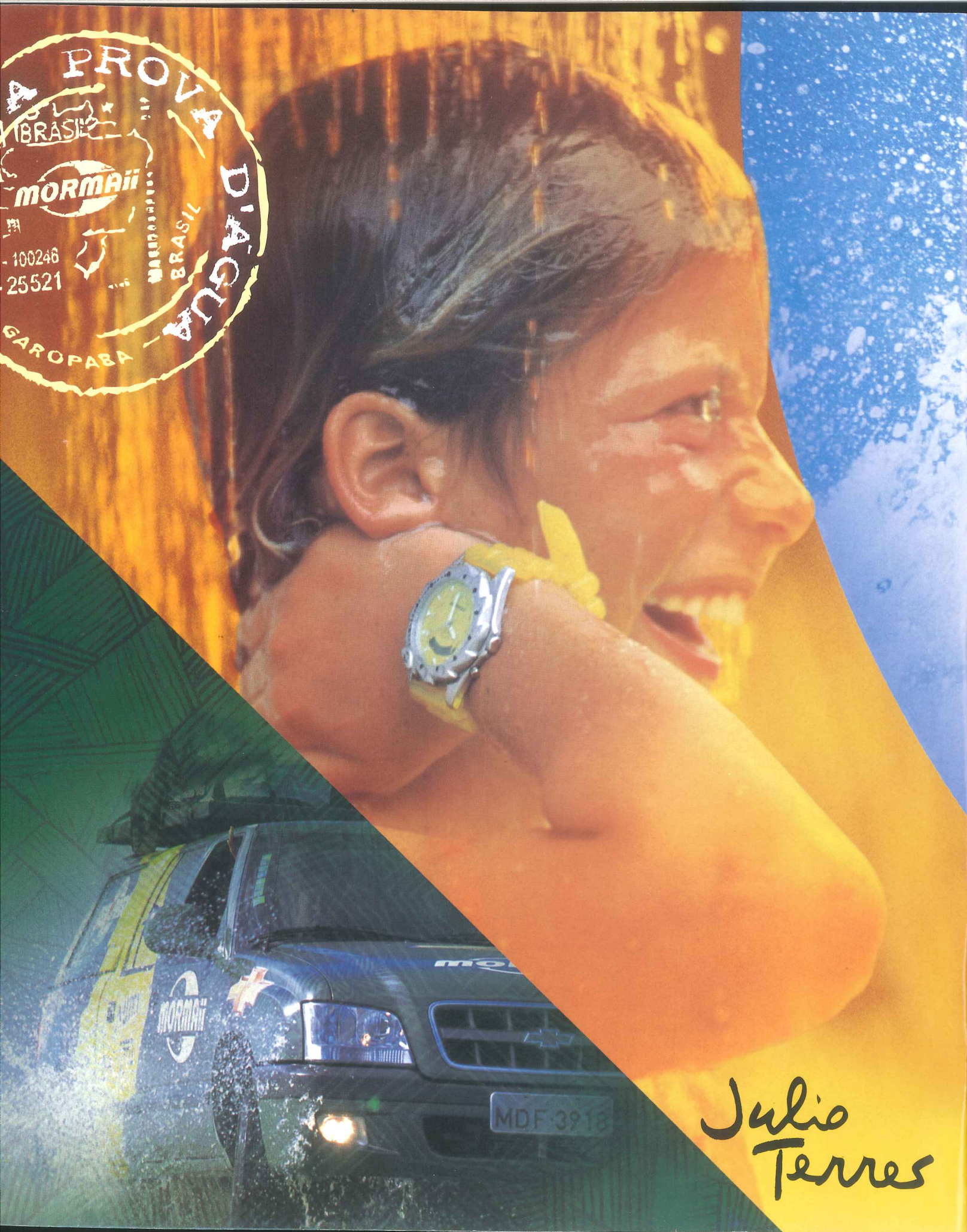


SO
A
LES

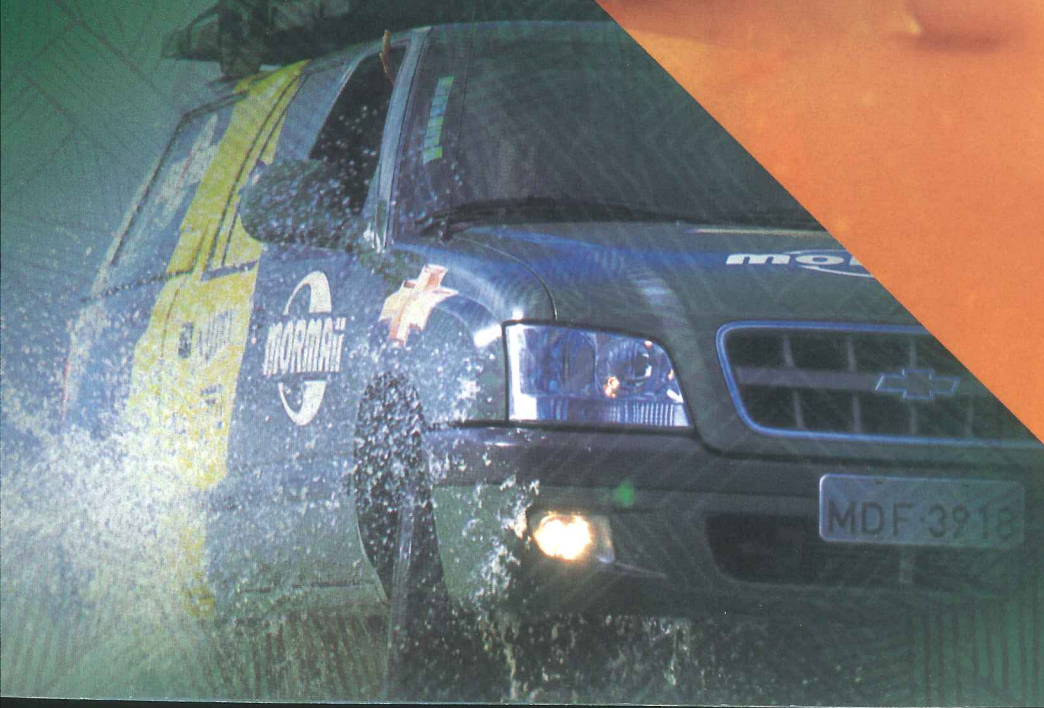


 LuiLui

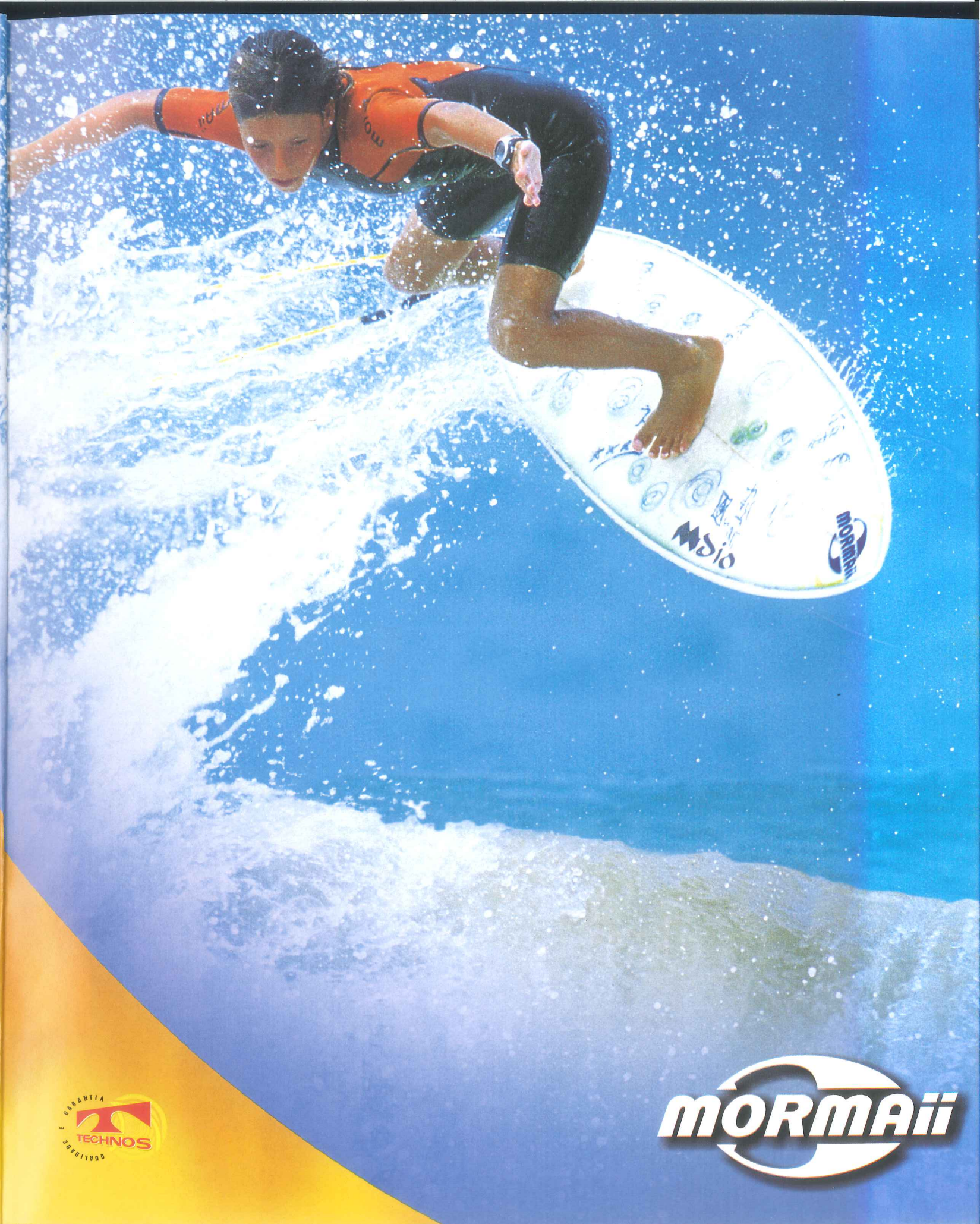
© Clemente Coulimbo



PROVA
 BRASIL
 MORMAII
 100246
 25521
 BRASIL
 GAROPABA



Julio
 Torres



QUALIDADE
 E
 GARANTIA
 TECHNOS

MORMAII

... e o sol da liberdade, em raios fúlgidos...

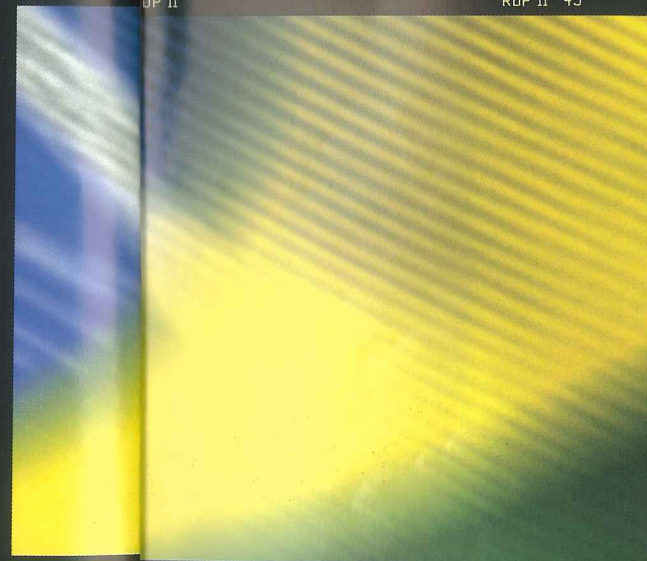
... do que a as margens plácidas, de um povo heróico o brado retumbante, e o sol da liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da pátria nesse
... dessa igualdade, conseguimos conquistar com braço forte, em teu seio, ó liberdade, desafia o nosso peito a própria morte! Ó pátria
... Salve! Salve! Brasil, um sonho intenso, um raio vívido, de amor e de esperança à terra desce, se em teu formoso céu, risonho e límpido,
... gigante pela própria natureza, és belo, és forte, impávido colosso, e o teu futuro espelha essa grandeza. Terra adorada,
... Brasil, pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido, ao som do mar e à luz do céu profundo, fulguras, ó Brasil, florão da América, iluminado ao sol do novo mundo!
Do que a terra garrida, teus risonhos, lindos campos têm mais flores; "nossos bosques têm mais vida", "nossa vida" no teu seio "mais amores". Ó
pátria amada, trêz, salve! Salve!

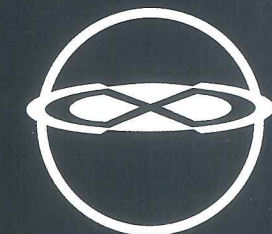
Brasil, de agora seja símbolo, ó labaro que ostentas estrelado, e diga o verde-louro dessa flâmula, paz no futuro e glória no passado.

Atas, se erguesística a fada forte, verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte. Terra adorada. Entre outras mil,
és tu, Brasil. Ó pátria amada! Dos filhos deste solo és mãe gentil, pátria amada, Brasil!

Indústria Brasileira: Levante esta bandeira.



south to south

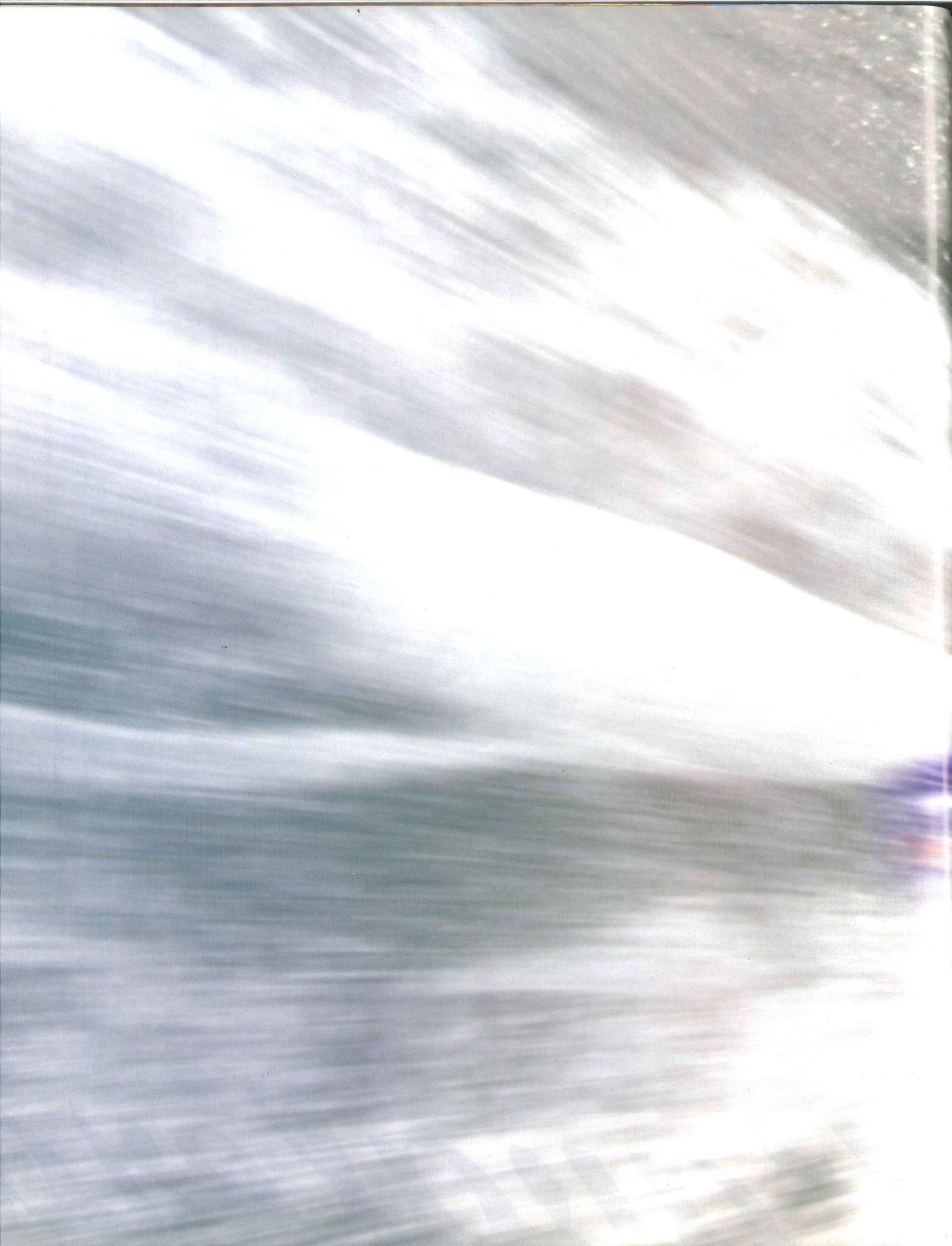




cavalera.com.br

SÃO PAULO: ALAMEDA, LORENA, 1682 / SHOPPING IBIRAPUEBA - PISO NOBREM / RIO DE JANEIRO: SHOPPING RIO SUL - 2º PISO

Cavalera



Miler Morais
RED NOSE | Kite - Surf - Team

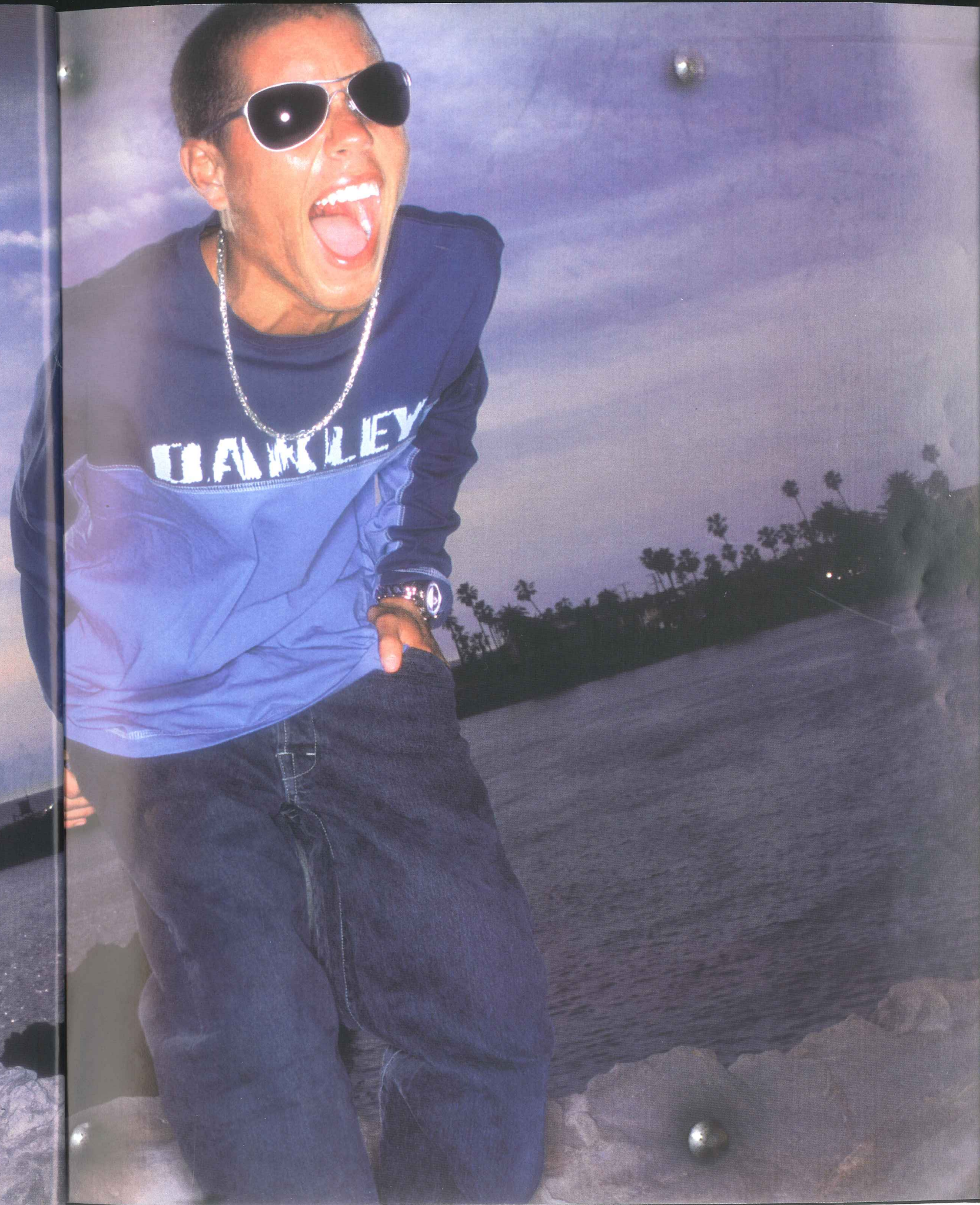


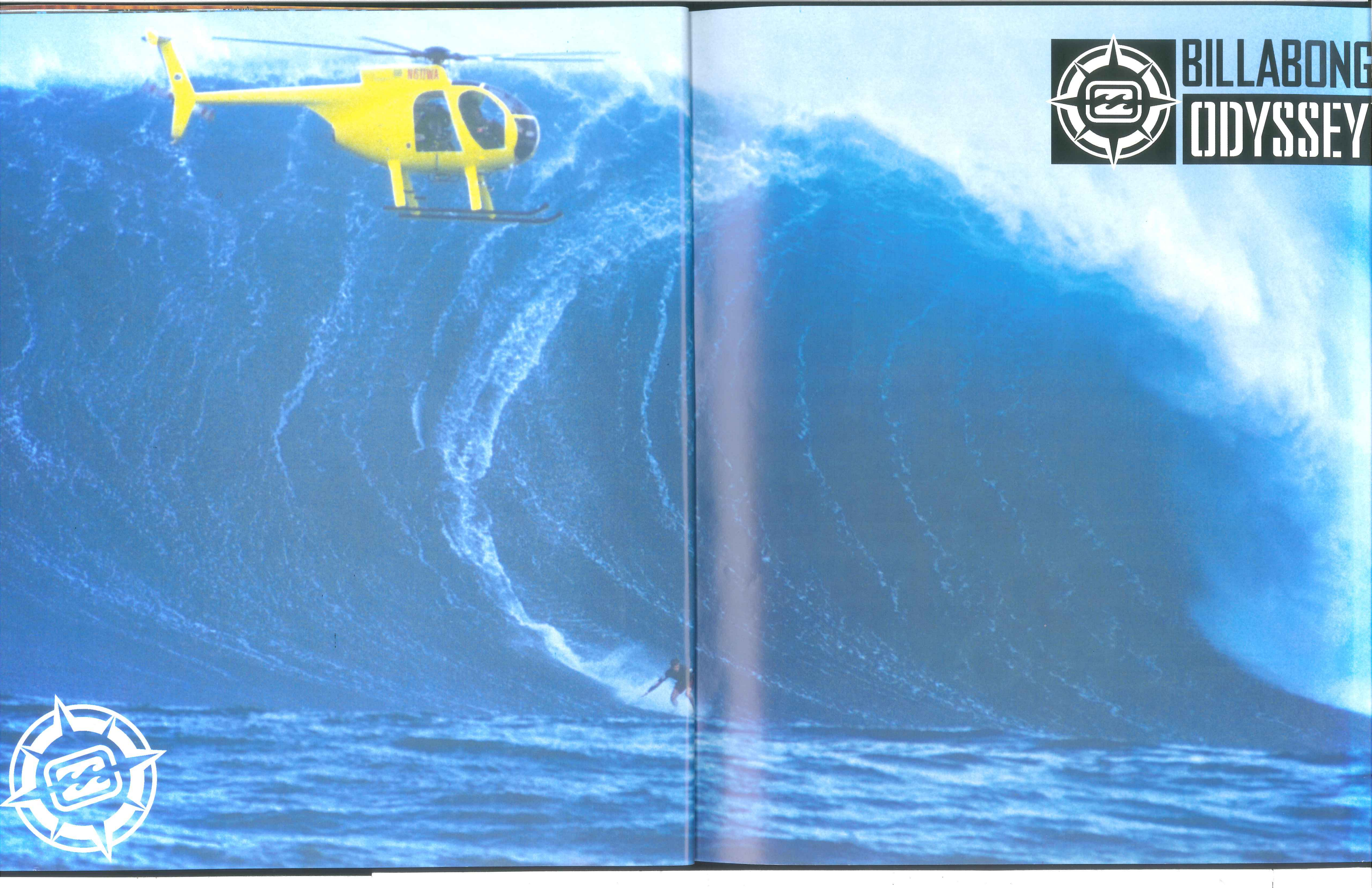
Red Nose XTREME Sports Ltda.
All rights reserved.
(11) 3337-5001

www.rednose.com.br

OAKLEY

ADRIANO "MINISTRINHO" DE SOUZA - WARDEN™ EYEWEAR





BILLABONG
ODYSSEY



TE VEJO LÁ



775

Since 1981

011-38284288

Editorial

COSMMOS DO BRASIL PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho

ALMA SURF

Publisher
Romeu Andreatta Filho

Editora
Juliana Moraes

Projeto Gráfico
Fernando Mesquita

Diretora de Arte
Renata Zincone

Redação
Viviane Palladino

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto
Andre Cotrim, Daniela Santarosa, Heitor Tozzi, Lula Menezes, Marcela Carrocino, Mark Lund, Peter Townend, Steven Allain, Tãu Bueno

Fotos
Adriano Becker, Alexandre Gennari, Andre Cotrim, Dan Merkel, Erik Aeder, Ernesto Baldan, Fabio Minduim, João Valente, John Severson, Luis Carlos Felizardo, Motaury Porto, Pedro Felizardo, Rick Werneck, Steven Allain

Publicidade
Patrícia Barros
pattbarros@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Fabio Augusto Pilch
fabio@almasurf.com.br

Distribuição
Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de Publicações

Pré-impressão e Fotolito
ArtSim Projetos Gráficos

Impressão
SuperGráfica

Jornalista Responsável
Juliana Moraes
MTB 10128

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

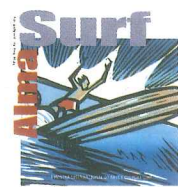
Alma Surf Cultural
Gerente de Operações
Florian Sales

Correspondências
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295
Morumbi – São Paulo – SP – 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744-1668
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição: 20.000 exemplares



Capa: John Severson

O Novo Surf

Coisas pequenas fazemos sozinhos, as grandes em grupo. Prova disso é a realização da I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, o maior evento de cultura surf do mundo. Minha felicidade é enorme, já que estamos a menos de um mês desse movimento inédito que tem o objetivo único de consolidar de vez o surf como cultura no Brasil e no mundo. Os melhores artistas, obras de arte e pensadores que marcaram a história do surf estarão prestigiando a Mostra, que pretende incluir o surf na programação cultural de nosso país.

Na década de 80 fizemos uma articulação interna com o núcleo do segmento e estruturamos o surf como esporte, criamos a Abrasp, incluímos novamente o Brasil no circuito mundial e outras conquistas, como o título mundial amador do Fábio Gouveia, em Porto Rico. Nos anos 90, mais uma vez articulamos o segmento, mas dessa vez consolidamos o surf como negócio. Fundamos a feira do setor, vendemos a Fluir para o grupo Abril e catalisamos o Brasil como um mercado servido, onde oferta e demanda passaram a reger o segmento. Agora, no século XXI, estamos mais uma vez unidos e articulados para outra etapa: tratar o surf como cultura de vida! E vocês não imaginam meu orgulho em estar presente e atuante em todos esses processos!

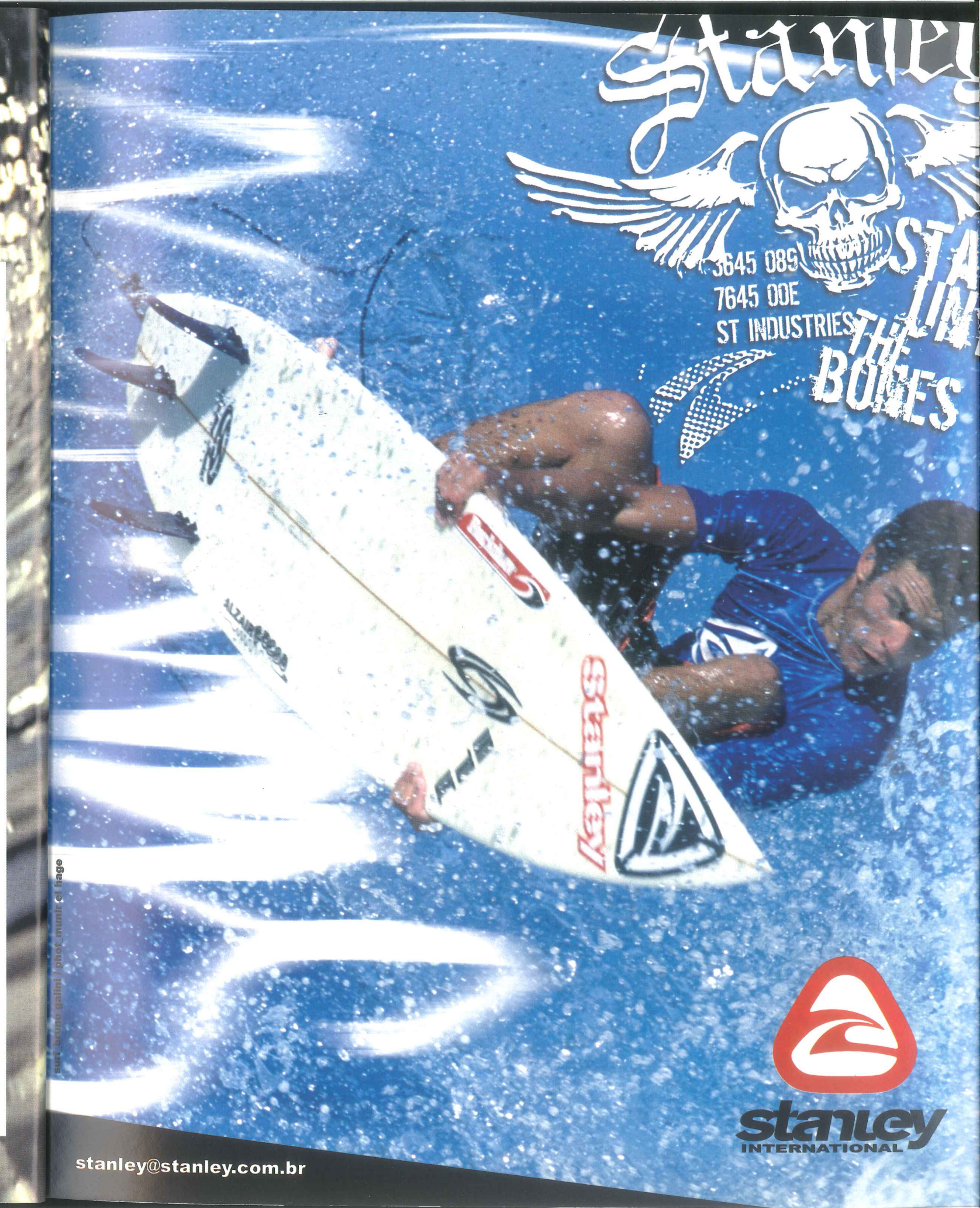
Pertinente a essa fase, a edição # 22 da Alma marca pelos padrões editoriais extremamente preocupados com o surf arte. A matéria principal é o maior exemplo disso: 14 páginas com as obras e a história do mestre John Severson, feitas por nosso parceiro e artista havaiano-brasileiro André Cotrim. Além disso, o ensaio inédito da diva do surf, Andrea Lopes, clicado por outro artista, Ernesto Baldan; um arrastão de imagens que ilustra a surf cidade Garopaba; e a resposta para a pergunta: o Supla surfa? Surf. Sem falar nas ondas do exótico Marrocos, nos moleques da nova geração do surf e nas alucinantes manobras de Rush Randle. Junto a tudo isso, estamos finalizando o primeiro livro de mesa do surf brasileiro, *O Brasil do Surf*, uma homenagem do Brasil para o surf e do surf para o Brasil, que será lançado durante a *I Mostra* e com certeza será mais um sucesso da operação Alma Cultural.

O novo me faz projetar, projetar é surf e surf é meditação ativa. Tudo pode ser melhor sempre, para frente, passe as sessões, acredite. Nunca desista de querer o melhor e o novo!

Surf, paz e amor.

Aloha!

Romeu Andreatta



surf: Bruno Galini / phot: munir el hage

stanley@stanley.com.br



Índice

26 Surf, arte e cultura

38 O Supla surfa?

48 Garopaba e o espírito do surf

64 A vida e a arte de John Severson

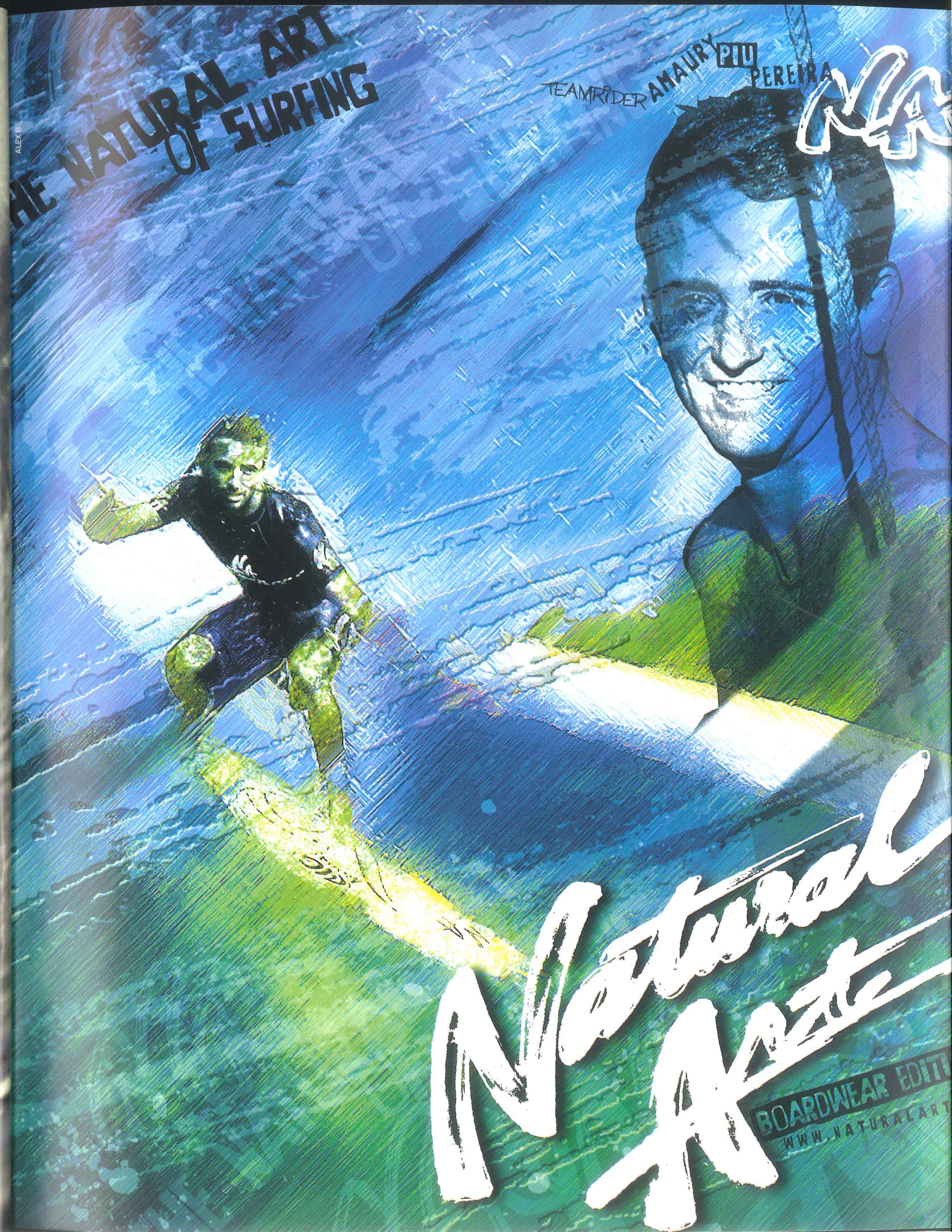
80 Ensaio: Andréa Lopes, pela praia da vida

98 Marrocos

106 A nova geração do surf

114 Rush Randle

Félix (Ubatuba - SP), por Klaus Mitteldorf, um dos fotógrafos da Mostra



Correntes marinhas

Por Heitor Tozzi

Possivelmente um assunto de utilidade pública, já que as correntes são uma das principais causas de afogamento de banhistas. As rip currents, ou correntes de retorno, que se formam nas "valas" (canais) das praias, são às vezes uma lavada de roupa traumática, mas na maioria das vezes quem sabe aproveitá-las passa a arrebentação sem muito esforço. Uma história bem interessante me ocorreu quando fui escrever esta matéria. Lá na ilha de Algodão, no Pará, muito procurada por surfistas e pela galera jovem de Belém. Dois amigos estavam surfando e decidiram trocar de pico, e atravessar um pequeno canal de maré na hora da vazante. Era fim de tarde, e eles foram pegos pela correnteza e lançados mar afora. Os dois tentaram remar juntos, até que um dos dois desistiu e se lançou na deriva. O outro ainda resistiu durante umas horas, pois avistava as luzes da praia, bem longe! Conheci esse cara, por isso sei que eles sobreviveram e foram resgatados no dia seguinte por dois barcos de pesca diferentes e distantes um do outro. O trauma ficou durante muito tempo.

No litoral norte do Brasil as correntes de maré são muito fortes, vale a experiência na hora de encarar um pico junto a canais de maré. Já no litoral sul e sudeste temos correntes de ressacas mais imprevisíveis e perigosas. Muitas pessoas já foram arrastadas por correntes muito próximas da praia pelo repuxo – quando o salva-vidas tem que buscar "moleque e matusco" no canal. Ainda não passei esse mico, mas já vi muito fortão "safo" remar na corrente só pra exercitar! É, meu irmão, o fato é que quando forma aquele canal junto à praia, aqui na Barra da Tijuca mesmo, formam-se ondas bem ao lado da cabeça da corrente, que a galera usa pra entrar no mar sem trabalho. Na Austrália, o professor, surfista da antiga, Andrew Short, desenvolveu um guia de morfodinâmica das praias de Nova Gales do Sul que mostra a evolução dos canais e bancos de acordo com a energia das ondas e é aplicado para a segurança dos banhistas. Desde 1991, estes estudos são desenvolvidos por especialistas brasileiros, onde as praias oscilam em vários estágios de canais, e correspondem às variações diárias de energia, das tempestades às calmarias. Algumas praias são até mais perigosas em dias de baixa energia, porque as pessoas subestimam as condições tranquilas do mar e são arrastadas pelas correntes.

Banco e barra são a mesma coisa, só que a barra pode ser atribuída à saída de canais de maré e rios. Há seis estágios de praias genéricos: *dissipative* – dissipativo (típico de ressaca com fortes correntes); *longshore bar-trough* – barra e canal ao longo da praia; *rhythmic bar and beach* – barra e praia rítmica; *ridge*

and runnel – banco e canal; *low tidal terrace* – terraço de maré baixa, com ondas na cara da praia; e o extremo *reflective* – reflectiva ou praia de tombo).

As correntes são boas para o surf, já que direcionam o fluxo de energia das ondas. Diz-se que existem ondas fortes onde tem fortes correntes, daí o nome Brava de muitas praias brasileiras, só que às vezes as correntes são fortes demais. É bom saber utilizar os canais, muitas vezes só com eles podemos chegar no pico lá fora. Imagina Pipeline, Macumba ou Vila sem canal? Só na entrada a maioria já ia sair de prancha quebrada. O lance é o joelinho na hora certa! Aprender a usar as correntes de fundo que rolam por baixo das ondas cavadas é o melhor jeito de entrar no mar e também aprender a entubar. Na onda cavada é bem mais fácil, existe um fluxo de água bem estável. Já quando o mar está de ressaca e mexido (storm), as ondas grandes são mais difíceis de furar; tem muita turbulência e correntes destrutivas. Aqueles estágios de praias que eu estava falando antes têm relação direta com as características das correntes, que direcionam a areia formando bancos rasos próximos da cara da praia e canais de refluxo. Isto é uma característica das praias arenosas. No Rio de Janeiro e em São Paulo tem praias rítmicas com bancos e canais que se estabelecem conforme a energia das ondas, com correntes fortes e direcionadas. O litoral do Rio Grande do Sul está próximo da zona de geração das tempestades, e as praias são dissipativas no outono e inverno, e formam bancos na primavera e verão. Em Santa Catarina há praias com bancos mais estáveis nos canais de rios como o da Guarda do Embaú, e pontais onde se formam as principais correntes. As correntes geralmente são mais estáveis em point breaks, e as praias de ondas grandes mais conhecidas e canais tranquilos são a Macumba, Itaúna, Saquarema, Félix, Laje de Santos, Vila, Balneário Camboriú, Campeche, e aí vai. Os canais e as correntes é que sempre nos ajudam; podem ser traumáticos, mas assim mesmo são a melhor forma de "varar a arrebentação". Nos campeonatos é uma estratégia pra garantir ondas boas e fácil retorno ao pico, por isso o nome rip currents. Um joelinho na profundidade certa da corrente ajuda pra caramba. Estar no rip é também estar de olho nas correntes. A galera que treina todo dia já sente a hora que a corrente joga pra fora, na forma da arrebentação, e a extensão da onda pode ser curta às vezes, mas em todos os exemplos das praias que usei, as correntes ajustam os bancos em poucos dias e a ondulação é perfeitamente encaixada.

Boas ondas, aloha!

The advertisement features a central image of a surfer from behind, wearing a yellow shirt with 'Vida Marinha' and a logo, and black shorts with 'DAMARINHA' and a logo. He is holding a surfboard. The background is a beach with waves. Stylized white text at the top reads 'Vida Marinha' and 'PRO'. Large white text on the right says 'Since 1991' and 'THIAGO M'. At the bottom left, it says 'ADVANCED BOARDS TECHNOLOGY BASICAMENTE SURF'. At the bottom right, there is a red square with a white circular logo containing a stylized wave. At the very bottom, the website 'www.vidamarinha.com.br' is written in white.

ADVANCED BOARDS
TECHNOLOGY
BASICAMENTE SURF



www.vidamarinha.com.br

●●● Escola da cultura surf

Contei esta história para um casal de amigos num café em Kauai. Só percebi a profundidade do conteúdo quando terminei de contar, e fui surpreendido pelo fato que as pessoas nas mesas à nossa volta tinham parado de comer ao ouvirem meu "talk story". "Bela história, hein, cara!", foi o aplauso de um dos locais. Uma análise superficial dessa história sugere que tem pouco haver com o tema desta edição da *Alma*, que é sobre a arte e a cultura do surf; mas antes de terminar prometo fazer a amarração necessária. Até lá, contem comigo, e curtam uma história com a qual temos muito a aprender..

No dia seguinte, o presidente da Surfrider mundial ligou no meu hotel de San Clemente me convidando para surfar com ele e alguns amigos. Ele disse que me pegaria às 5:30 da manhã, e iríamos para um pico chamado Old Man's em San Onofre, um dos points mais antigos de Califórnia. Quando se vêem fotos antigas de um barraco de sapé na praia, com pranchões de pé encostados nele, cercado por um monte de carros anos 40 em volta... isso é San Onofre. Aceitei o convite, mesmo estando sem minha prancha, muito menos o acessório mais valioso do mundo para quem pretende encarar a corrente Humboldt às 5:30 da manhã. Minha alma começou a tremer imaginando a temperatura do mar ao alvorecer, mas ao mesmo tempo pegaria mal recusar. Ele percebeu a minha hesitação e me prometeu levar uma roupa de borracha.

No nascer do sol seguinte, lá estava eu, o Pierce Flynn da Surfrider e uns 20 surfistas "silver edition", ou seja, todos com cabelo branco. Eu, com meus 40 e tantos anos, pela primeira vez, era o caçula da expedição. No Brasil isso nunca teria me acontecido, pois aqui o surf é muito mais novo do que lá, e hoje eu faço parte da faixa etária "super-legends". Vindo da arena de gladiadores que é Maresias, e sendo o mais novo da turma, confesso que remei para o outside "me achando", e não estava nada preparado para a lição que esse bando de zen masters ensinaria a este discípulo irreverente que vinha de um outro oceano, localizado num outro hemisfério, com uma noção de ética tão distante quanto.

Por Mark Lund

Veio a primeira onda, e por reflexo eu comecei a remar. Enquanto remava, olhei para o meu lado direito e não vi ninguém. Olhei para o meu lado esquerdo: idem. A onda que peguei tinha meio metro, e fui com ela até o inside, no meu estilo. Ao voltar para o pico, passei perto de um e de outro, e todos me elogiaram pela onda. Pensei comigo que em Maresias eu teria que ter entubado por uns 4 segundos e seguido por um floater para arrancar elogios dessa grandeza. Cheguei no line-up me sentindo supervalorizado, e comecei a trocar umas idéias com o pessoal.

Veio mais uma ondinha e percebi que novamente ninguém estava indo junto. Pensei que talvez a turma geriátrica estivesse mais a fim de confraternização do que de encher a pança de ondas. Mais meio metro até a praia. De novo, mais uma acolhida superlegal. Se entrei na água me achando, imagina depois dos elogios; mesmo sabendo que tinha feito muito pouco para merecê-los. Depois de um replay na minha terceira onda, comecei a ficar encafifado. Não podia ser pelo meu surf que o pessoal estava abdicando das ondas, pois isso não tinha nada de especial, apesar dos comentários estimulantes. Não era possível que aqui, no berço do surf californiano, os locais iriam se impressionar a tal ponto com o meu nível de surf. Durante o papo no outside, prestei cada vez mais atenção, mas nada no tom de voz nem no jeito dos caras me dava a menor dica sobre o que estava rolando.

kwcompany.com.br



tecido usado
modelo flexo
100% ultra stretch
com costura
vulcanizada

since 1967

ENGLAND
DENMARK
TURKEY
LATVIA
FINLAND
NEW ZEALAND
RUSSIA
BELGIUM
SWITZERLAND
SLOVENIA
GREECE
SLOVAKIA
BRAZIL
CHILE
ISRAEL
FRANCE
NORWAY
HOLLAND
CANADA
USA
MEXICO
HONG KONG
CYPRUS
CANARIAS
SINGAPORE
SOUTH KOREA
HUNGARY
ITALY
CZECH REPUBLIC
SPAIN
PORTUGAL
ARGENTINA
GERMANY

life
with
style **GUL**

04
gul.com.br



Antes de vir a próxima onda, resolvi fazer um experimento. Violentei a minha psique e decidi que, nem que fosse a onda mais perfeita, eu não entraria nela, só para ver a reação da terceira idade. Veio uma onda, meio metro, boa. Senti os olhares de todos fixados em mim. Senti que estavam me estudando. Comecei a me questionar quem estava conduzindo o experimento... Para responder à pergunta que estava em cada um dos olhares, sentei na prancha, usando a linguagem neurolingüística mais clara possível entre surfistas para telepatizar que eu não ia naquela onda. Percebi que os olhares fixados em mim se deslocaram, e um começou a olhar para o outro. Nos olhos deles não tinha dúvidas, satisfação, não tinha nada além de uma expressão sábia e plácida. Totalmente cool. Uma decisão unânime foi tomada entre eles, sem eu conseguir entender qual foi o veredicto. A sentença foi dada quando um deles começou a remar para pegar a onda que chegava do Pacífico. A sentença silenciosa foi captada por cada célula do meu corpo... Eu tinha acabado de transgredir uma das leis mais sagradas das águas do Old Man's.

O que me deixou mais chocado não foi a existência dessa jurisprudência de revezamento. Logo que a percebi, entendi num piscar dos olhos os benefícios de tal sistema. Nesse momento, logo percebi e lamentei quanto stress tinha rolado na minha vida, e na vida dos meus colegas do Brasil, tão desnecessariamente. Disputas por uma posição melhor no line-up, neguinho dando voltas, rabiadas, jogadas de spray na cara do outro, entrar na água xingando o crowd e/ou sair da água brigando, etc. Tanto stress à toa que eu causei na vida dos outros, e que os outros causaram na minha...

Fiquei pasmo com a elegância que eles usaram para me encaixar no esquema. Nada de stress, agressão ou localismo. Eles não somente me deixaram pegar onda atrás de onda, como também me elogiaram ao voltar para o pico. Se Cristo fosse surfista, concordaria comigo que não existe uma ilustração mais precisa do significado da frase "dar a outra face".

* Mark Lund é nosso pensador de surf religião, surfista e proprietário do Legends, em Maresias.

MORAL DA HISTÓRIA

Tenho dado meu apoio à cultura e à arte do surf há anos. As paredes do meu bar Legends em Maresias são a maior prova disso, além dos eventos que tenho organizado para os surf-artistas brasileiros, e da força que tenho dado a vários deles individualmente. Após esses anos lutando em prol deles, acho fantástico que haja uma mostra que aborde a questão da surf-arte com dignidade. Aliás, fui uma das primeiras pessoas que ajudaram na idealização desse evento. Mas isso não é a moral da história, é apenas um currículo para validar o que vou dizer.

O futuro da surf-arte enfrenta uma bifurcação toda vez que um surfista espera por uma onda. De um lado tem um caminho que levará o esporte ao embrutecimento, e de outro, o que levará o surfista ao refinamento. De um lado, o stress; de outro a paz de espírito. A escolha é nossa. Qual dos dois ambientes garantirá o futuro da inspiração que é a fonte principal da criatividade? Somos todos surf-artistas; cada um fortalecendo ou enfraquecendo, com as suas atitudes, o ambiente coletivo e aquático de onde sairão os artistas mais talentosos. Por incrível que pareça, o inconsciente coletivo, que é o oceano de onde vão sair as obras da surf-arte, se alimenta do respeito no line-up.

Foi essa a lição que os mestres do Old Man's me ensinaram com tanta elegância: que o pincel e a palheta estão tanto na minha mão quanto na mão de um Da Vinci. A tela líquida na qual será projetada a surf-arte brasileira é de todos. Repasso essa lição tão profunda a quem possa interessar.

*andreas eduardo
long island team*

longisland.com.br

*long island
concepts*

I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf

Texto Redação
Imagens reproduzidas com direitos reservados

Um movimento que transforma o surf em entretenimento

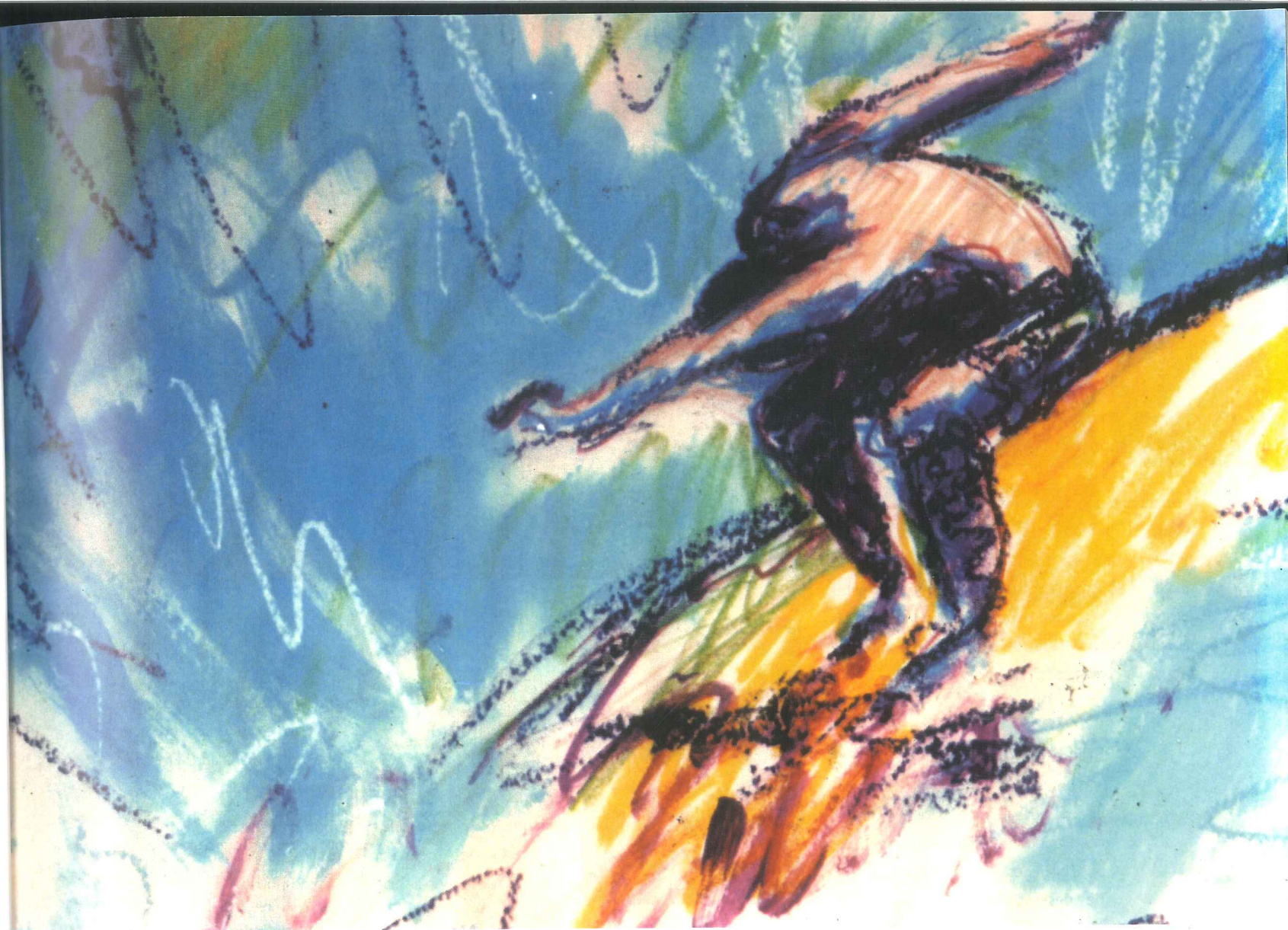


Postais e pinturas que ilustram a cultura havaiana

Ao contrário do surfwear, a cultura surf não está exposta em vitrines de shoppings, feiras ou magazines frequentados pela grande massa. Pouco difundida no Brasil, ela está restrita a uma elite que trata o surf como arte, comportamento e estilo de vida, não só nas ondas como fora delas. Como esporte, o surf alcançou méritos, conquistas, construiu um mercado, e agora precisa assumir de vez a importância de seu caráter artístico e cultural na sociedade. Nos Estados Unidos, principalmente na Califórnia, esse movimento já ganhou significantes proporções nas últimas décadas construindo um novo cenário para o surf como cultura. Já no Brasil, esse movimento começou a ganhar forma há apenas alguns anos. Um dos grandes responsáveis por essa consciência foi a revista *Alma Surf*, que nasceu para dar amplitude a uma nova idéia de estética, comportamento, arte e cultura dentro



Wolfgang Bloch é um dos expositores pela The Surf Gallery, de Laguna Beach, CA



Arte do brasileiro Rubens Gimenez



A arte de Fernando Mesquita

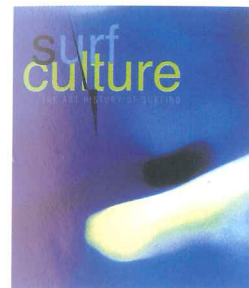


Imagem do fotógrafo Rick Werneck

Literatura



Os melhores livros, pôsters e publicações nacionais e internacionais



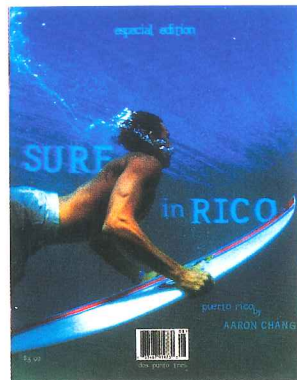
Obra recente sobre a cultura surf, com design de David Carson



"State of the Art", exposição da revista Surfer que aconteceu em 2003, na Califórnia



Hilton Alves



Underwater por Aaron Chang e arte de Renata Zincone

Família Fletcher retratada por Art Brewer, presença confirmada



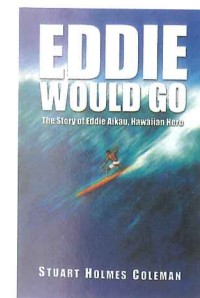
cas foram instauradas e movimentos políticos, sociais e culturais revolucionaram a história da humanidade. Em meio a tudo isso, o surf evoluiu, virou febre com os beach boys na Califórnia, disseminou-se como competição no mundo todo, criou ídolos e contaminou tribos. Durante toda a sua história, que não nos cabe aqui relatar, foi somando conteúdo, formando idéias, unindo pessoas e conceitos e adquirindo uma identidade cultural mundial. Dentro desse panorama encontram-se aqueles que transformaram o surf em forma de expressão e a arte em um dos pilares da cultura surf mundial.

As obras e seus artistas

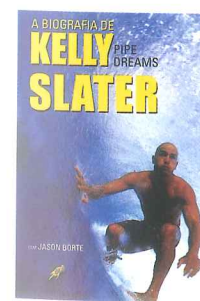
Com a intenção de ilustrar personagens e obras que formaram, e ainda formam, esse cenário cultural "surfístico", a I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf convidou os principais artistas, editores, diretores de cinema, designers, fotógrafos e jornalistas nacionais e internacionais, além de abrir espaço para que novos artistas mostrassem seu trabalho. Entre os convidados internacionais estão os fotógrafos Art Brewer, um

ícone mundial, Aaron Chang, Bud Browne, Craig Stecyk, Sean Davey, Jeff Divine, Leroy Grannis, Jamie Brisick, Ron Brasil e Tom Blake. Já os artistas plásticos virão representados pela The Surf Gallery de Laguna Beach, a primeira galeria de surf arte do mundo, que recebe também as melhores exposições do segmento. Entre os artistas, estão os mestres John Severson, que marcou a história do surf por seus filmes e pela criação da primeira revista de surf (*Surfer Magazine*), e, por suas obras únicas, o lísergico Rick Griffin (em memória), entre outros artistas reconhecidos mundialmente, como Andy Davis, Vincenzo Ganadu e Wolfgang Bloch. Além desses nomes, foram convidados os principais editores e produtores das principais revistas, livros e filmes da história do surf, como Drew Kampion, Steve Pezzmann, Jack McCoy e outros.

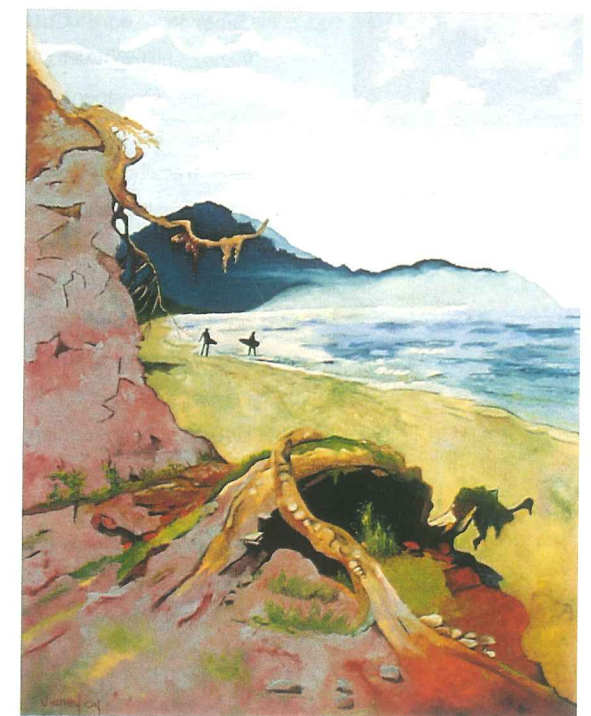
Sobre a mostra nacional, o evento pretende ilustrar toda a evolução da cultura de praia no Brasil nos últimos 50 anos, por meio de pinturas, artigos, pôsters, matérias icono-



Grandes editoras começam a se especializar no segmento



Artes Plásticas



João Vianney, artista nacional

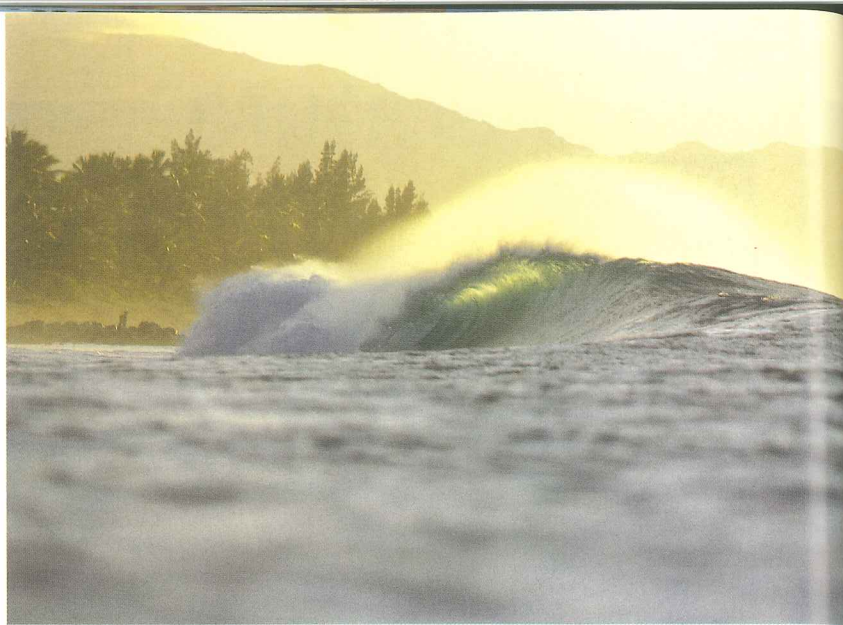
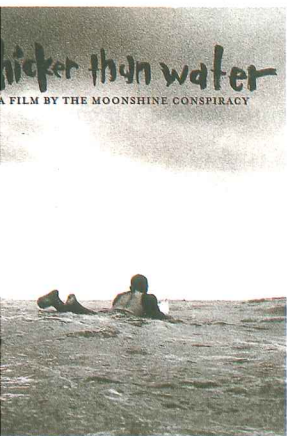
Surf é cultura?

Entre as inúmeras definições encontradas para a palavra "cultura" no dicionário Aurélio, segue uma das possibilidades: "O processo ou estado de desenvolvimento social de um grupo, um povo ou uma nação, que resulta do aprimoramento de seus valores, instituições, criações, etc: civilização, progresso". Por essa ótica, o surf pode ser visto como cultura, sim. Provavelmente, há mais de um século atrás, uma sociedade de polinésios sentiu-se atraída por certa modalidade, que envolvia um estado de espírito, o mar e suas nuances. Abduzidos pelo balé das ondas, passaram a agregar valores, criando uma comunidade preocupada com o coletivo, o bem-estar e uma nova maneira de levar a vida: a vida em torno do oceano e do surf. Passaram-se muitas décadas, tabus foram quebrados, sistemas tomaram forma, crises econômi-

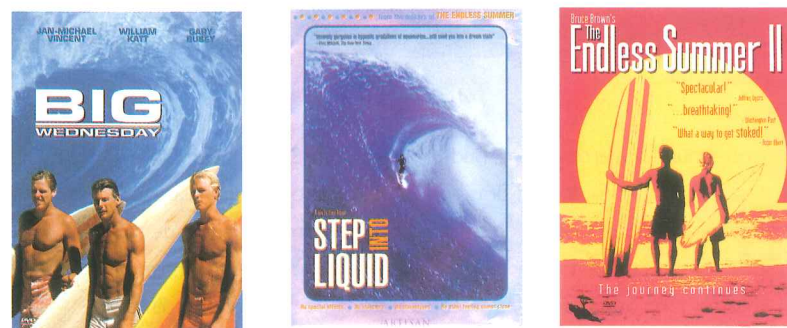
Cinema

Fotografia

gráficas, personagens, exposições fotográficas, pranchas e outros elementos que caracterizem a história do surf no país. Além dos artistas selecionados, importantes nomes da surf arte exibirão seus trabalhos durante os seis dias do evento. Exposições paralelas mostrarão a importância que a fotografia, as artes gráficas e as artes plásticas representam para o surf, para a publicidade, para as marcas e para pessoas que marcaram épocas. Alberto Sodrê, Vavá Ribeiro, Clemente Coutinho, Tony Fleury, Klaus Mitteldorf, Fernando Mesquita, Rubens Gimenez, André Cotrim, João Vianez, Hilton Alves e Renata Zincone, são apenas alguns dos profissionais convidados a expor seus trabalhos como obras de arte. Aqueles que levaram o surf para o audiovisual em programas de tevê, documentários e filmes no Brasil também têm espaço reservado na mostra. Produções inéditas, clássicos e novidades do cinema hollywoodiano serão destaque na programação diária do evento, que espera títulos importantes como: *Blue Crush*, *Step into Liquid*, *Billabong Odyssey*, *The Surfer's Journal* – Kelly Slater e



Sean Davey, um dos mais expressivos fotógrafos, estará presente no evento



Filmes clássicos do cinema, documentários, vídeos e lançamentos serão exibidos durante os seis dias de evento

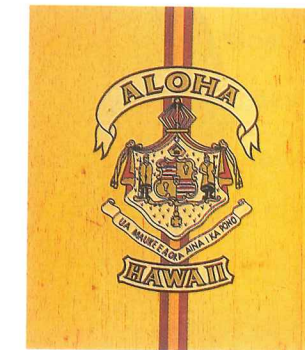
Tom Curren, *Big Wednesday*, *Blue Horizon*, *Bali High* e as produções de Jack Johnson - *Shelter*, *Thicker than Water* e *September Sessions*, entre outras.

Na Mostra, os shapers nacionais e internacionais serão tratados como verdadeiros escultores e artistas. Novos modelos de pranchas, relíquias, reproduções e antiguidades serão tratados como obras de arte e colocados em um museu para apreciação do público. A maioria desses artistas enviará criações exclusivas para o evento. Entre os nomes estão Dick Brewer, Gerry Lopez e Pat Rawson, além dos principais shapers, marcas e colecionadores do Brasil. Durante o evento também serão revelados os trabalhos, obras de arte e artistas mais votados pelo colégio eleitoral formado por cerca de 160 profissionais do mercado do surf.

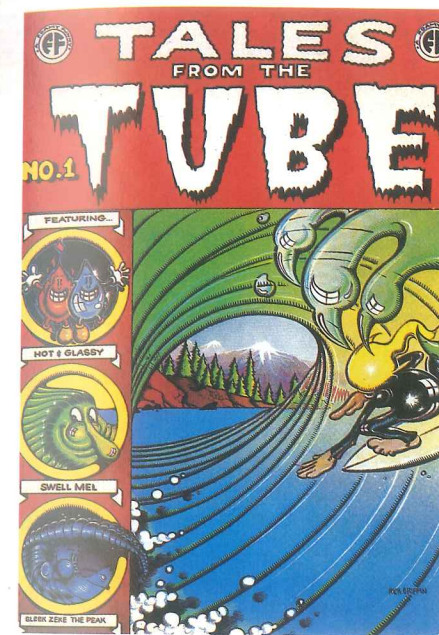
Exposições

Pranchas

Esculturas



As pranchas serão tratadas como esculturas e seus shapers como verdadeiros artistas. Antiguidades, relíquias e novos modelos terão espaço reservado



As obras do lisérgico Rick Griffin terão destaque ao lado de cartoons, anúncios e revistas que marcaram a história do surf

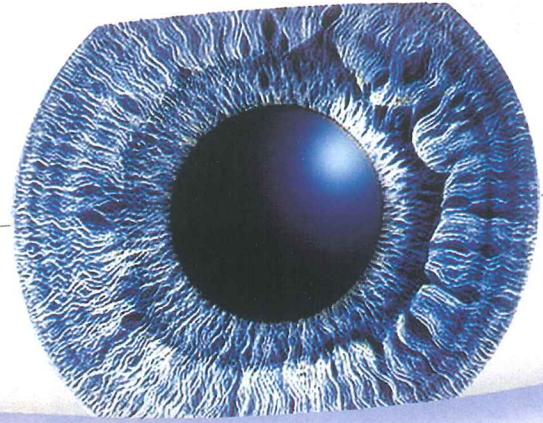
Idealizada por Romeu Andreatta, com curadoria de Rosaldo Cavalcanti e coordenação de Oswaldo Pepe, a Mostra é um evento homologado pela Lei Rouanet que promete ser um marco na história, não somente por entrar para o cenário do surf mundial, mas principalmente por inserir o surf no caráter cultural de nosso país. A programação da Mostra está em função das confirmações dos artistas, produtores e obras que estarão expostas no evento, que pretende reunir aproximadamente 50 mil pessoas por dia no pavilhão da Bienal. Seis dias de exposições, palestras, exibições de filmes, música e mostras paralelas que poderão ilustrar, ensinar, emocionar e provar que o surf é realmente um estilo de vida.

Aquarela do mestre John Severson



I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf
De 23 a 29 de julho no Pavilhão da Bienal
Parque Ibirapuera – São Paulo/SP
www.mostrainternacionaldosurf.com.br

Venha assistir, sentir, conhecer, comprar, pirar e dropar o Surf como Arte e Cultura.



I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf

RIP REVISTA AlmaSurf



23 a 29 de julho 2004

Para quem está na Cultura de Praia. Não perca o maior evento do mundo: I Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf. Cinema e Vídeo: apresentações diárias dos filmes Step Into Liquid, Blue Crush, Billabong Odyssey, Shelter, Surf Adventures, The Endless Summer (I, II e III), Bali High, Nas Ondas do Surf, Dog Town & Z-Boys e Hallowed Ground. Além da presença do diretor Jack McCoy para o lançamento mundial de Blue Horizon. Fotografia: exposições de Art Brewer, Jeff Divine, Sean Davey, Klaus Mitteldorf e Alberto Sodr . Artes Plásticas: obras de John Severson, Ronaldo Serapião, Rafael Ceppas, Vik Muniz, Wanderley Carbone, Fernando Mesquita e mais de 30 dos melhores artistas do mundo. Vernissage: cole o de camisas Aloha, camisetas, cartazes de campeonatos e esculturas. Pranchas: shapes de Dick Brewer, Pat Rawson, Avelino Bastos, Ricardo Martins, Joca Secco, Luciano Leão e mais três cole es de pranchas que contam a história do surf.

VENDAS

ticketmaster 11 6846 6000
BRASIL www.ticketmaster.com.br

PONTOS DE VENDA SP
• Saraiva dos Shoppings Morumbi, Eldorado e Center Norte
• Fnac • Directv Music Hall • Teatro Abril - SUJEITO A TAXA DE CONVENIÊNCIA

OUTROS ESTADOS 0300 789 6846

PONTOS DE VENDA RJ
• Fnac Barra Shop, • Modern Sound Copacabana
• New Disc São Conrado Fashion Mall, Shop. Rio Sul e Shop. Tijuca

PONTO DE VENDA BA
• Aeroclube Plaza Show - Salvador

PONTO DE VENDA PR
• Fnac - Curitiba

Sujeito   taxa de conveniência, *R\$ 0,20/min. + imposto de telefone fixo e R\$ 0,77/min. + impostos de celular

Bienal do Ibirapuera das 12 às 22 h
Ingressos : R\$ 10,00 (estudante 50%)
Reserve já o seu,
comprando antecipadamente pela TKT Master.



LAGOSTA CAMARÃO

PENSÃO SÃO JOÃO

CARTÃO-POSTAL.
O ÚNICO PRESENTE
QUE É MELHOR
MANDAR
DO QUE RECEBER.

havaianas
TREKKING

ARQUIPELAGO
FERNANDO DE NORONHA
BEM VINDO
WELCOME
WILLKOMMEN
BIEN VENUE

Km 72
FÉ EM DEUS

EMITIDO POR
ENPROCESSO/RESERVA
ADCY CONDONHAS - JUL 1
NOME DO PASSAGEIRO (ENTRADA/RESERVA)
0498808

ORIGEM/DEST
WANK
LDCOMPRE

Puro Estilo Australiano.



Australia Down South © XTREME Sports Ltda.
All rights reserved. (11) 3337-5001



O SUPLA SURFA? SURFLA

Por Viviane Palladino Fotos Motaury Porto

Ele é filho de prefeita e senador. No entanto, assumiu a política de uma maneira diferente: prefere o palco ao palanque para expor suas idéias. Louco por música desde pequeno, Eduardo Smith de Vasconcellos Suplicy também tem veia de surfista desde moleque. E apesar de muitas vezes ser chamado de "filhinho de papai", já deu muito duro na vida trabalhando até de pedreiro em Nova York, quando morou na grande cidade americana.

Hoje, a imagem do Supla brincalhão se sobressai à fama do roqueiro rebelde. Depois de participar da *Casa dos Artistas*, ele conquistou o público brasileiro e vendeu 600 mil cópias de discos, estourando nas rádios com o hit "Japa Girl". No entanto, aos 38 anos ele não deixa de lado a sua fantasia de punk, que faz com que seja reconhecido em todos os lugares pelos quais passa, ainda fala tudo o que pensa e é capaz de comer um Big Mac de café da manhã.

Trash? Nem tanto. Supla é um cara extremamente profissional e envolvido em tudo o que faz. Respira música 24 horas por dia, canta, toca guitarra, violão e bateria, produz e dirige os próprios trabalhos, e faz questão de escolher a trilha sonora do dia. Pelas mesmas cidades pelas quais ele passou enquanto procurava ondas, encontrou mulheres que viraram temas de suas músicas. Desde "Garota de Berlim", que foi o primeiro de seus sucessos nas rádios brasileiras, do disco *Humanos*, gravado junto com a banda Tokyo na década de 80, até "Green Hair (Japa Girl)", seus 20 anos de carreira escondem debaixo de uma guitarra pesada um Supla romântico. "Meu, tô preocupado com a minha namorada, ela não ligou; ficou de me ligar lá de Nova York", comenta bem no começo da nossa entrevista, logo deixando transparecer a ansiedade.

Mas o que esse roqueiro de alma tem a ver com o surf? Se lhetarmos que ele surfou Pipeline com apenas 16 anos, talvez você comece a se interessar mais por essa história...



Supla deixa a guitarra de lado para um dia de surf na praia do Tombo (Guarujá-SP)

ALMA SURF – Muita gente não sabe que você pega onda. Onde você já surfou?

SUPLA – Ah, já peguei onda no Hawaii, África do Sul, Porto Rico e, quando morei nos Estados Unidos, ali em LA, Malibu, Topanga, Zeroes. Além da praia da Guarda, lá no Sul, Ubatuba, Maresias e Guarujá. Tem até música feita pros playboys de Maresias. "Vai, ô seu comédia, pára de fazer média, pensa que é bacana só porque tem grana, no fim de semana vai para Maresias e é na casa de sua tia, onde ele arrepiá, se acha o tal até tomar um pau..." Eu me lembro quando ia para Maresias e não tinha ninguém, cara! Também gosto muito de pegar onda no Félix (Ubatuba, SP), mas faz tempo que eu não vou, é a praia mais linda, quando tá quebrando ali é demais.

Como é a tua relação com o esporte?

Eu sempre fiz muito esporte, desde criança, então é uma coisa natural em mim. Nunca foi esse papo de ir na academia pra levantar peso, o que até é importante se você for um profissional. Jogo basquete. Fui campeão do estado, campeão do Torneio Início, e era o cestinha do paulistano. E jogo futebol também. Fui vice-campeão de boxe da Gazeta. Sei jogar pólo a cavalo, inclusive o meu bisavô foi um dos primeiros caras a fazer jogo de pólo no Brasil, em 1916. Mas atualmente não tô praticando nada, nem surfe. O meu esporte mesmo é dando show no palco. Mas faz muito bem pro meu estado de espírito dar uma queda no mar, que seja 4 ou 5 ondas, já vai muito bem.

Você já escreveu alguma música em cima da prancha?

Não, mas já fiz melodia em cima da prancha, como já fiz em cima do cavalo. Eu aprendi a fazer melodia em cima do cavalo. Quando era criança andava a cavalo sozinho no campo e a melodia vinha na cabeça, sem instrumento nenhum. Muita gente me pergunta: você já estudou música? Já estudei música, mas isso não quer dizer nada. Graças a Deus, tenho esse dom, de fazer música, uma

melodia do nada, sem instrumento (ele canta então uma música qualquer inventada na hora e completa): já é uma melodia. I don't know. Nem sei o que falei, mas é uma melodia.

Você escuta surf music? Spy vs Spy ou algo mais antigo, como Dick Dale?

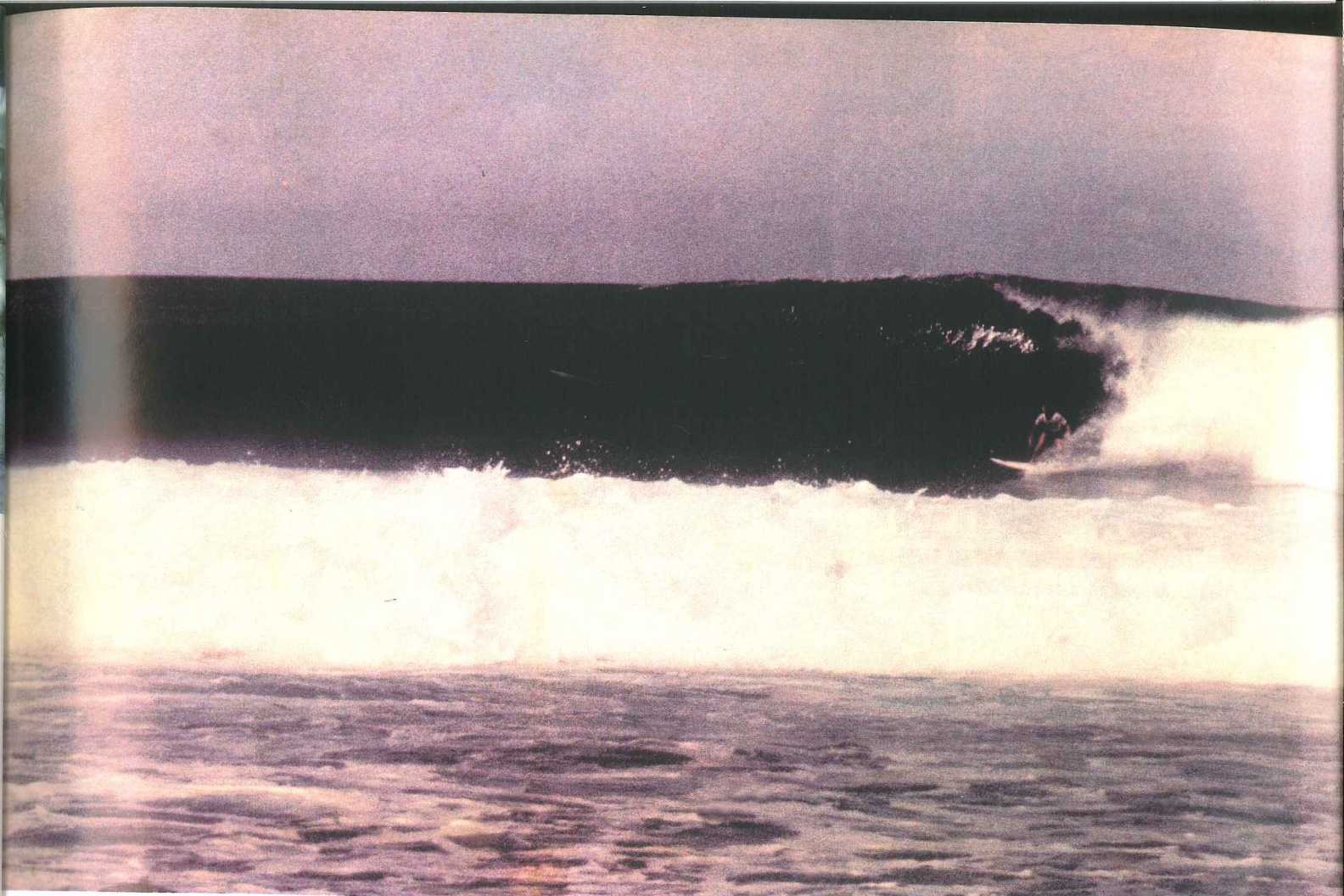
Ah, eu gosto, papapapapapa, papapapa... (e cantarola a trilha do *Havaí 5.0*, *aquele seriado que tinha como entrada a música do The Ventures*). Surf music para mim é mais essas coisas, Dick Dale, Beach Boys... Gangajang é pop, que a surfistada cai no gosto, acho que porque os caras eram da Austrália, mas não é surf music, daquela guitarrinha do comecinho dos anos 60. Acho que é mais o gosto da surfistada que foi por aqui ou por ali. Eu me lembro que teve uma época que toda a molecada escutava Devo e B-52's, lembra disso? Época new wave, e os calções de surf eram inspirados nesse negócio, foi a época que eu fui para o Hawaii, em 1983.

E blink-182, esse tipo de banda, você curte?

Acho bem-feito, it's rock'n'roll you know. Punk pop total, but it's okay... Tem os pais de tudo isso, que se chamam Clash, Sex Pistols, New York Dolls... que são minhas influências. Gosto muito dos cantores que cantam na linha grave também, principalmente o Elvis Presley. Mas a minha banda favorita – sei que até é meio careta falar – é os Beatles.

Mas não foram eles que começaram tudo...

É, mais ou menos, eles copiaram bastante coisa. O pai de tudo mesmo foi o Chuck Berry, e depois o Elvis, que acabou fazendo mais sucesso porque era branco, bonito e cantava pra caralho. Safa fogo do olho dele, as meninas ficavam loucas! Além disto, curto muito Bob Dylan, Don McLean, porque marcaram a minha infância, quando eu morava nos EUA, nos anos 70.



Flagrado pela própria tia em Rincón Point, Porto Rico, década de 80

E o cabelo amarelo, tem alguma coisa a ver com o Billy Idol, muita gente falou que você quis copiar o visual dele?

Eu acho legal pra caramba acharem isso, mas não foi para ficar parecido com o Billy Idol que eu pinte o cabelo, foi pelo Cheyne Horan (gargalha). Acho o maior barato porque ninguém sabe quem ele é, só quem pega onda. Pra mim ele é fudido.

E quando você foi para o Hawaii pela primeira vez?

Tinha 16 anos e caí num mar gigante em Pipeline. O Sinira já tinha uns três invernos, e eu vendo ele pondo pra dentro dos tubos. Vi uma onda, ela veio muito linda, e o cara que tava entrando nela era o Fast Eddie, eu nem sabia que era ele. Ele entrou na onda, e eu falei: "Ah, esse cara não vai nem passar a onda", e entrei na onda também. Era uma onda gigante. O cara veio, e a onda me jogou de um jeito, que eu saí voando na frente dele, literalmente voei em cima do cara, e ele passou por dentro do tubo... foi uma coisa inacreditável a cena! Eu me lembro que caí e meu pé ficou preso na pedra. Aí, quando saí remando, ele veio na minha direção. O Sinira falou: "Juro que fingi que nem te conhecia, cara. Eu pensei que o cara ia te matar ali mesmo". Eu era muito criança e meio raquítico, num mar daquele, uns 10 pés. Com certeza, foi o maior mar que eu já caí na minha vida. Que pena que não tenho isso registrado. Foi muito engraçado... Depois eu saí do mar, fiquei apavorado.

As suas baladas incluíam sempre uma trupe do surf? Quem eram os caras com quem você pegava onda?

Grande parte das minhas trips foram com o Sinira. Surfava também com o Mário Albanesi, Jorge Pacelli no Guarujá; Fabio Bopp, que hoje em dia é o xerife de Maresias, louco pra caralho! (*Dá risada*.) Mas o Fábio é um puta letrista, ele é muito engraçado. Sempre foi assim doido, com aquele jeito bravo, mas tem bom coração pra caralho... se é amigo seu, é amigo seu mesmo!

Qual a próxima viagem que você planeja?

Quero passar a minha lua-de-mel em Puerto Escondido. Espero que eu esteja namorando. Dá para pegar onda de manhã e à tarde entra um vento e você fica com a namorada, então é perfeito! Bom pra quem é romântico assim. Eu demoro a entrar numa paixão, mas agora acho que entrei numa.

No Bossa Furiosa você incluiu umas músicas acústicas e misturou bossa nova com punk, ele corresponde a essa sua fase mais romântica?

Não, eu sempre fui romântico, não vê agora, eu tô apaixonado... Mas eu já tive as minhas épocas de cachorro. Antes de tá fazendo esse disco das mulheres (*Supla refere-se ao Menina Mulher, 9º álbum, que será lançado este ano*), eu tava livre e solto. Acho importante ter o lado apaixonado, o lado meio safado, e também o educado com as minas.

Vinte e dois anos depois, outro Suplicy na "Forja de Campeões"



O deputado Edeardo Matorazzo Suplicy curtiu de contentamento pelo vitorioso do seu filho. E sofreu bastante também

Supla ao lado do pai na sua época de boxeador

O que acontece com o Supla quando ele sobe em cima do palco?

Ele se transforma, põe uma performance pra fazer o dinheiro que o cara pagou ter valido a pena. Não precisa nem ter produção, é só ter o que dizer e cantar uma boa melodia. O importante é as pessoas se divertirem e pensarem na minha música.

Durante o programa no SBT você mostrou um lado seu para as pessoas que elas não conheciam, e com isso vendeu 600 mil cópias do *Charada Brasileiro*. Mostrar o verdadeiro Supla ajudou na sua carreira?

Quando as pessoas me olham, elas dizem: "Esse cara é louco, olha o estilo dele, como ele anda...". É uma coisa que eu sempre falei desde a minha primeira música: "Querem me obrigar a ser do jeito que são, cheios de certezas e vivendo de ilusão, mas eu não sou e nem quero ser igual a quem me diz que sendo igual eu possa ser feliz". Então, não julgue as pessoas antes, é como julgar um livro pela capa. E foi bom porque as pessoas tinham uma imagem minha talvez de filhinho de papai, meio playboy. Mas depois de ter morado quase sete anos em Nova York, dando duro e ralando mesmo, e deixado tudo pra trás aqui no Brasil, que foi o que eu fiz, porque quando eu saí daqui tinha tudo na mão, tinha acabado de fazer uma minissérie, a Globo me convidou para fazer mais uma novela, papel principal, e eu tinha mais um disco pela EMI..., e eu falei: "Quer saber, tô indo embora!".

E o que te levou a participar do programa?

Na verdade, o lance da *Casa* foi que eu estava já há bastante tempo em Nova York e resolvi voltar para ajudar a minha mãe na campanha. Quando cheguei, comecei a tocar na periferia de São Paulo e vi que as letras tavam andando, o papo que eu tava falando tava indo bem. Aí resolvi gravar um disco (o *Charada Brasileiro*), e na loucura fui gravando um lance independente, só para ter registro. Várias fases dessas músicas inclusive já estavam prontas nos EUA, só que com letras em inglês. Senti uma receptividade muito boa e mon-



tei o CD. Aí me lembro que na MTV aquele Marcos "Micon" começou a falar dos meus vídeos, a tirar sarro, era o Rei dos Piores. Uns puta vídeo legal pra caralho, na minha opinião. Mas isso deu o maior ibope no programa dele. Até quando ele fala assim: "Fui eu quem trouxe o Supla de volta", meu, não se iluda, vai, rapaz, eu fiquei sete anos fora daqui... Tudo bem, ajudou, não tô falando que não, mas eu virei o jogo.

Você ficou ofendido?

Cê acha que eu vou cagar pra isso. Ó esse cara! Porra, eu tô na meca da loucura e vejo uns boys falando umas paradas dessas, não tem condição. Aí começaram a tirar uma, e a Globo me convidou para fazer uma novela, e me convidaram pra fazer a *Casa dos Artistas*. Eu já ia embora pros Estados Unidos e eles me pagavam acho que uns 30 mil reais só para eu entrar na *Casa*. Tinha que ficar uma semana no mínimo. Aí eu falei: "Beleza, entro aqui, levo esse disquinho, apresento ele todo dia aqui no canal, daqui a uma semana vou embora e ainda ganho uma grana". Vamos ficar nessa merda! Aí vejo o Silvio Santos, na semana seguinte, dizendo: "Já vendeu 100 mil CDs nas bancas". Pô, no Brasil, metade das pessoas não tem nem o que comer, e eu ficar enclausurado numa prisão de luxo durante 50 dias, cê acha?

Por que você usa tanto o inglês não só quando canta, mas quando fala?

Eu nasci em São Paulo e com um ano fui para os Estados Unidos. Morei em Michigan State e em Stanford, na Califórnia. Meus pais estavam terminando os estudos e eu voltei para cá com 10 anos. Então, o inglês sempre teve muito presente na minha vida, por isso que quando eu falo inglês é porque eu gosto mesmo, é influência da minha infância, nada mais do que isso. É bom ter o lado americano também, apesar de que os EUA eu amo e detesto, porque não dá para generalizar o Bush com o povo americano. Muita gente é contra o Bush, inclusive eu. Acho que tudo que os USA fizeram repercutiu não só no Iraque, mas em todos os lugares. Graças a Deus eu sou brasileiro, amo o Brasil.

Modelo: Cube
 Armação: Grilamid TR-90
 Lentes: MLC Mirror
 (Multi Layer Coating)
 (D) Decentered

CUBE X-TREME RADICAL

X-TREME RADICAL

Skill X-Treme to fly

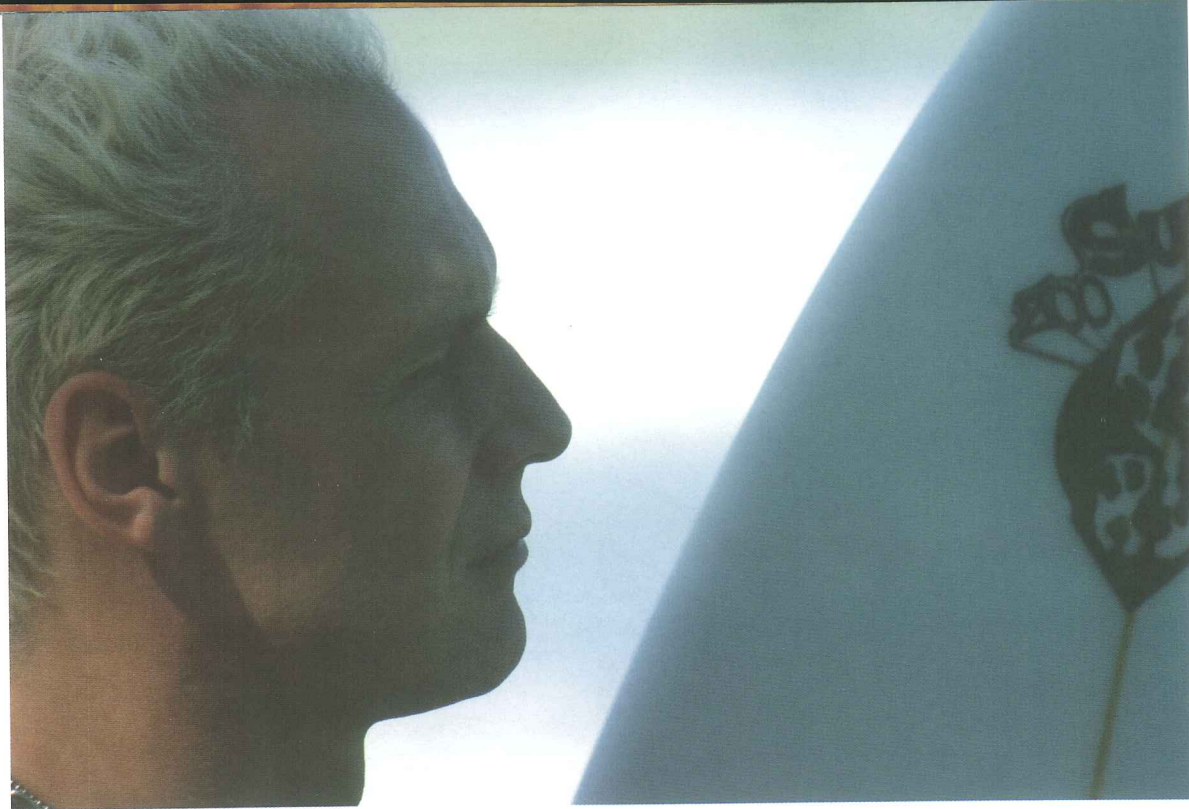
alpha line
 Central de Vendas
 0800 7041990

X-Run

Rush

X-TREME RADICAL
 SPORT VISION

João Kairallá - Vice-Campeão Mundial FreeStyle



Você usa algum tipo de droga para escrever ou tocar?

Eu não preciso de nenhuma droga para me inspirar, nunca precisei. Não acho que algum tipo de droga faça bem. Mas acho ridículo a bebida ser liberada e a maconha não. O álcool faz muito mal, bebo raramente e não supporto cigarro também, acho ridículo. Tem que ser moderado nas coisas, a vida tá aí para ser vivida.

Na sua opinião, maconha vicia?

Eu acho que não faz bem... não vem falar pra mim que faz bem porque não faz, você tá pondo fumaça no seu corpo. Agora, eu fico indignado de ver um cara no *Jornal Nacional* falando: "Um maconheiro bé-bé-bé...", com uma cara inchada que você vê que, quando acaba o trabalho, ele vai tomar um uisquê. Pra mim ele é um "uisqueiro". Vai tomar no cu, puta hipócrita!

Você completou os estudos?

Fiz tudo. Acho até que eu fiquei famoso antes porque estudei em vários colégios também e já ia fazendo a minha fama. No São Luís, foi o pior, fui convidado a me retirar. O padre falou que minha mãe falava de pornografia na TV Mulher. Aí eu falei: "Você é um padre bicha enrustido". Xinguei o padre na frente de todo mundo e falei "vou embora dessa merda". Foi a melhor coisa que eu fiz. Aí cheguei a fazer economia na PUC, e da PUC para o mundo, para o Hawaii!

Já trabalhou em escritório?

Não, sem condição. Prefiro trabalhar força brutal. Já fui jogador de futebol profissional da segunda liga lá nos Estados Unidos, e trabalhei de pedreiro, na verdade demolidor. Ganhava 20, 25 dólares a hora, amigo! Punha na Rádio Rock e ficava martelando a porra com raiva do mundo. Batia que nem louco, era esporte... Geralmente era banheiro que eu demolia. Punha a máscara para o pó e ficava batendo o dia inteiro. Daí fazia uns shows no fim de semana e

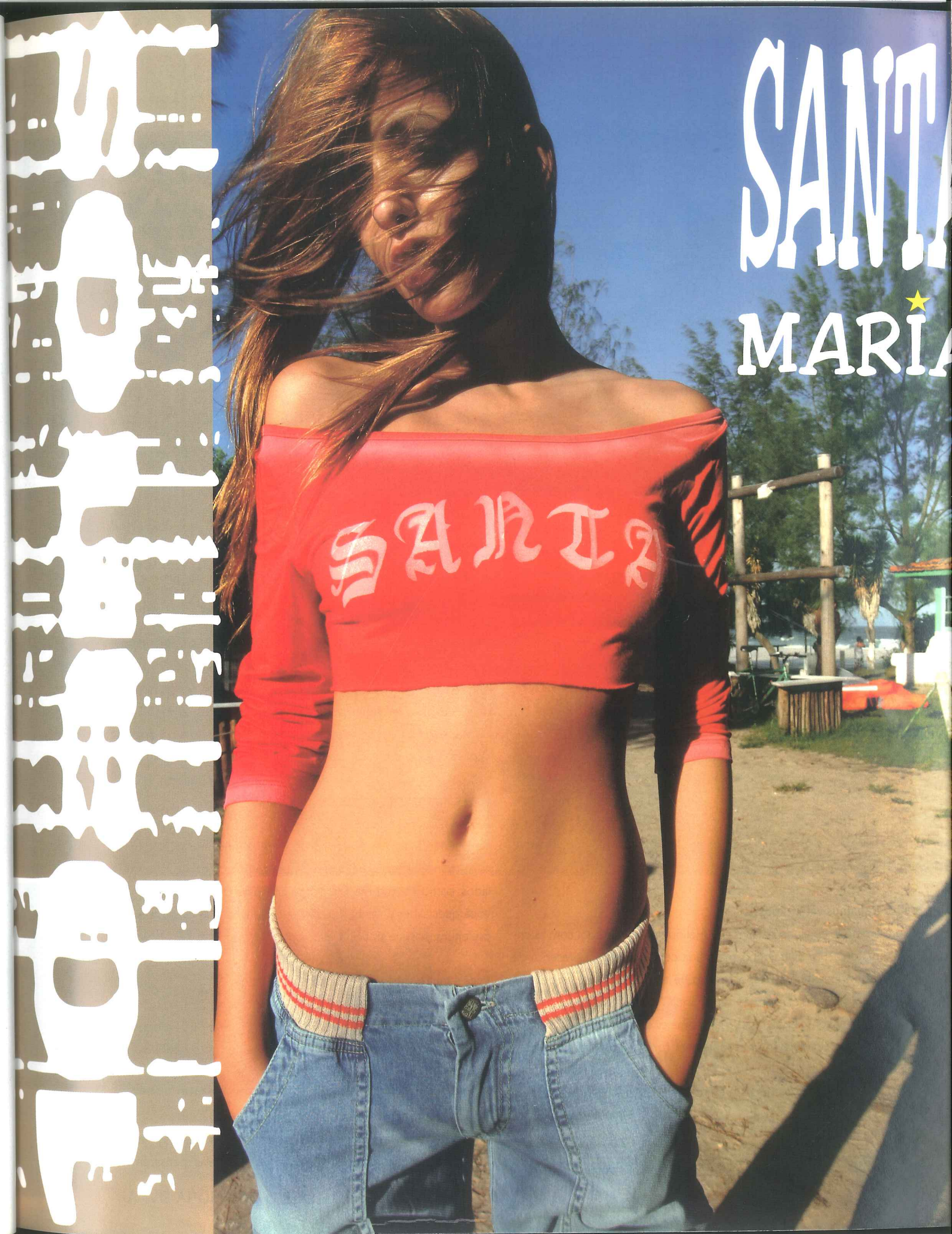
tirava uma graninha. Também trabalhei na loja de motocicleta do cara que tocava guitarra comigo e vendi camiseta. Lá em Nova York eu fiz de tudo, só não chupei pau e dei a bunda.

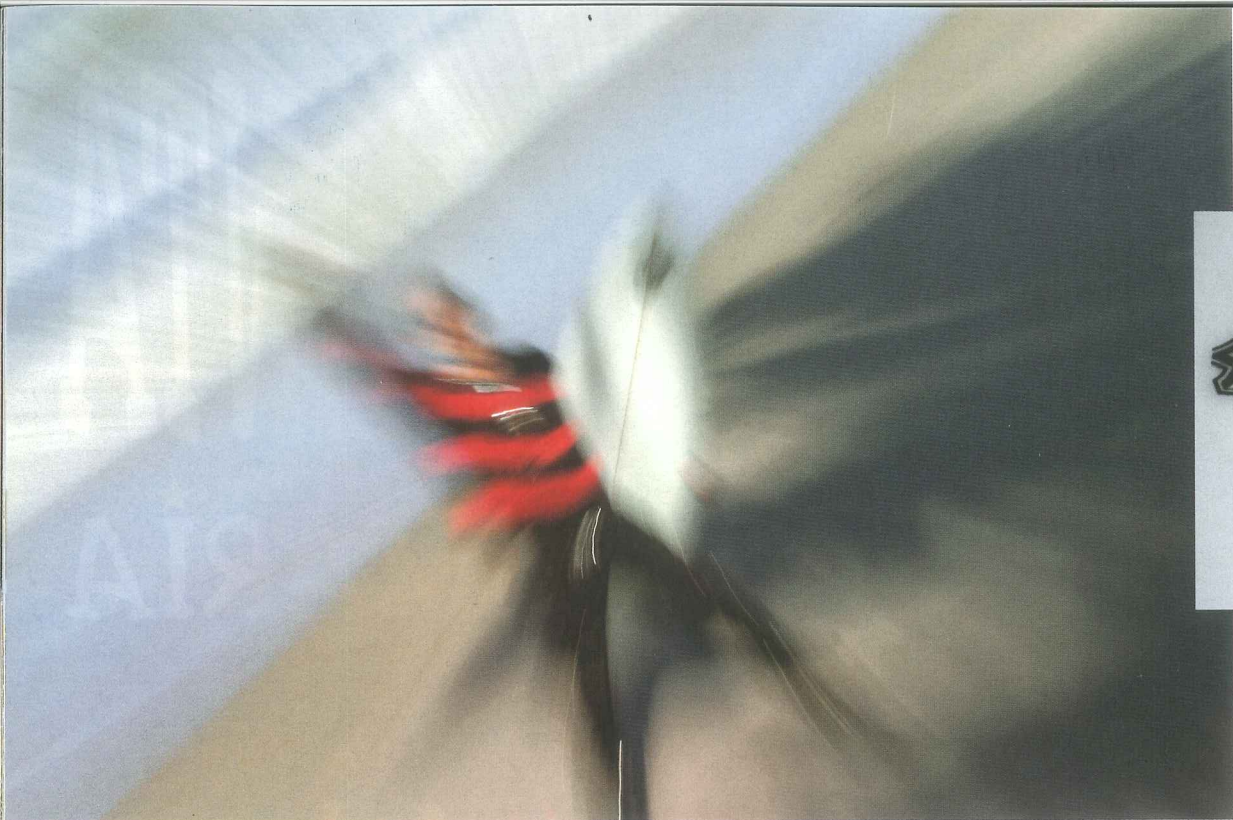
Como é o seu dia-a-dia aqui no Brasil?

Tem época que eu trabalho muito, tem época que eu descanso... mas tô sempre trabalhando. Aliás, é uma mentira falar que eu descanso, eu detesto descansar. Até quando eu vou para o Hawaii para descansar acabo trabalhando. Gosto de acordar cedo, tipo umas 8 e meia, e aproveitar o dia... já ir dar uma corrida e ficar pronto pro dia.

E o clipe que você fez recentemente no Hawaii, como rolou?

Esse clipe é do disco *Bossa Furiosa*, e a música eu fiz lá quando tinha 16 anos naquela minha primeira viagem, se chama "Hawaii". Quem fez o vídeo foi o Mike Prickett (*diretor de fotografia de Billabong Odyssey, 2003*). É até uma história engraçada, porque eu não fui para fazer clipe nenhum, fui para pegar onda, passar o ano-novo, que eu não ia há muito tempo. Cheguei lá, cruzei o cara, e ele queria fazer o clipe. Toquei a música para ele, mas falei que tinha que ter uma menina no vídeo, só que não podia ser japonesa e nem americana, tinha que ser havaiana. Aí eu vi uma mina surfar em V-Land e falei: "Nossa, essa é a menina!". Eu me lembro que cheguei nela pra falar e os nativos já chegaram a toda. Então expliquei que tava fazendo um vídeo, e conversei com a menina, tudo bem. A cena mais engraçada foi eu levando o meu vídeo de "Garota de Berlim" para mostrar para a família dela que a história toda era real, e eu falava "não se preocupa, não vai ter beijo, não vai ter nada, é só ela surfando comigo e tal". No final os caras adoraram, fiquei até amigo da família dela, e o pai é um shaper antigo e pega umas puta onda grande. Mas eu fiz praticamente tudo independente... imagine se eu tivesse numa gravadora, quando iam me liberar dinheiro pra fazer no Hawaii? Foda-se, eu mesmo peguei e eu mesmo investi. Você tem que ir atrás das coisas, cara!





Quais são os novos projetos?

Eu tô preparando um disco que só fala de mulheres, um disco de versões. Terminei de gravar agora e acabei de fazer a capa em Nova York com a minha namorada. Quem tirou a foto foi o Bob Gruen, um dos maiores fotógrafos de rock'n'roll de todos os tempos. Eu nunca paro. Trabalhar você tem que estar sempre trabalhando a mil. Agora talvez eu vá para o Japão, preparar o DVD *Supla Around the World*, com clipe em Berlim, Los Angeles, Las Vegas, Nova York, Hawaii, São Paulo, Rio de Janeiro e Japão.

Você se irrita com os problemas de cidade grande?

Fico chateado não é com a cidade grande, fico chateado quando vejo que a cidade tá precisando muito se arrumar, quando vejo a periferia, que é uma parte esquecida. Fico chateado com isso, com a falta de distribuição de renda do país, porque não é só em São Paulo, mas no Brasil inteiro, e o que eu posso fazer pra melhorar eu faço.

Você realiza trabalhos voluntários?

Tem um time que eu ajudo na favela de Heliópolis, jogo futebol com as crianças, dou uma força, um dinheirinho, mas nada demais. É mais a presença de estar lá, dando um incentivo ao esporte. Porque é muito fácil de as pessoas desviarem dos seus caminhos, por não terem muita opção. Não tô salvando o mundo e tenho total consciência disso, mas é uma coisa legal que eu acho que dá pra fazer. Agora a cidade tem um monte de problemas, né, como sempre teve e sempre vai ter. Sei lá. Se você me perguntar se eu vou ajudar a minha mãe na campanha, é difícil, não quero me envolver.

É difícil ser filho de mãe prefeita?

É difícil, e de pai senador também. Se pra amigo meu... tem cara que vai

perguntar: "Pô, você pode falar com o Supla sobre tal...". Se pra eles é fogo, imagina para mim. (*Silêncio.*) Sei lá, é difícil mesmo, porque é a mãe da gente.

Estão falando muito dela por causa das obras na cidade de São Paulo nos últimos meses. Você acha que até o final do ano as coisas melhoram?

E do bilhete único, você não vai falar? As obras são para melhorar. Acredito que na parte da Rebouças, 9 de Julho e Faria Lima o trânsito vai andar muito mais. A grande verdade é que São Paulo já tinha que ter metrô há muitos anos atrás e não foi feito porque outros políticos, de outros partidos, não acharam importante, ou preferiram investir em outra coisa... no próprio bolso.

Você cobra dela alguma coisa?

Eu não cobro nada, cara. A única coisa que eu falei pra ela antes de ser prefeita foi: "Mãe, ninguém gosta do prefeito, ninguém!". Não tem como agradar todo mundo, é muito difícil! Eu já sabia como ia ser. Mas acho que tem os dois lados, como ela mesma fala: "Você cria pele de jacaré e vai trabalhando". Se você quer saber a minha opinião sincera, acho que ela tá fazendo uma ótima prefeitura, porque trabalha que nem uma cachorra.

Você é muito apegado à sua mãe?

À minha mãe e ao meu pai, gosto muito da minha família. Eu acho que para qualquer filho, quando nasce, é muito importante os primeiros cinco anos de vida. O que vai formar o menino ou a menina pra o que ele/a vai ser na vida é o amor que eles vão receber de pai e mãe.

Qual a sua missão aqui?

Trazer entretenimento e diversão para as pessoas, fazer elas rirem. Diversão, eu digo, uma boa música, e fazer elas pensarem enquanto se divertem também.

A GRANDEZA AGUARDA AQUELES QUE SE RECUSAM A CORRER DO MEDO



Eraldo Gueiros - Jaws



A WG APOIANDO O SURF BRASILEIRO



Garroppa

surf cidade

Por Daniela Santarosa
Fotos Pedro Felizardo e Adriano Becker



Clássico swell de inverno na Silveira



FOTO ADRIANO BECKER

Um dia clássico na Silveira

"Volte sempre", diz a placa dispensável na saída de Garopaba. Afinal, é impossível recusar esse convite. Distante 79 quilômetros de Florianópolis, Garopaba possui incríveis praias junto às montanhas, rica vegetação e ondas perfeitas que podem alcançar facilmente os 10 pés. É um paraíso esculpido pela água, pelos ventos e por todas as forças da natureza, que, caprichosamente, criaram formas perfeitas, paisagens impactantes e desfrutáveis, como as praias do Gamboa, Siriú, Garopaba, Preguiça, Silveira, Ferrugem, Barra, Ouvidor e Vermelha, que integram o que pode ser considerado uma das mais autênticas surf cities do país.

Estresse é palavra proibida aqui, e fluidos negativos logo se diluem no mar. Passar alguns dias nessa terra é transformar adrenalina em serotonina, pensamentos em meditação, expiração em inspiração. A magia de Garopaba está na simplicidade de circular despreocupado de havaianas, de pegar um swell clássico na Silveira, desmaiar numa rede no final da tarde e comer o tradicional sonho de mu-mu (doce de leite) na padaria da esquina. Tudo isso, é claro, movido ao som de Bob Marley. Aliás, se o rei jamaicano fosse brasileiro, provavelmente viveria por aqui.

Sair para a balada, definitivamente, não é a opção mais indicada para quem quer curtir o astral do lugar. No máximo, uma cerveja e churrasco com os amigos. O bom é curtir o céu estrelado, deitar cedo e acordar mais cedo ainda, cheio de energia para pegar uma praia. Depois de uma granola caseira, juntar as tralhas e escolher um dos picos para surfar é missão mais do que prazerosa.

Relógio e telefone, aqui, são objetos de decoração. Não há horário para almoçar, para jantar, não há horário para nada. Quando o estômago sinalizar, o negócio é escolher um dos restaurantes que oferecem o famoso PF (prato feito) para matar a fome de leão, algo bem comum em dias de remadeira.

Conhecendo a história de Garopaba

Reduto de ripongas, surfistas e mochileiros que enfrentavam estradas esburacadas e mal desenhadas no mato para alcançar esse paraíso catarinense na década de 70, Garopaba também foi palco da transformação típica dos points litorâneos, e passou a contar com uma população flutuante em torno de cinco vezes maior na alta temporada. Mas nem por isso perdeu sua veia roots e seu charmoso jeito de vila de pescadores misturado com visual de praia australiana. O chão batido, por exemplo, foi preservado na maioria das praias, e continua sendo a alegria dos postos de lavagem de automóveis e das oficinas mecânicas. Para os desavisados, isso pode parecer um retrocesso. Porém, a intenção dessa medida é preservar a natureza e o visual do lugar. Há quem suspeite que se trate, também, de uma ação proposital, ideal para afastar turistas mais afoitos. O apicultor gaúcho Rudi Reinert, que chegou no Rosa em 1979 — sendo um dos primeiros surfistas "estrangeiros" —, hoje residente de Garopaba, confirma a tese. "O asfalto descaracteriza. É frio, feio, não deixa a água ser absorvida pelo solo. E se a invasão já é além da conta sem calçamento, imagine com", confirma Reinert, ecomilitante do local.



FOTO FELIPE MELTRACCHI

Praia da Ferrugem

Com a palavra, os nativos:

"No verão, o bicho pega. Mas na maior parte do ano isso aqui é tranquilo. Tem dias de pouco serviço que a única coisa que dá é ficar esperando o tempo passar." David de Souza Reis, 32, trabalha na construção de casas.

"Cidade grande dá câncer. Aqui, quando morre, é de morte morrida mesmo, sem essa de doença de engravatado." Luís Rodrigues, 65, trabalha num dos famosos mercadinhos.

"Tendo peixe pra pescar e minha horta, não preciso de mais nada. A única coisa que eu queria era poder comprar um carro novo, porque o nosso tá muito velho, é de 83." Jurandir Nascimento, 43, pescador.

"Se tem onda, vou surfar. Aí fico até umas 11 horas... mas isso depende, né! Porque se tem trampo, uns bicos eu arranjo por aí. Vou esperar chegar o verão pra tirar uma grana." Cléber Neto, surfista e morador de Ibiraquera.

"Não gosto muito de quando vem pessoal de fora e escolhamba com o preço das coisas. O único bom disso é que a gente aluga umas casinhas e tira o sustento do ano. Mas o inverno também às vezes é ruim, muito parado." Adriana Alves, 29, dona de casa.

"Aqui tem a Silveira, uma onda animal, que quebra muito constantemente no inverno. Tem a Ferrugem, que, quando o vento é nordeste, sempre tem uma valinha com boas condições de treino." Felipe Ximenez, destaque do surf local.

Haoles?

Gaúchos, argentinos, paulistas e cariocas, nessa seqüência, se apaixonaram de cara e não pestanejaram ao largar tudo para desfrutar de uma vida simples e tranquila. Não há estatísticas oficiais, mas estima-se que, anualmente, dezenas de novos moradores montam suas casas no município de 111 km², que hoje, conforme dados da Prefeitura, tem cerca de 12 mil habitantes. No verão, a população pode chegar a 100 mil.

Criar os filhos pisando na areia e respirando ar puro foi a opção de um dos mais ilustres habitantes de Garopaba. Marco Aurélio Raymundo, o popular Morongo, é proprietário da maior fábrica de roupas de neoprene da América Latina, a Mormaíi. "Eu tinha me formado médico e achei que poderia ser mais útil em Garopaba do que em um grande centro. Naquela época não havia aqui



FOTOS PEDRO FELIZIANO



À esquerda; o proprietário da Mormaii, Morongo, que mudou-se para Garopaba nos anos 70, ao lado, vista aérea do pico

nenhum tipo de assistência médica. Também queria criar meu filho em um ambiente mais tranquilo. E, claro, poder abrir a porta e dar de cara com o marzão também não é uma má idéia", resume Morongo, que mudou para Garopaba na década de 70.

A empresa nasceu de uma necessidade do surfista, já que a água fria prejudicava o desempenho no surf, e, para não encarangar, ele começou a confeccionar seus próprios trajes de neoprene, que mais tarde venderia sob encomenda para os amigos. Desse jeito descompromissado nasceu a marca de surf mais poderosa do país. Após 25 anos de mercado, a Mormaii é uma fábrica de 6.000 m², com 30 lojas no Brasil e no exterior, e R\$ 60 milhões de faturamento anual. A evolução de Garopaba, inclusive, confunde-se com a da empresa. "A criação de uma forte indústria ligada ao surf modificou o paradigma da cidade. Era uma pequena vila de pescadores e se tornou um grande pólo turístico e surfístico", diz ele, que acredita ter investido a vida nisso.

Paulo Sefton, outro gaúcho obcecado por surf e radicado no município, há 25 anos já estudava com irmãos e amigos os mapas do litoral catarinense em busca de picos de surf. Ele, que já foi diretor de Turismo de Imbituba (município vizinho que faz limite ao sul com Garopaba), é empresário do ramo imobiliário e adepto do ecoturismo. "Recentemente criei o projeto 'Guardiões da Barra', que consiste em limpar a praia, instalar lixeiras, disciplinar o trânsito de veículos e proibir animais na praia." A Semana Nacional da Baleia Franca – que

é um dos principais eventos turístico-ecológicos da região – também integra seu rol de idealizações.

Sefton, que é vice-presidente da Associação de Surf de Imbituba e ex-campeão brasileiro de longboard, pega onda desde os 11 anos (hoje tem 49) e se emociona ao lembrar o crescimento do esporte. "Nos idos dos anos 60, quando surfávamos de madeirite e longboards com mais de 10 quilos, dar uma virada na base da onda e deslizar numa parede era o máximo. Hoje, assistir a uma disputa entre o campeão mundial Andy Irons e Joel Pako, por exemplo, é de ficar muito impressionado." E menciona o fato de Imbituba ter sido escolhida para sediar a final do campeonato mundial no ano passado, devido à falta de condições em Florianópolis. "Isso revela que Garopaba é, certamente, a surf city do Brasil e que esse esporte está muito consolidado. Em breve, acredito, teremos um campeão mundial."

A disputa pelo título

No ano passado, sob polêmica, o plenário da Assembléia Legislativa de Santa Catarina aprovou um projeto de lei que reconhece o município de Garopaba como capital catarinense do surf. O título foi disputado por Florianópolis, Laguna e Imbituba, e ainda recebe muitas críticas por ter sido dado a Garopaba. O presidente da Federação Catarinense do Surf, Xande Fontes, por exemplo, discorda: "Garopaba fica com um título que é falso. Não



Dr. Morongo no quintal de casa

é justo Garopaba ser denominada a capital porque o município deve mais para o surf do que o surf deve para a cidade", reivindica o florianopolitano. Ao mesmo tempo, muitos surfistas e simpatizantes do surf comemoraram a vitória do título e defendem o município. É claro que é difícil definir qual a capital mais surf do Brasil: Garopaba, Rio de Janeiro e Florianópolis, entre outras. No entanto, não dá para negar que Garopaba tem uma cultura de praia própria e que continua sendo a preferida de muitos amantes do surf de alma.

Pistas de competições

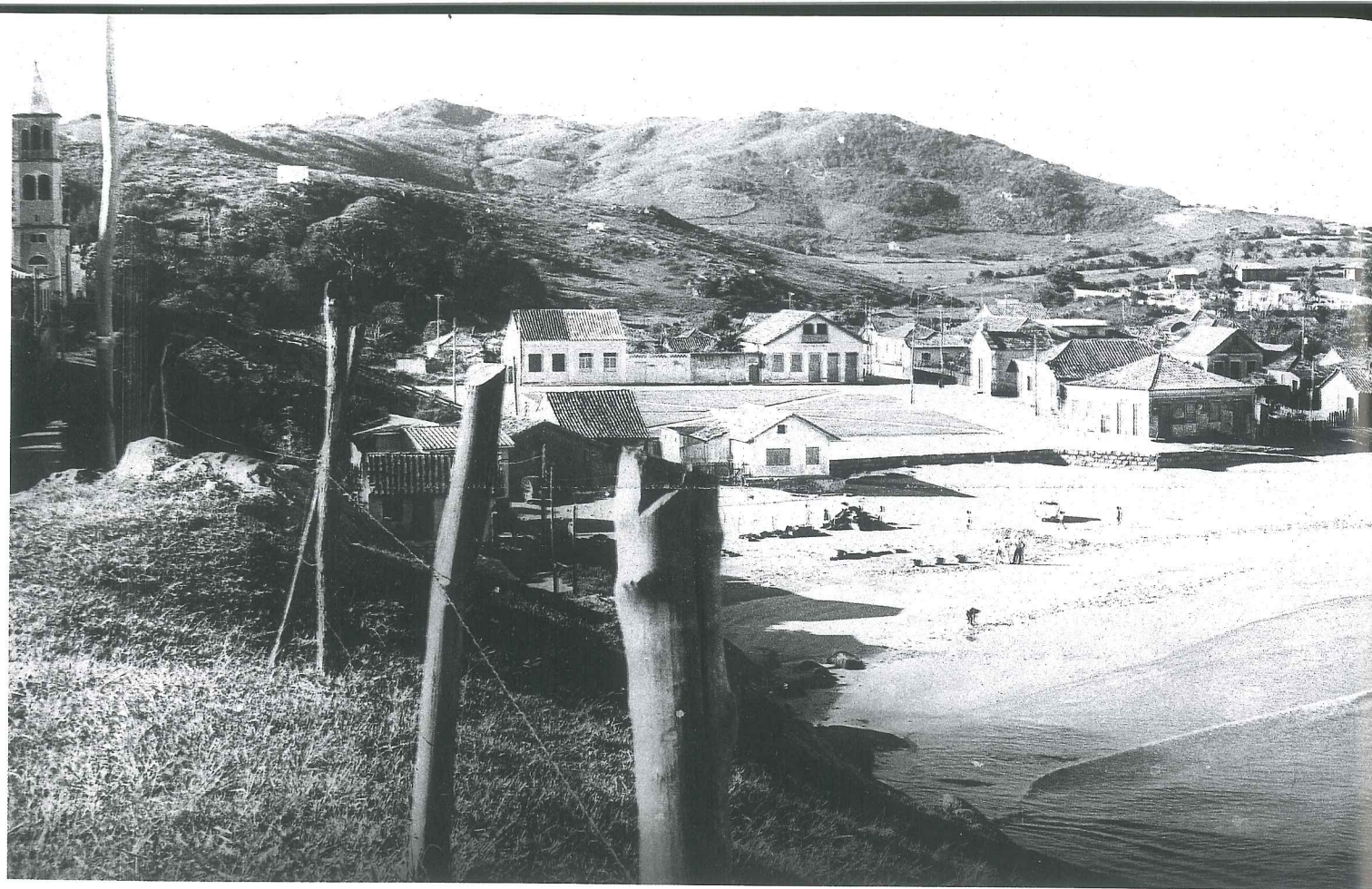
As ondas de Garopaba e Imbituba são pistas encapeladas para campeonatos. A cada disputa, surgem novos talentos e confirma-se o bom nível de alguns nomes. É comum cruzar dentro d'água com atletas como Felipe Ximenes, Roni Ronaldo, Guilherme Herdy, Stéfano e Rodrigo Dornelles, James Santos, entre outros –, como os gaúchos Gabriel Ribeiro, Felipe Martins, Werner Kinas, Wagner Aires e Nick Barcellos.

Otomar dos Santos, atual presidente da ASG – Associação de Surf de Garopaba – organiza eventos e é um entusiasta do esporte. "O nível técnico e o número de atletas não param de crescer. Na terceira etapa, tivemos quase 100 inscritos", informa. Outra entidade que atua fortemente no incentivo e na divulgação do esporte no estado é a Fecasurf – Federação Catarinense de Surf. Segundo o diretor de comunicação da entidade, Marco Aurélio Gungel,

outra função é elevar a qualidade dos atletas. Resultado disso é que a equipe faturou dois títulos brasileiros por equipe (em 2001 e 2003) e já venceu a primeira etapa deste ano. "Seguimos os padrões da International Surf Association (ISA) e da Associação de Surf Profissional (ASP). Em 2004, promoveremos o primeiro curso para futuros juízes de surf", salienta Gungel. Mais um sinal de que Santa Catarina está bem na foto e é referência no cenário do surf brasileiro.

Garopa de ponta a ponta

Garopaba, suas nove praias (incluindo a própria) e as demais vizinhas, que fazem parte de Imbituba, não cabem em palavras. Impossível descrever o contraste do azul do céu com o verde das paisagens; a multiplicidade de cheiros do mato intocado; o brilho das lagoas e da água sempre cristalina do mar; o som dos carros de boi nas estreitas estradas e, é claro, a beleza da mulher sulista. É preciso se deixar tocar pela magia do lugar e aproveitar as muitas opções, além das ondas da surf city. O que não falta em Garopa são trilhas, passeios ecológicos pelos morros e esportes de aventura. Para o marinheiro de primeira viagem, vale contatar os vários agentes de turismo da região, ou, se for mais descolado, troque uma idéia com os nativos, que vão lhe passar as quebradas certas.



Garopaba nos anos 70...

Vale lembrar que, para o surf, a melhor temporada é a de inverno – principalmente entre os meses de maio e agosto –, no entanto não esqueça: é o Sul, e o frio pega de verdade. A água é fria e o vento, gelado, mas o solzinho de inverno sempre aparece, portanto a roupa de borracha é indispensável para quem quiser se divertir sem encarar nesses mares.

Hospitaleiro, o povoado de Garopaba aluga suas casas para aqueles que preferem entrar no clima por valores bem acessíveis. No verão o tempo é quente, e quase sempre chove no final de tarde. É nessa época que o cenário fica completo: boas ondas, sol e lindas sereias na areia – uma característica peculiar do litoral catarinense.

A invasão dos turistas no verão incomoda um pouco a rotina local, no entanto é do turismo que grande parte das famílias vive. Em Garopaba tudo é muito relax, mas é importante ressaltar que o visitante deve ter consciência de que lugares como esse não estão sobrando no mapa-múndi. E quem vive lá avisa: "Garopaba está aberta para que venham visitantes conhecer suas praias, suas ondas e sua natureza, mas vai estar sempre com a porta fechada aos mal educados, que vem aqui jogar lixo na areia, andar de camionete nas dunas e desrespeitar a cultura do povo", alerta Felipe Ximenes, surfista local.

Os picos...

GAROPABA – A praia que dá nome ao município é também a mais cosmopolita e, ao mesmo tempo, a mais família. O centrinho de Garopaba possui uma avenida principal, e ao redor encontram-se lojas, restaurantes, surf shops

e serviços em geral. A Gelomel (lanchonete mata-laricas em geral) e a Cia. dos Mousses são paradas tradicionais. A principal característica dessa enseada são os 2 quilômetros de extensão. Dois pontos referenciais são a Igreja Matriz – erguida sobre uma pedra – e a Vila dos Pescadores, ambas no canto direito, onde fica o morro do Siriú. Em Garopaba raramente dá onda, o que mais se vê é banana-boats, jet-skis, lanchas e a meninada de planonda.

SIRIÚ – Vizinha ao sul da praia da Gamboa, foi há alguns anos incorporada ao Parque Nacional da Serra do Tabuleiro, considerada área de preservação permanente. Essa medida garante as características naturais da praia, que apresenta formação em triângulo de dunas enormes, perfeitas para a prática de sandboard. Para o surf, o Siriú é um pico pouco consistente, servindo de opção nos dias de crowd. Tem fundo de areia e funciona melhor com swell de leste, nordeste ou sudeste. As ondas variam de 2 a 5 pés.



... a mesma vila, 30 anos depois



Praia da Silveira, principal pico de surf de Garopaba

GAMBOA – Localizada no extremo norte, é de difícil acesso e distante 15 quilômetros do centro, entre morros e montanhas. A estrada é belíssima e possibilita avistar toda a praia. Mar aberto, um pouco perigoso para banhistas, mas bom para surfistas (como na maioria das vezes...). Abriga uma comunidade hospitaleira que se dedica à pesca. Depois de Garopaba e Ferrugem, é a praia que mais cresce na construção civil. Perfeita para quem procura sossego.

PREGUIÇA – Como o nome avisa, é um recanto pequeno e calmo, localizado no final da praia de Garopaba. A Vigia é um bairro formado por casas de arquitetura moderna, que contrastam com as deslumbrantes paisagens. Ali encontra-se a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, visita indispensável.

SILVEIRA – Conhecida mundialmente pelo clássico point break de direita, é vizinha ao sul da praia de Garopaba. O point é unanimidade entre os surfistas do Sul e de grande parte do Brasil. Com um visual de tirar o fôlego e rica em vegetação, a praia quase nativa guarda encantos únicos. Rodeada de montanhas, a Silveira consegue se manter livre da urbanização e é uma das mais desabitadas. Nos dias de swell grande, a entrada pelo outside é pelas pedras do canto direito. As condições ideais são com ondulação de sul, acompanhada de ventos do quadrante sul. O problema é a multidão que se aglomera para disputar esse canto. Mas vá preparado com uma prancha acima de 7'0, pois o

tamanho das ondas pode passar dos 10 pés. Se o vento soprar de sudeste ou leste, encare o meio da praia, com ondas rápidas que nem guilhotina. E se for de nordeste, vale a pena conferir o canto esquerdo. "Devo muito à Silveira. Foi ali que peguei as primeiras ondas de maior qualidade de minha vida. A onda é diferente, por causa do fundo de pedra, e exige um surf high performance", ressalta Rodrigo "Pedra" Dornelles, 4º no ranking do Super Surf 2004 e 30º atual do WQS.

FERRUGEM – A Ferrugem explodiu em crescimento nos últimos anos e, segundo a Prefeitura, é a segunda mais habitada do município. Localizada a 5 quilômetros do centro de Garopaba, no verão a praia é lotada de turistas em busca de baladas noturnas. O canto norte, onde boas ondas rolam com swells de leste ou sudeste, variando de 2 a 7 pés, é protegido do vento nordeste, que não interfere na formação das ondas. Nos menores dias, o acesso ao outside é feito pelo canal no canto esquerdo. No inverno a Ferrugem é uma boa pedida!

PRAIA DA BARRA – Pequena praia no sul da Barrinha. O fundo é de areia e as ondas quebram tanto no canto esquerdo quanto no direito, com canal que facilita a entrada para o outside. No entanto, acima de 6 pés as séries costumam fechar inteiras. É indicada para surf treinos nos dias de swell pequeno ou quando o crowd fica insuportável nos outros picos.

FOTO PEDRO FELIZARDO



Praia da Barra

FOTOS PEDRO FELIZARDO



Felipe Ximenes

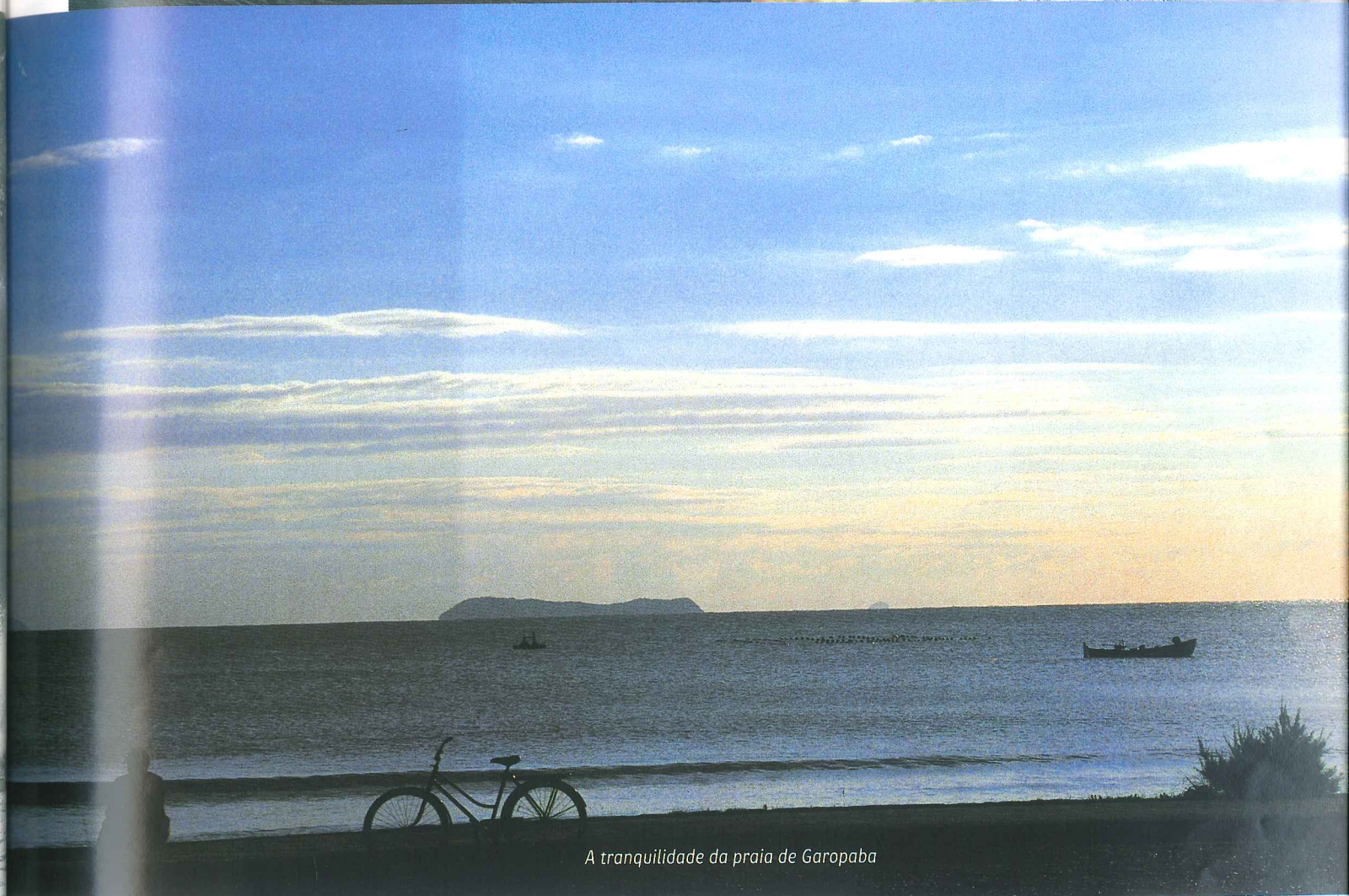


Jacarta



Silveirão

FOTO ADRIANO BECKER



A tranquilidade da praia de Garopaba

FOTOS PEDRO FELIZARDO



Água azul, areia limpa e mata verde

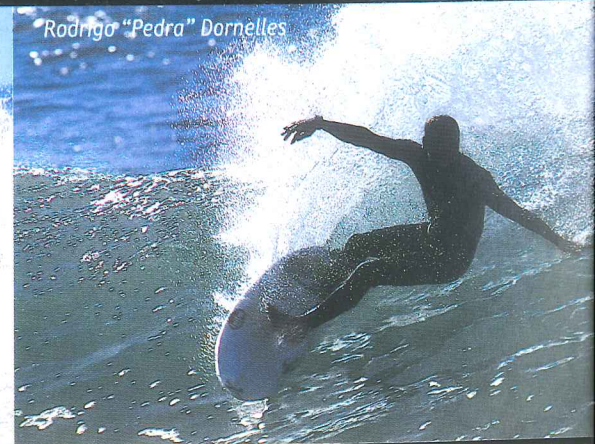


As gurias

Tânio Barreto



Rodrigo "Pedra" Dornelles





Arquitetura local

FOTOS: PÉRIE / LABDO



Lagoa da Ferrugem



Pescador local

FOTO: LUIZ CARLOS FELZARDO

BARRINHA – Com uma extensão de 800 metros, é separada da Ferrugem por um pequeno morro e pela lagoa da Encantada. Ali, o mar é aberto, com forte correnteza. As melhores condições para surf são com swell de sul, que pega de terra nas esquerdas. As ondas podem variar de 2 a 6 pés. Vale a conferida quando o vento está fraco, pois sempre surgem umas valas no meio da praia. Uma curiosidade: de cima do morro, a vista é alucinante e abriga um antigo cemitério indígena.

OUVIDOR – Essa é a praia de menor extensão de Garopaba, com 800 metros de areia. Distante 12 quilômetros ao sul do centro, o Ouvidor é uma praia linda, cheia de pinheiros e dunas, além de surpreendente para o surf: nos maiores swells, com formação regular; as ondas chegam a 6 pés, perfeitas. O acesso se dá por uma estradinha de chão batido, entre coqueiros e mata virgem.

As famosas vizinhas de Garopaba

Garopaba tem vizinhas que qualquer um gostaria de ter no quintal de casa. A praia do Rosa, por exemplo, é a menina dos olhos. Considerada uma das mais charmosas, faz parte do município de Imbituba (embora muitos achem que faça parte de Garopaba). O Rosa, como é conhecido, foi adotado principalmente pelos gaúchos, proprietários da maioria das pousadas. Para o surf, no canto norte (Rosa Norte), as ondas são mais "gordas" e variam de 2 a

8 pés, e há canal. Rolam altas, com swells de leste e vento nordeste. O canto sul (Rosa Sul) virou point de dia e também à noite, no verão. Quando o vento é sul, o canto é esse: boas ondas de 2 a 10 pés, bem protegidas do vento sul por causa do morro. Sobre o crowd, é melhor não comentar... Vale lembrar que, durante os meses de agosto e setembro, a visita de baleias francas é atração local.

Já a praia Vermelha é um bom exemplo de que dinheiro não traz, mas compra felicidade, e que felicidade! Trata-se de uma praia particular de área limitada (os proprietários são membros da família Johannpeter, do grupo Gerdau). É protegida do vento sul, e as ondas rolam quando o vento é leste, fraco ou médio. Predominam as esquerdas.

Um dos picos mais clássicos de Imbituba para o surf é a praia da Vila. As ondas são versáteis, boas para todos os boardsports. No inverno, com swells de sul, grandes, e vento nordeste, que é terra, as ondas podem chegar a 15 pés, predominando as direitas. Com swells de leste, predominam as esquerdas de 3 a 8 pés em direção ao meio da praia. Suas direitas são comparadas a Sunset, trazendo orgulho para os catarinenses. Cenário da etapa do internacional WCT em 2003, a Vila mostrou que em termos de cultura de praia a gente está bem.

Há também a praia do Porto. Nos molhes formados a partir de destroços de um navio encalhado, rolam ondas de 2 a 6 pés, com swells de leste e vento sul, que entra de terra. Outro destaque é a praia do Luz, eleita pelo *Guia praias 2004* como a 5ª melhor praia de surf no país – a campeã foi a Cacimba do Padre, seguida da Joaquina, da Guarda do Embaú e da Silveira. Claro que o júri é um pouco suspeito: o catarinense Flávio "Teco" Padaratz, mas tudo bem... No Luz, com swells de nordeste e vento nordeste, as ondas variam de 2 a 5 pés, com melhor formação no canto esquerdo. Com swells de sul, as ondas quebram melhor no canto direito. O pico também é procurado pelos surfistas para fugir do crowd nos dias de swell pequeno.

WE CAN HELP YOU FIND THE WAVES...

Brasil
Fone: 11 6128-6868
6965-1492



Denis Machado

FOTOS PEDRO FELIZARDO

Pesca x surf

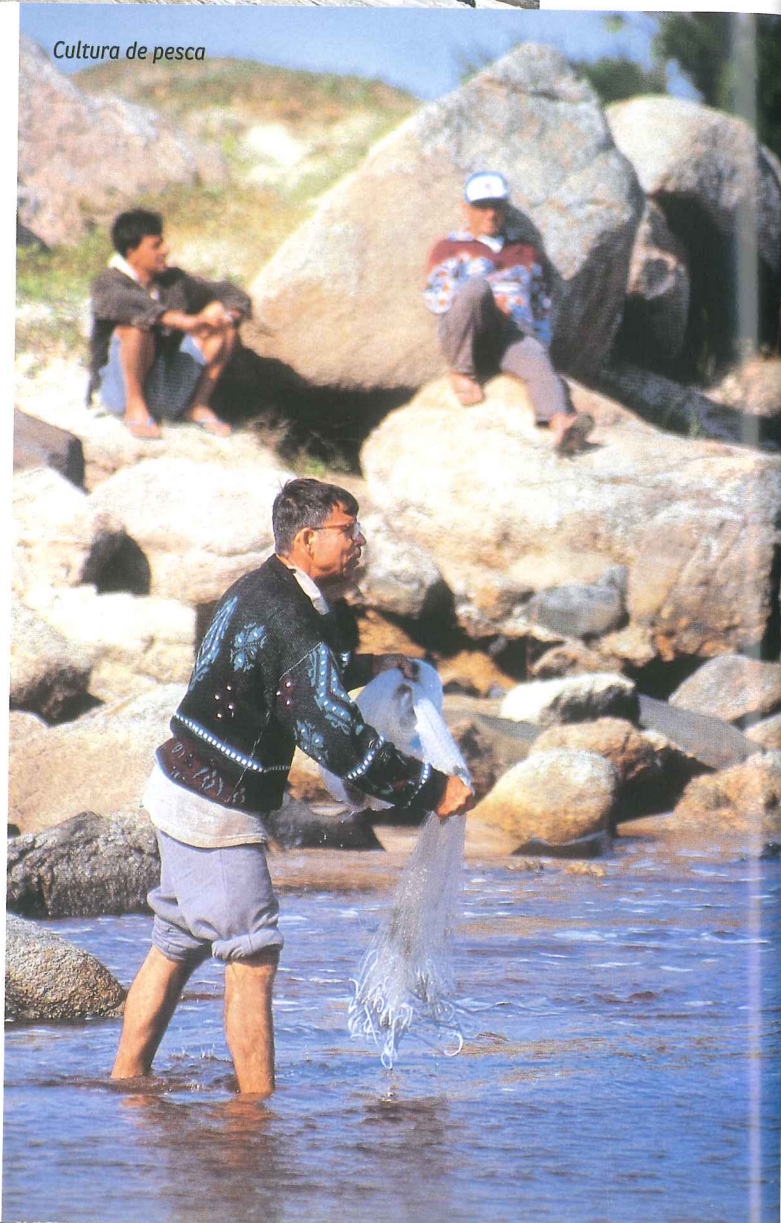
A pesca, uma das principais fontes de renda de Garopaba, sempre gerou brigas fêrrenas entre surfistas e pescadores. De meados de maio até o mês de julho, a prática do esporte recebe restrições em todo o litoral sul do país, para o desespero dos surfistas. A situação, porém, parece ter se amenizado. A Fecasurf e a Federação de Pescadores de Santa Catarina (Fepesc) assinaram, em 2002, um Termo de Compromisso inédito para conciliar a prática do surf à época de captura dos peixes.

A idéia foi apoiada por associações locais de surfistas e pescadores. O sistema é simples, e utiliza bandeiras coloridas (branca ou azul) para indicar, ou não, a entrada no mar. Alexandre Fontes, presidente da Fecasurf, explica que, quando houver ondas inferiores a 1 metro e presença de cardumes, a preferência é dos pescadores. Nesse caso, hasteia-se uma bandeira branca.

A bandeira azul sobe quando houver agitação marítima que impossibilite navegação próxima à linha de impacto, liberando o mar para surfistas, sobretudo quando as ondas ultrapassarem 1 metro. O mais curioso é que, até agora, jamais foi mostrado um estudo comprobatório de que os surfistas espantam os cardumes. O que se sabe é que especialmente os barcos de pesca profissionais – que teimam em capturar peixes em locais impróprios às suas categorias – não são fiscalizados como deveriam.

Casos isolados, inevitavelmente, continuam ocorrendo. O problema é que existe incompreensão de ambos os lados: alguns insistem em surfar na frente dos pescadores, e os pescadores insistem em não permitir o surf. Afinal o surf, da mesma forma que a pesca, fomenta renda, turismo e empregos, e já é parte integrante da cultura de Santa Catarina.

Fonte: Prefeitura Municipal de Garopaba.



Cultura de pesca

Viking Surfboards
The Return, dreams,
adventures, and conquest



Surfista: Diego Costacurta. Foto: Fabio Santos.

vikingsurfboards.com.br



VIKING
SURFBOARDS & WEAR

ZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA
ZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA
ZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA BRAZIL - USA

ROUPA PARA HOMEM



R. SABUJI - Sh HIGIENÓPOLIS - Sh IGUATEMI - DASLU
www.mandi.net - Coleção Inverno 2004 - Showroom (11) 3031.6983

M A N D



JOHN SEVERSON e sua fábrica de sonhos

Por André Cotrim
Fotos Marleny Cotrim
Reproduções copyright John Severson 2004

Tropic Dash

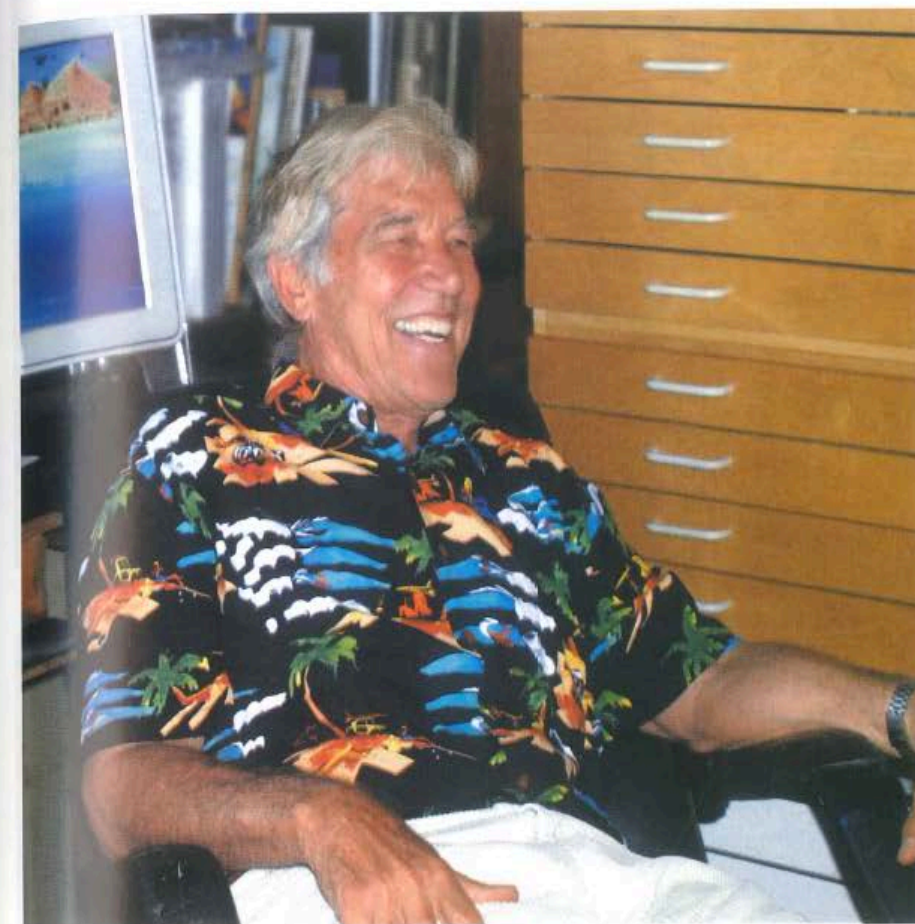


Cheater Five

Quando recebi o e-mail da editora com o convite para participar da produção de uma matéria focalizando arte e surf, fiquei surpreso e, ao mesmo tempo feliz, afinal a *Alma* estava comprando mais uma boa idéia. Começamos listando então nomes conhecidos para contatar quando... pimba! Por que não tentar conectar Mister Surf Art em pessoa? Insistimos no contato e depois de muitos e-mails, telefonemas, dúvidas e perguntas John Severson topava abrir as portas da sua casa em Maui para receber a tal revista brasileira que trata o surf como cultura, arte e estilo de vida. O fundador da revista *Surfer*, que começou sua trajetória numa garagem de Dana Point, Califórnia, em 1960! Mas John Severson não tem apenas esse mérito, sua carreira na criação de sonhos já vinha bombando há muito tempo. A revista foi apenas uma consequência necessária na promoção dos filmes e da fotografia que eram parte do imenso

universo criativo do surfista artista. Fissurado em surf desde a década de 40, ele foi também desenhista, caricaturista, pintor e atleta determinado. John filmou, produziu e narrou os primeiros filmes de surf que revolucionaram toda uma geração na Califórnia e no Hawaii. Filmes em cores, com muita ação e imagens de ondas enormes, filmadas no epicentro do renascimento do surf no século XX. John teve a sorte de ser enviado para o Hawaii na década de 50, com tudo pago pelo Tio Sam. Ao ser chamado para o serviço militar no meio do oceano Pacífico, John, que já surfava, não perdeu tempo. Todo o tempo livre que tinha, dedicava ao surf e às filmagens. Numa época em que Makaha e Sunset ficavam no fim do mundo, esse ávido surfista

conseguiu arranjar um jeito de fazer parte da equipe de surf do exército e passar vários dias da semana na água, treinando para competições contra os times da marinha e da força aérea. A arte teve também seu papel nessa complicada fusão. John conta que a esposa de seu comandante adorava suas pinturas de paisagens paradisíacas, encomendando vários quadros ao artista, que acabou levando vantagem nos favores do oficial superior. Sevo, como é conhecido atualmente, então usou a oportunidade para documentar sessões em Haleiwa, Makaha, Waimea e Pipeline, que nessa época ainda se chamava Arma Hut, por causa do barraco montado bem em frente do pico. Armado desse material imenso, John retornou à Califórnia e passou a viver do cinema, projetando seus filmes em escolas e locais que acomodassem o crowd infernal da galera desesperada por imagens das ondas azuis e quentes.



John Severson em seu atelier em Maui

Inspiração de uma geração

Big Surf, *Surf Safari*, *Surf Fever*, *Big Wednesday*, o original, e *Pacific Vibrations* foram a inspiração de toda uma geração de surfistas que pela primeira vez tinha a oportunidade de pirar com tubos e ondas até então nunca expostos. Foi uma revolução, e a molecada queria mais. John produziu então posters para aglutinar a massa, e pela primeira vez oferecia algo diferente dos filmes mudos exibidos por Bud Browne. Com um toque pop e de vanguarda, a arte espontânea já populava a mente da rapaziada, gerando arquétipos que passaram a fazer parte do surf para sempre. Fred Van Dyke, contemporâneo dessa saga, foi um grande incentivador dos talentos cinematográficos de John. Não que ele precisasse de incentivo, pois já tinha planos para transformar seu panfleto promocional dos filmes numa publicação periódica, vendendo anúncios aos fabricantes e comerciantes

envovidos com o esporte. Ele já estava casado e necessitava uma fonte estável de renda. Sua namorada Louise, que conheceu em Honolulu, também artista dedicada, merecia uma vida estável e digna. Logo, Sevo confidenciou o projeto a sua linda e entusiasmada parceira. "Vamos criar a revista e em 10 anos vendemos o negócio e nos transferimos de volta para o Hawaii", objetivou o artista, que teve o apoio de sua fiel escudeira. Porém, a década de 60 não passou num branco hiato de chatices. Os Severson mudaram, e com sua publicação criaram a face do esporte, transformando sua energia criativa numa indústria imensa. No meio dessa loucura geral, Severson encontrou tempo para ser patrocinado pela Jantzen e viajar



pelo mundo como garoto propaganda, participar de um campeonato no Peru e ainda ganhar uma graninha exibindo um de seus filmes (*Big Surf*) para los amigos peruanos. Nada mau para um recém-casado de 28 anos de idade. Mas essa é apenas uma das centenas de aventuras vividas graças à sua capacidade de sonhar. Em meio a conversas, perguntei se ele já havia estado no Brasil, se conhecia o Peter-Troy e toda essa parte do início do surf nas bandas brasucas. Ele me contou que em 1961 esteve no Rio com uma gang da Jantzen, com um monte de atletas fazendo uma turnê promocional pela América do Sul. Num belo dia, durante a viagem ao Rio, os visitantes foram convidados para um joguinho de basquete amistoso. Ao chegar no local da partida, notou que estavam em um estádio fechado completamente lotado! Pelas faixas da arquibancada conseguiu entender que se tratava de um jogo American All Stars contra a Seleção



Longboard

Brasileira. Tentaram negociar, mas a turma estava determinada a jogar contra os gringos altos e "talentosos". Acabou tudo em samba, e o time brasileiro ganhou o jogo. Sem ressentimentos, Sevo parece ter gostado do Rio. Mencionou o surf no Arpoador, comentando que naquele tempo já havia muito crowd, não podendo surfar.

"Surfer Magazine", uma usina de criação

Enquanto a bossa nova rolava, a revista *Surfer* ia de vento em popa, dominando totalmente o cenário da mídia surf no mundo. No final da década, Sevo já era um milionário, com uma linda casa em Cottons Point, na Califórnia. O staff da revista menciona lendas do artista escapulindo pela porta de traz do escritório para fotografar, surfar, jogar golfe e, é claro, pintar e desenhar. Nesse período de tumulto mundial, a vida sossegada e a paz de John acabaram sendo invadidas por um vizinho pesado.

Richard Nixon escolhia Cottons Point para morar, enquanto não estivesse em Washington. Assim, o surfista de sucesso acabou numa situação inconveniente, cercado de agentes secretos em plena crise do Vietnã, sem poder surfar em frente de casa quando o presidente estava na área. Uma frustração completa, telefone grampeado e ameaças de fechamento da revista. John na época ainda era um camarada conservador e careta. Só foi apresentado à maconha em idade avançada. Entendi que a exposição ao poder e ao dinheiro trouxeram muita pressão a esse sonhador criativo. Meditando e ponderando sobre as vantagens de ter muita grana, parece que essa fase na vida de Severson foi um marco importante, creio que ali ele descobriu que havia mais felicidade na arte do que nos negócios...

Na época, a revista contava com uma invejável clientela de anunciantes, pois o surf já estava maduro e a revista era a única opção para empresas como O'Neill, Gordon & Smith, Hobie, Harbour, Hansen, Wax Research, The Surfers House, Primo, Channin, Infinity e outras. A Califórnia no início dos anos 70 respirava surf; o mercado e o esporte haviam chegado a um ponto em que muita gente dependia do que essa indústria gerava. Nesse período Sevo decidiu dar o pulo do gato e vender a revista como planejado, um ano depois do previsto (ele permaneceu à frente da revista por 11 anos), passou a bola adiante, para um grupo investidor que colocou Steve Pezman à frente da *Surfer*. Na década de 70, Severson ainda trabalhava com filmes, inclusive com algumas tentativas frustradas, apoiadas no dinheiro tentador de Hollywood e *Pacific Vibrations*. Com animações produzidas por Rick Griffin, parceiro de longa data na



Greg Noll em Pipeline, 1963

Surfer, Pacific não deu muita grana (mas ainda pode ser encontrado em vídeo e DVD até hoje). Quem não se lembra daquele olhão surfista fazendo manobras super-radicais numa onda superburacos? Yoonzal! Atual e radical, se parece muito com as imagens idolatradas pelos snowboarders e skatistas. Tudo inspirado e incentivado por Severson. Griffin já se foi, mas sua arte ficou em *Pacific Vibrations*, que definitivamente marcou o início dos filmes de surf psicodélicos e viajantes.

A arte parte para o Hawaii

Com a grana da revista no bolso e uma família pra cuidar, o artista sonhador voltou para as ondas de Honolua, em Maui. A ilha de Oahu já estava muito agitada, e as ondas no North Shore já eram disputadas na porrada. John estava em busca de sossego, muito surf e inspiração para sua arte, que a essa altura já transbordava na vida do surfista. Em

Maui, inicialmente nas montanhas, a família Severson viveu num paraíso com vista para o mar – quem conhece as encostas de Ulupalakua, Olinda e Kula sabe do que estou falando. Maui tem lugares simplesmente alucinantes. As filhas crescendo em paz, uma vida pacata e muito surf produziram um cenário perfeito para o florescimento de um estilo novo, regado a windsurf e as sessões de Honolua que deixam qualquer um totalmente fissurado. A arte de John Severson traduz essa felicidade, o sucesso e a riqueza de ter tempo para levar uma vida simples e dedicada às coisas que muitos surfistas sonham, desenhando ondinhas e picos imaginários nos cantos dos cadernos das salas de aula. Suas pinturas e ilustrações têm como peça principal a essência da liberdade que só quem pega onda sente. Um tubão de backside ou aquele drop

atrasado que conseguimos completar numa onda que pensávamos que nunca iria dropar estão documentados no trabalho deste artista dedicado. Cada imagem lembra momentos que já vivemos ou sonhamos.

Com tudo em cima, os Severson saem mais uma vez pelo mundo, conhecendo o Pacífico e surfando em ilhas inóspitas em Fiji, Nova Zelândia, Nova Guiné, Austrália, Taiti. Por um tempo a família morou numa casa construída numa árvore na praia, coisa de louco para muitos, mas planejamento objetivo para Severson.

John já vinha desenhando casinhas em frente a um point de direitas azuis – quando morava nas montanhas de Maui comprou um terreninho na praia, pertinho de uma das direitas mais perfeitas de que se tem notícia. Ao voltar para casa, vendeu tudo de novo e se mudou para Napili no lado oeste de Maui, desta vez construindo um refúgio que pode



Mickey Munoz em 1959, *The Quasimodo*

ser identificado em muitos de seus quadros. Um local perfeito, com uma vista impressionante. A um passo de Honolulu, John aos pouquinhos foi construindo seu cantinho, com as próprias mãos e materiais alternativos, pintando e desenhando, fazendo gravuras e serigrafias; o sonhador realiza e vive as aspirações de qualquer surfista vivendo em suas pinturas e pintando sua própria vida.

Hoje com 71 anos, John Severson surfa direto, quando o swell rola. Nada de trabalhar 12 horas por dia; o surf vira trabalho e com ele a coisa é séria, o quiver de longboards 9 pés conta também com uma gun para os dias em que o surf fica grande. Ed Angulo é o shaper de quase todas as suas pranchas, segundo Sevo, mas vi também algumas Tuffites (pranchas clonadas) misturadas no rack, ao lado do quarto de dormir do casal. Mas de todas essas riquezas, com certeza, a melhor é conferir o swell da cama, sem se levantar!

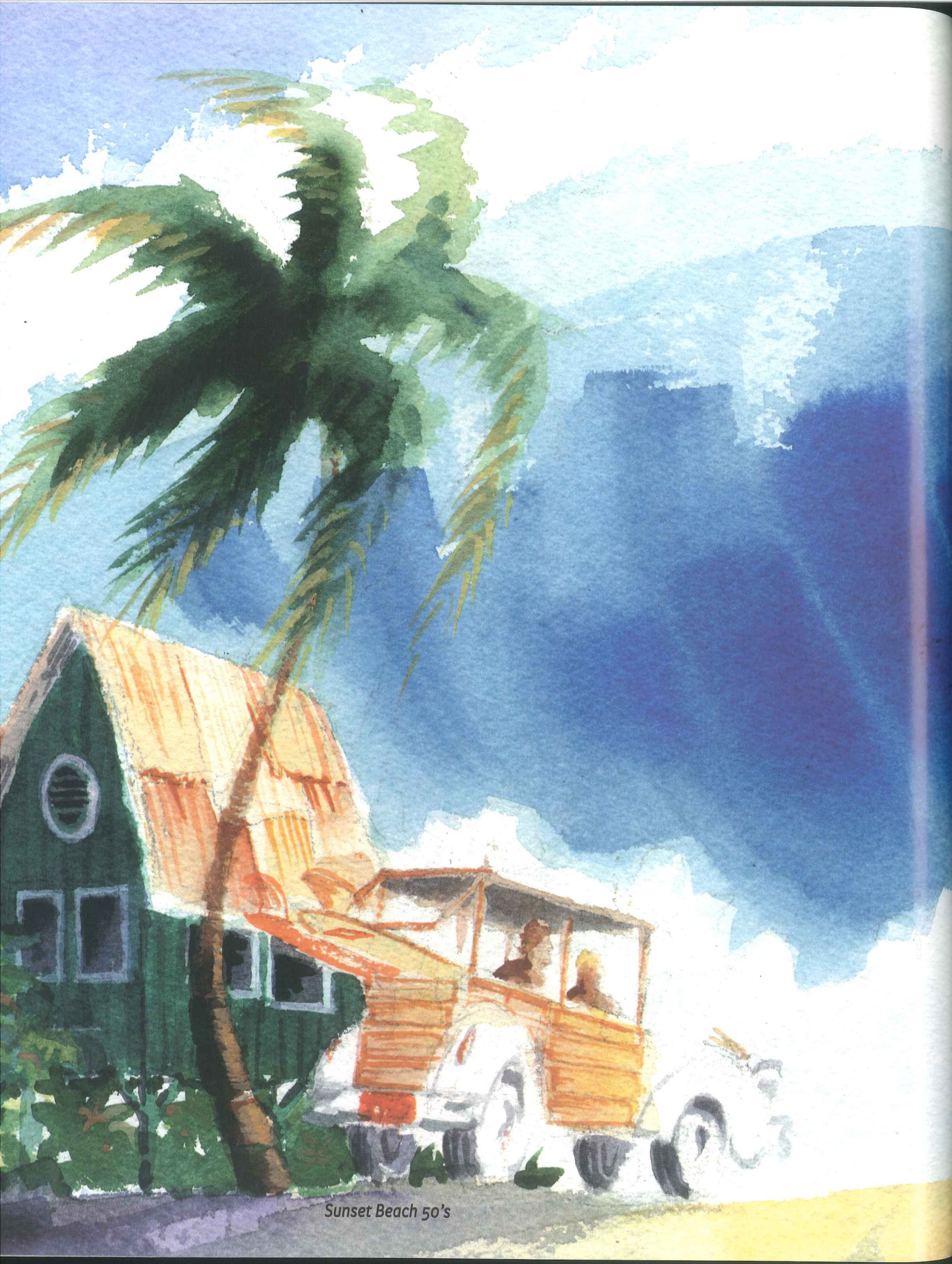
A vitalidade e competência transbordam do estúdio na estrutura construída ao lado da casa onde John e Louise vivem com vista para o canal de Molokai. Esses felizes coroa com jeitinho de crianças vivem com se estivessem em plena adolescência e com toda uma vida pela frente. Avós, com duas filhas e vários netos, os Severson dão aula de lifestyle viajando à Europa para nessa altura

da vida participar de aulas de desenho em Paris e quem sabe surfar um pouquinho em Biarritz.

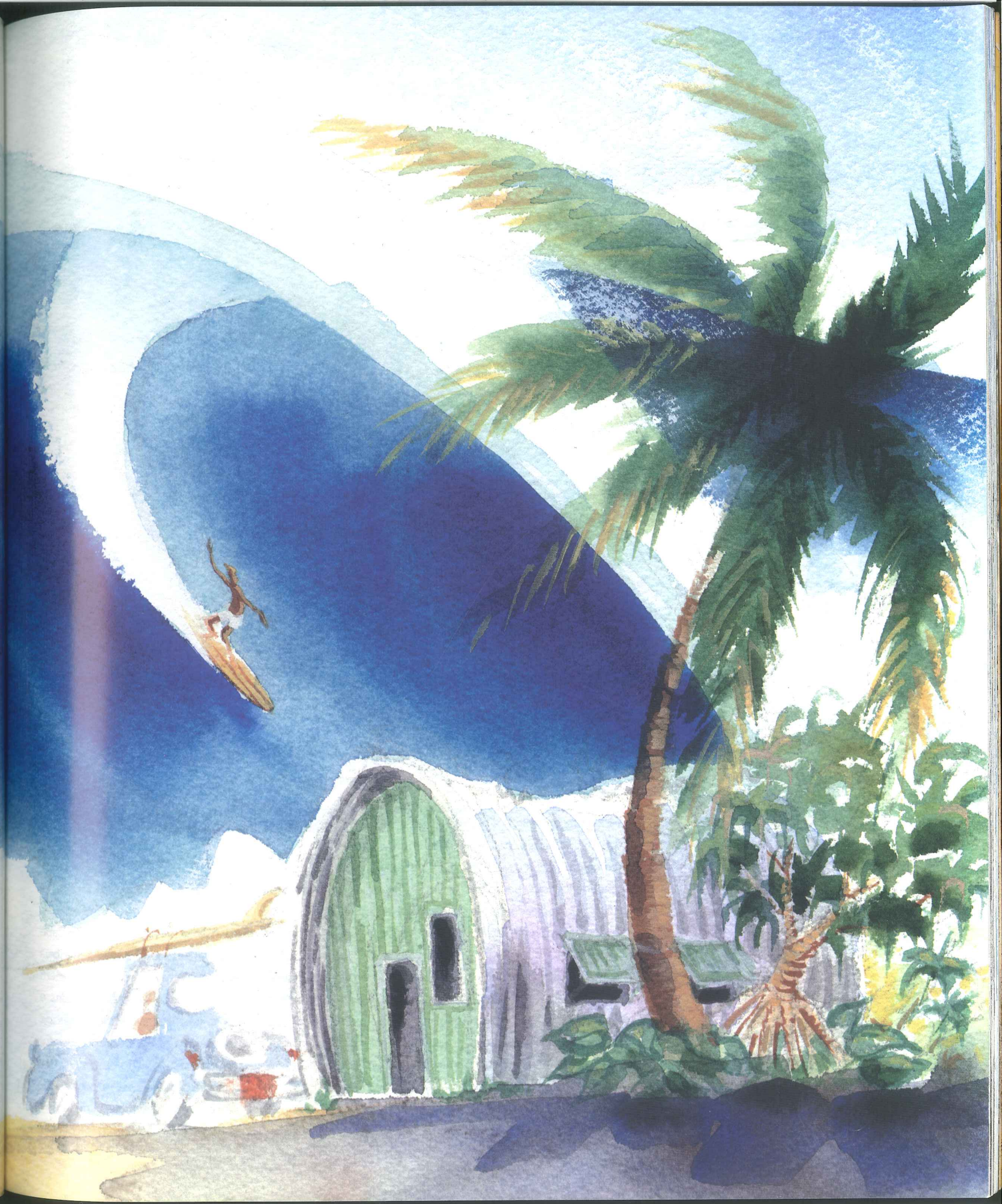
O genro e a filha mais nova vivem com John e Louise na propriedade de Napili, onde John construiu uma casa de aluguel com a grana que sobrou da venda da propriedade nas montanhas. O genro, um francês gente boa que adora futebol, ajuda na manutenção da propriedade surfando com o sogro direto. Segundo ele, o coroa ainda é casca grossa, ensinando o jovem, que está lá pelos 45 anos, a surfar ondas de bom tamanho. Infelizmente não tive a chance de surfar com John. Minha passagem por Maui foi rápida, mas muito excitante e ilustrativa. Quem sabe na próxima...

No entanto, aprendi demais sobre meus valores e objetivos, passamos horas editando imagens para a matéria, e nem vi o tempo passar. Fui apresentado a várias obras originais que fazem parte da cultura do surf e de toda a mística que envolve esse esporte alucinante e mutante; vi ondas incríveis nas telas dos computadores, que guardam um arquivo riquíssimo e sem preço. O estúdio é cheio de obras que pertencem a um museu do calibre do Museu Smithsonian, em Washington, DC.





Sunset Beach 50's





Dirk Brace em Honolulu



Sevo em casa

John possui em sua casa objetos que somente conhecemos por fotografia, uma sensação realmente estranha, pois era como se eu já conhecesse o lugar: Fiquei mesmo sem palavras para descrever tudo o que vi, um bombardeio de imagens, arte e surf. Além disso, John Severson é também um autodidata que manipula os Macs G4 rodando Photoshop como se fosse um jovem treinado dos anos 90... Ele sabe tudo, está atualizado com as últimas tecnologias e não se intimida com novidades complicadas. Entrevistar esse monstro foi uma experiência que penso ser mesmo um privilégio; ter a oportunidade de ser a pessoa que apresenta e abre essa porta para o Brasil em português, é uma honra.

Espero que esta matéria realmente incentive outros artistas e designers a acreditarem no seu talento, fotógrafos e editores que se interessem em ler mais um pouquinho sobre as realizações e a obra desse sonhador que vive seu sonho. Dividindo com todos os que são expostos às suas figurinhas a felicidade de ser surfista de sucesso, fazendo o que gosta e acredita.

Como artista e, principalmente como surfista, fiquei a fim de desenhar mais, pintar mais e surfar mais depois da minha visita a Napili Point... Quem sabe um dia nós também não encontramos nossa baía tranqüila com uma direitinha perfeita, para viver em paz, sabendo que as crianças já estão crescidas e que nossos netos virão nos visitar nos finais de semana, para brincar na areia num dia de sol quente e água azulíssima.

E suas pinturas são inspiradas nessa realidade vivida, ali, depois da curva, naquela onda perfeita que estará te esperando para mais um dia feliz. Suas

obras inspiram qualquer um; mesmo quem nunca pegou uma onda acaba sentindo o cheiro do mar e da parafina. Quem se comprimiu na porta de um cineminha fajuto para ver um filme de surf se identifica imediatamente com as imagens apresentadas nesta matéria, e quem já ficou esperando pelo shape mágico se transplanta quase que virtualmente para o cenário das figurinhas que povoam as gravuras de John Severson, que ainda vive o sonho de todo surfista de coração.

Do Kauai para a *Alma Surf*, a partir de uma visita ao lado oeste de Maui.



Pier Nocturne



Surf Park

SURFING MOVIE
 JOHN SEVERSON PRESENTS
"SURF FEVER"
 All New 1960 Color Surfing Adventure
 filmed in HAWAII • CALIF. • MEXICO
 — SPECIAL ADDED SHOWING —
PACIFIC BEACH JR. HIGH AUD.
 TUES. WED. * APRIL 12 & 13 * 8 P.M.
 ADMISSION *1.25 CHILDREN (UNDER 12) 50¢
FREE SURFBOARD

JOHN SEVERSON PRESENTS
BIG WEDNESDAY
 1961 SURF MOVIE
 FILMED IN HAWAII • CALIFORNIA PERU SOUTH AMERICA
 NARRATION BY JOHN SEVERSON
 FIRST LOS ANGELES-SANTA MONICA SHOWING
SANTA MONICA
 CIVIC AUDITORIUM
 TUES. & THURS. 8 P.M. APRIL 25 & 27
 TICKETS \$1.50
 TWO FREE DEWEY WEBER SURFBOARDS

Posters dos clássicos Surf Fever e Big Wednesday



Gerry Lopez off the lip

E a arte continua...

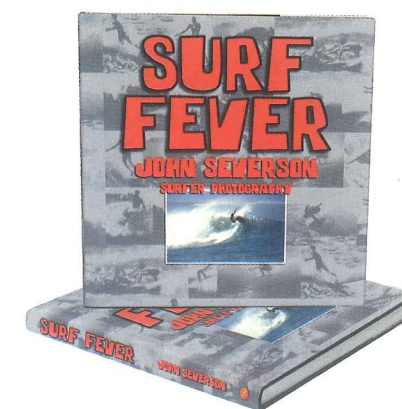
John Severson continua demonstrando energia criativa e sua importância na história da cultura surf, exibindo sua arte pop e colorida por meio das mais diversas formas de expressão. Sua última proeza foi a exposição chamada Take Offs, que mostra os mais recentes trabalhos do artista, inspirado nas imagens do livro *Surf Fever*, editado pela revista *The Surfer's Journal*. As obras foram exclusivamente produzidas e expostas na Surf Gallery, em Laguna Beach, CA. As imagens foram criadas por meio de um mix de pintura em acrílico, fotografias, imagens captadas de filmes e colagens com papéis e posters. Essas imagens, produzidas de 1959 a 1971, incluem personagens como Mickey Muñoz, Greg Noll em Pipeline, Lance Carson, e, com certeza, foram uma grande inspiração para o artista.

Segundo ele, sua última publicação, *Surf Fever*, é um álbum de lembranças, uma tradução do tempo que passamos no sol. Concebido, produzido, editado e lapidado por John no estúdio de sua casa em Maui, o livro documenta todo o trabalho de Sevo com ênfase na fotografia, inclusive registros exclusivos do primeiro fotógrafo da *Surfer*, de 1945 aos dias de hoje. Fotos P&B, coloridas e stills de seus filmes em slides guardados e protegidos pelo estafe de editores da *Surfer*. Ondas, surf style, situações curiosas e legends do surf clicados em Waimea, Makaha, Ala Moana, Ricon Point, Hookipa, Malibu, San Onofre, Punta Rocas e muitos outros lugares do mundo pelos quais John passou, viveu, se emocionou e carregou consigo a esperança de que um dia essas fotos nos levariam de volta à fascinação daquele tempo.

"Quarenta e cinco anos depois, em uma experiência muito pessoal, John alimenta a chama do original *The Surfer*, encadernando uma bela e ampla seleção de suas imagens clássicas. *Surf Fever* é uma daquelas obras históricas que todos os envolvidos no esporte e na cultura, colecionadores de grandes bibliotecas e pré-70's deveriam ter" — Steve Pezman, ex-editor da *Surfer* e atual editor da *The Surfer's Journal*.

* É PROIBIDO A REPRODUÇÃO DE QUALQUER IMAGEM PUBLICADA NESTE ARTIGO

"John Severson foi o mais original e o que soube expor melhor o surf na arte e na mídia. Foi o primeiro surfista e artista a se tornar publisher de uma revista. Pegou tudo que o surf representava e colocou no papel para mostrar a todos. Compartilhou sua arte e trouxe para o surf outras pessoas com a mesma visão" — Arthur Brewer, ícone da fotografia de surf.



PEÇA O SEU!



JULIANA GUIMARÃES

DANILO COSTA

BINHO NUNES

SANDRO DIAS

INVERNO 2004

TENT BEACH
BOARDSHOP

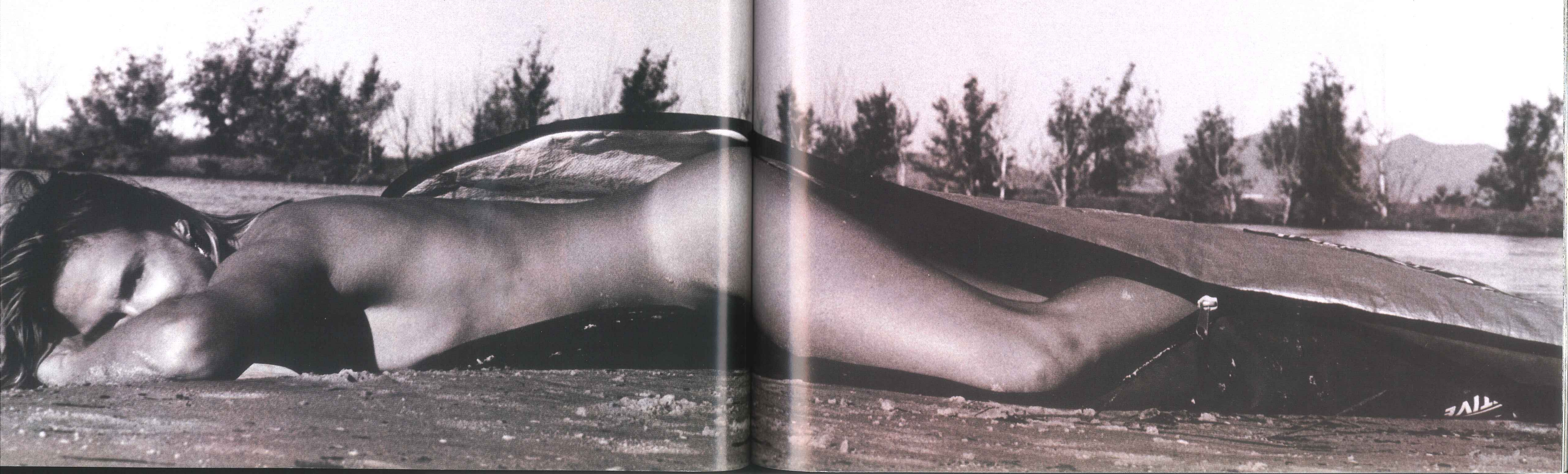


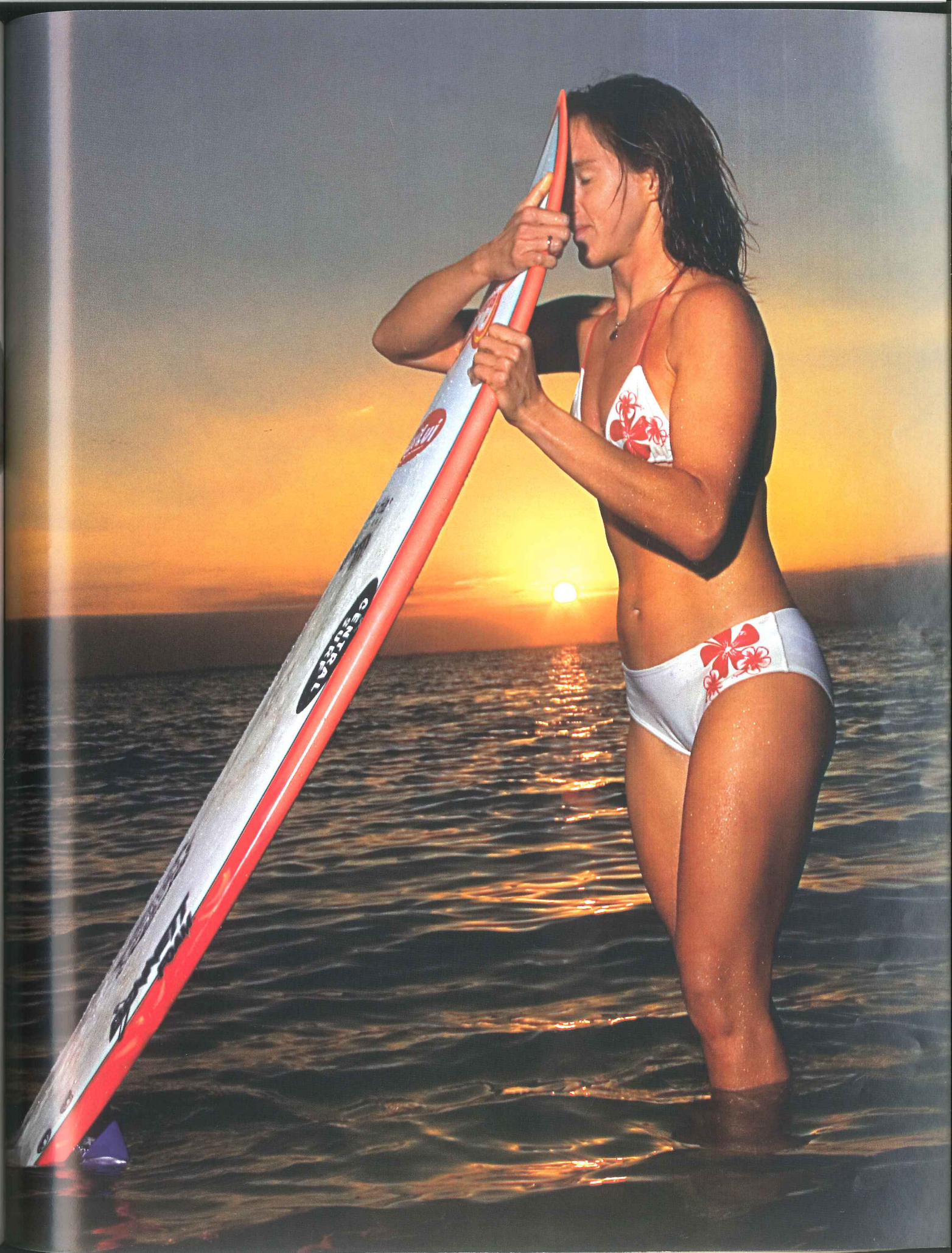
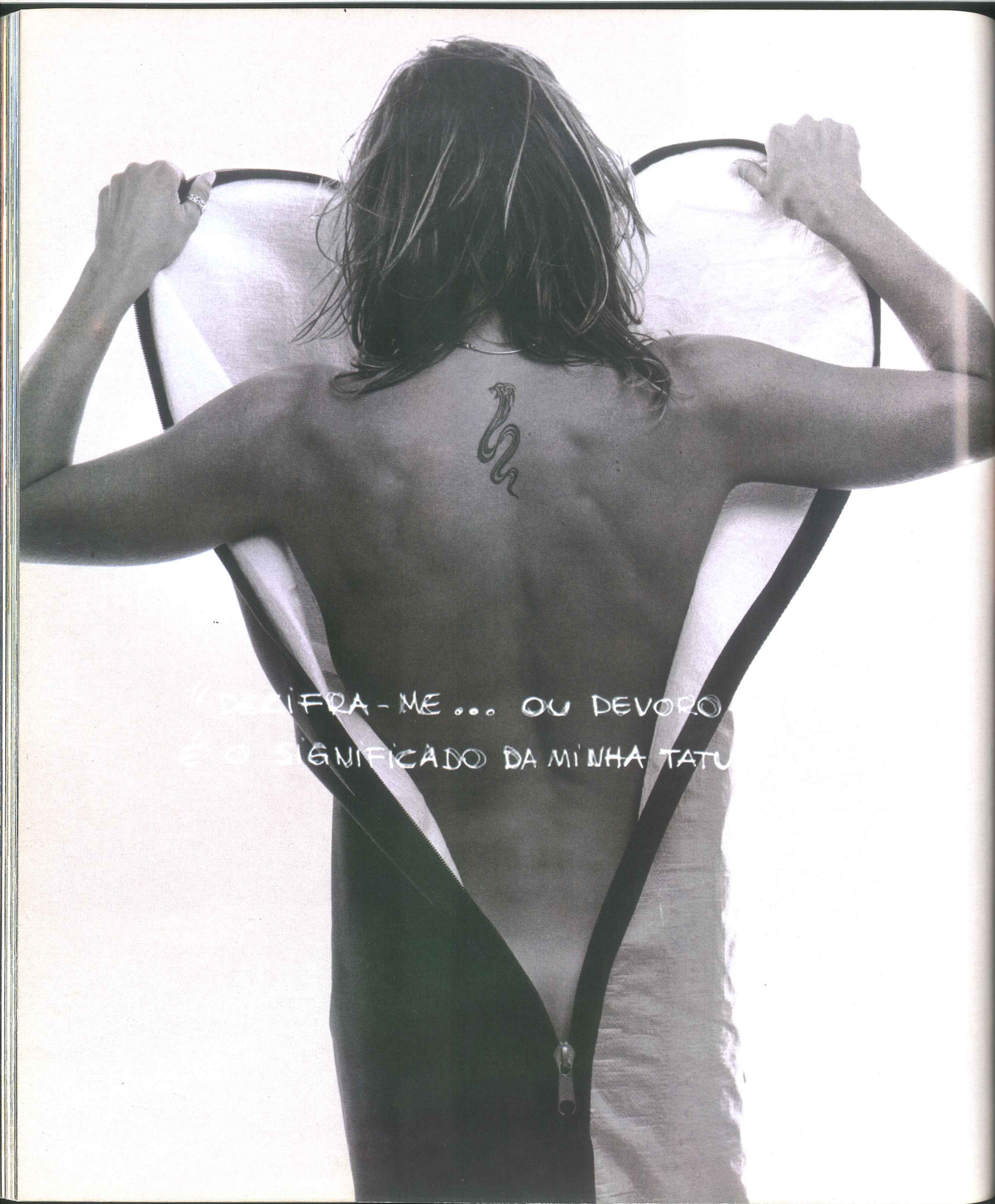
ANDRÉA LOPES...

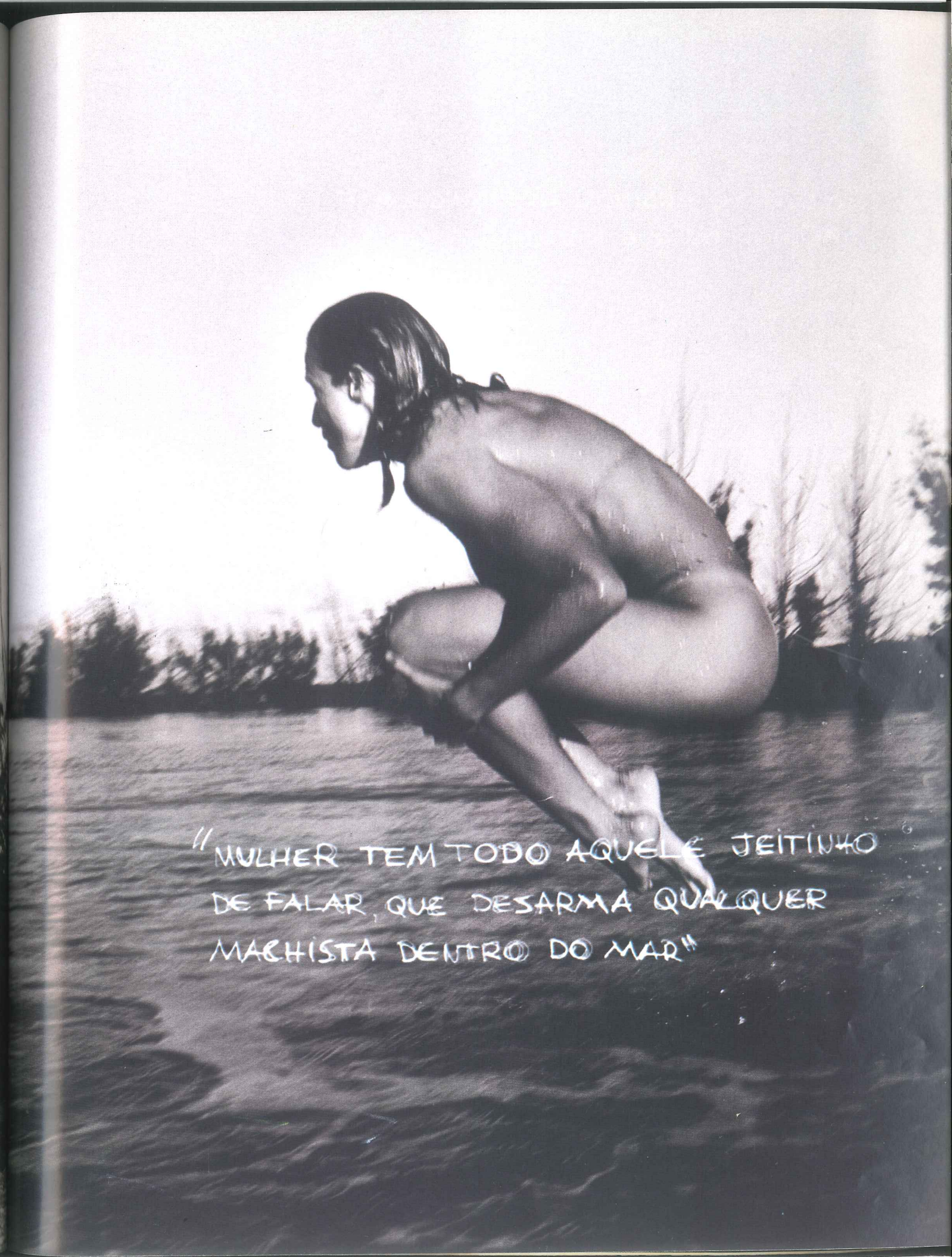
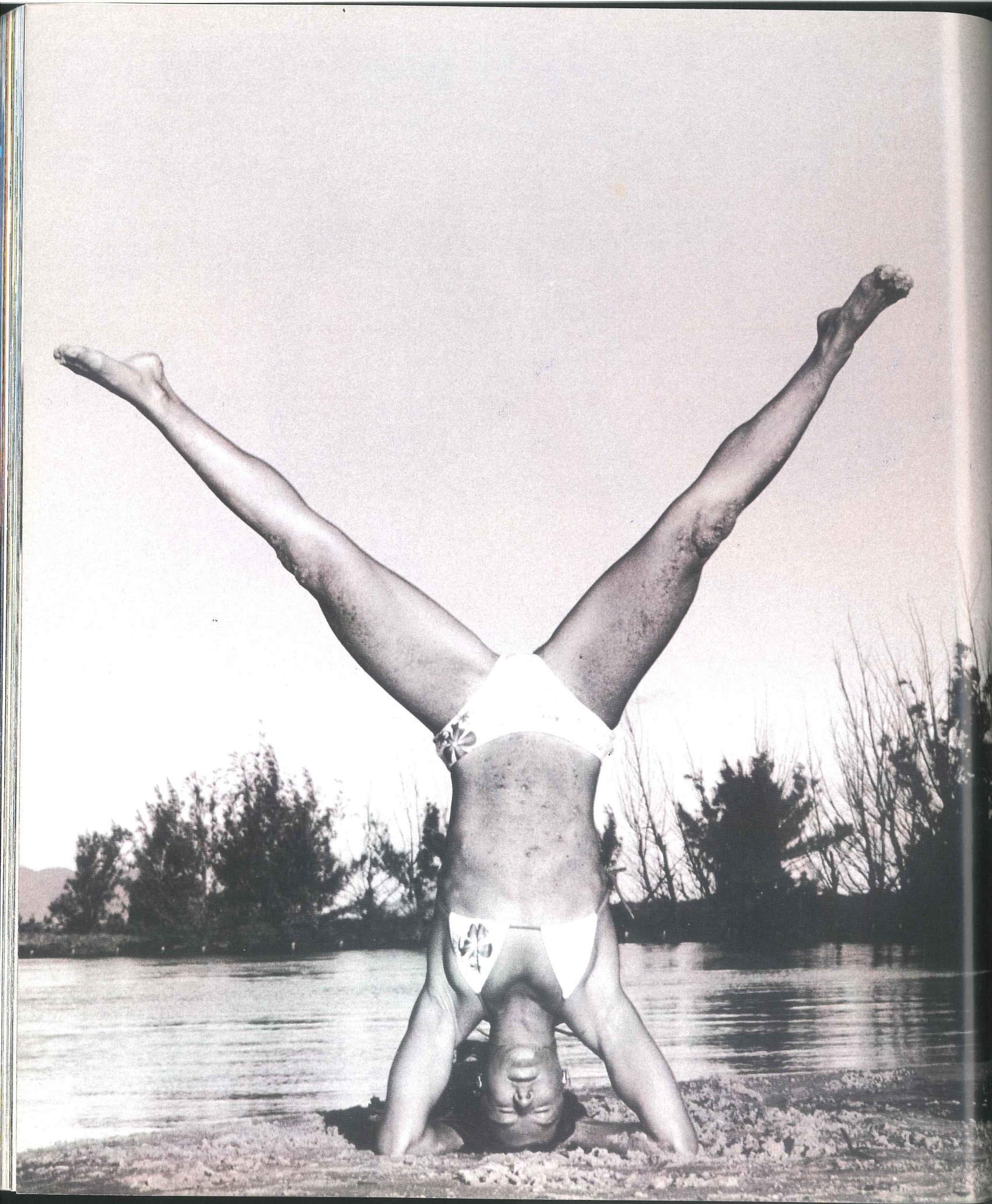
PELA PRAIA DA VIDA

Por Juliana Moraes
Ensaio Ernesto Baldan

Nas ondas ela é radical, competitiva e às vezes imponente. Com os pés na areia, é tímida, fala manso e coloca-se na postura de uma iogue. Andréa Lopes conquistou vitórias, reconhecimento e mantém o posto de uma das melhores surfistas do Brasil, mas ela quer mais da vida. Está diferente, mais inspirada, parece ter descoberto a resposta para muitas dúvidas e assume de vez a vaidade, a sensualidade e o gozo pelas coisas boas da vida. Aos 30 anos, tatuou uma serpente no meio das costas, e instiga: Decifra-me ou devoro-te...







"MULHER TEM TODO AQUELE JEITINHO
DE FALAR, QUE DESARMA QUALQUER
MACHISTA DENTRO DO MAR"

"O SURF ME ENSINOU QUE NINGUÉM É
MELHOR DO QUE NINGUÉM. A SER LIVRE E LEVE"



Hoje ela parece ter mais brilho nos olhos, liberdade nas palavras e mais prazer em sua dança pelas ondas. Conhecida pela determinação, Andréa está desfrutando hoje tudo o que o surf lhe ofereceu nos 16 anos de carreira e aproveita para dar-lhe algo em troca, seja através de seus projetos ou de suas experiências. "Eu mudei muito nos últimos anos, e o surf me ensinou a humildade, a responsabilidade e que ninguém é melhor do que ninguém, e isso eu quero passar para as pessoas", admite. Apesar de viver no clima da cidade maravilhosa e "do surf", Andréa nunca foi de ficar sentada numa prancha esperando a correnteza levar. Pelo contrário, desde cedo já se cobrava muito, acreditando mais no extremismo que no próprio prazer de competir. Isso lhe trouxe alegrias, mas também a ilusão de que somente a vitória seria sinônimo de sucesso no surf. Hoje, ela parece estar sã, e aprendeu que viver o surf em sua essência é muito mais prazeroso que simplesmente viver para ele.

Seu surf começou na praia da Vida, em Saquarema, mas foi a escola da vida que realmente ensinou todos os princípios a essa carioca. Ela começou a pegar onda aos 13 anos de idade, e logo decidiu que queria esse estilo de vida – mesmo tendo que superar a vergonha de chegar na praia segurando uma prancha que não fosse uma morey boogie. Incentivada pelos meninos que a cercavam, essa menina da Barra corria para o mar de Saquá, de camiseta e biquíni, para logo deixar a espuma para aqueles que não a acompanhavam. Desde então, sua diversão passou a ser sua carreira. Mas sua dedicação não foi somente aos campeonatos e às ondas, e sim a tudo aquilo que se referisse a uma vida em torno do oceano.



Seus pais – a mãe é professora de dança e o pai trabalha com hipismo – sempre a incentivaram. Privilegiada com bons patrocínios desde cedo – tornou-se profissional em 1991 –, pôde manter-se independente por meio dele. Viagrou o mundo, conheceu lugares inóspitos, venceu campeonatos nacionais, entrou para o circuito mundial, conheceu ídolos, mas reconhece que foi a partir do sofrimento que conheceu o valor da vida. Em 1994, obcecada pela perfeição de sua performance no esporte, Andréa foi perdendo o tesão pelos maiores prazeres do ser humano e acabou caindo numa forte depressão: "Perdi a

vontade de viver; comecei a ficar paranóica com horários, com regras que eu mesma criava. Achei que assim seria campeã mundial. A anorexia foi a consequência de um desprazer pelas coisas que eu mais amava fazer; que eram surfar, comer, namorar, sair, e logo tudo começou a se refletir no meu corpo. Cheguei a pesar 38 quilos – 20 a menos que seu peso atual –, e não conseguia nem tomar o soro para ficar em pé", lembra Andréa, que permaneceu um ano afastada do circuito por causa da doença. Uma fase da vida com a qual ela recorda ter aprendido muito.



Foto Aleko

Seus méritos, as experiências e os desejos que caracterizam sua carreira dedicada, logo poderão ser vistos na telinha. Ao lado do amigo e filmmaker Rick Werneck, Andréa está produzindo o primeiro filme brasileiro de surf feminino, que será lançado até o final do ano em DVD e VHS. Uma das grandes incentivadoras do surf feminino, realizou também ações como o Surf Camp e a clínica Girls Go Surf ao lado de Laila Werneck, que rasga uma das tops do Super Surf de elogios: "Dedéia é a atleta mais bem preparada que conheço: não deixa de treinar um dia sequer. Um exemplo de atleta dentro e fora d'água. Uma campeã completa!". Andréa, que já disputou ondas com Layne Beachley e Rochelle Ballard, segue sendo um exemplo para muita gente. "O que me admira na Andréa é o seu carisma e a preocupação no bem-estar dos que a rodeiam. Seu surf de linha e sua alegria de surfar inspira todas nós a darmos nosso máximo e aproveitarmos a vida com um sorriso na orelha", fala Chris Stockler, outra grande representante do time feminino.

Praticante de ioga há anos e adepta da medicina ayurveda, Andréa se diz plenamente equilibrada física e mentalmente. Sua rotina inclui horas de surf, preparação física, natação e dedicação à sua carreira. "Quando não estou na água, fico on-line, mandando releases, fotos para a imprensa, fazendo telefonemas e agilizando minhas coisas. Tem muito surfista que fica reclamando da falta de patrocínio, mas que não batalha o suficiente para conquistá-los", desabafa ela. "Me orgulha fazer com que meus patrocinadores acreditem em minhas atitudes não só nas ondas como fora delas", conclui. E quem é colega de trabalho conhece a personalidade dessa goofy: "Ela é tão pro e determinada que só alguém na mesma sintonia

N

O

W

A

EM AGOSTO A GZERO STORE VAI ESTAR NO MARKET PLACE.

AGUARDEM!!!

Gzero
STORE
www.gzero.com.br

MAIORES INFORMAÇÕES: [GZERO@GZERO.COM.BR](mailto:gzero@gzero.com.br) OU (11) 3168-1913



Foto Rick Werneck

pode entendê-la. Eu a admiro muito pela pessoa que é e por tudo que faz. Não importa se o resultado possa ser aparentemente negativo, ela sempre vai dar o melhor de si pra ser a melhor de todas em qualquer situação", comenta o big-rider Carlos Burle.

Andréa acredita que a mulher não deixa de ser feminina por causa do surf, mas que o jeito mais despojado acaba dando um ar mais moleque às meninas. Quando pergunto sobre preconceito e homossexualismo no surf feminino, ela repete a palavra respeito. "Acredito que cada um tem que respeitar o espaço do outro. Existe no surf feminino, como no vôlei de praia, no futebol e em qualquer outro lugar", comenta. E quando a questão é relacionamentos, a atleta admite ser bem conservadora: "Já namorei alguns nomes do surf, mas hoje prefiro homens cavalheiros, que abrem a porta do carro, puxam a cadeira para eu sentar. Alguém que surfe, mas que conviva com outras tribos e outros conhecimentos também". Sobre sexo? "Ah, gosto tanto de sexo quanto de surf. São duas coisas muito importantes para mim", admite a pro, que atualmente está solteira, leve e livre.

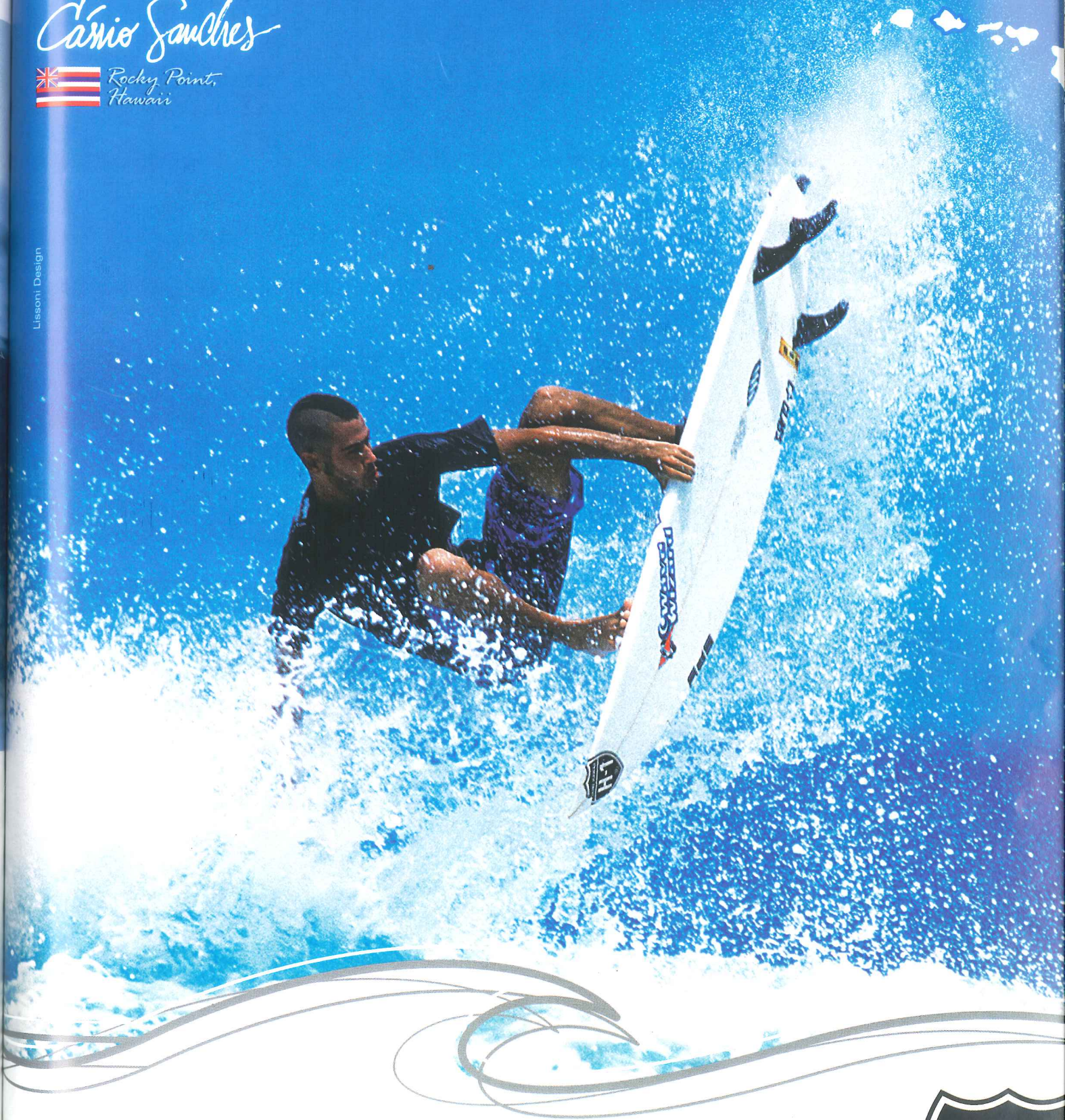
Não há dúvida de que Andréa seja uma personalidade do surf, do esporte e do Brasil. Com atitude, beleza e ousadia, ela não interpretou ninguém neste ensaio. Apenas mostrou a sinceridade e a liberdade com que leva a vida... a praia da vida!

* Atualmente Andréa Lopes conta com os patrocínios de Miss Sirena, Secret Sunglasses, Lui Lui, Central Surf, Fast Hair e Bennet Foam.

Cássio Sauchet

 Rocky Point,
Hawaii

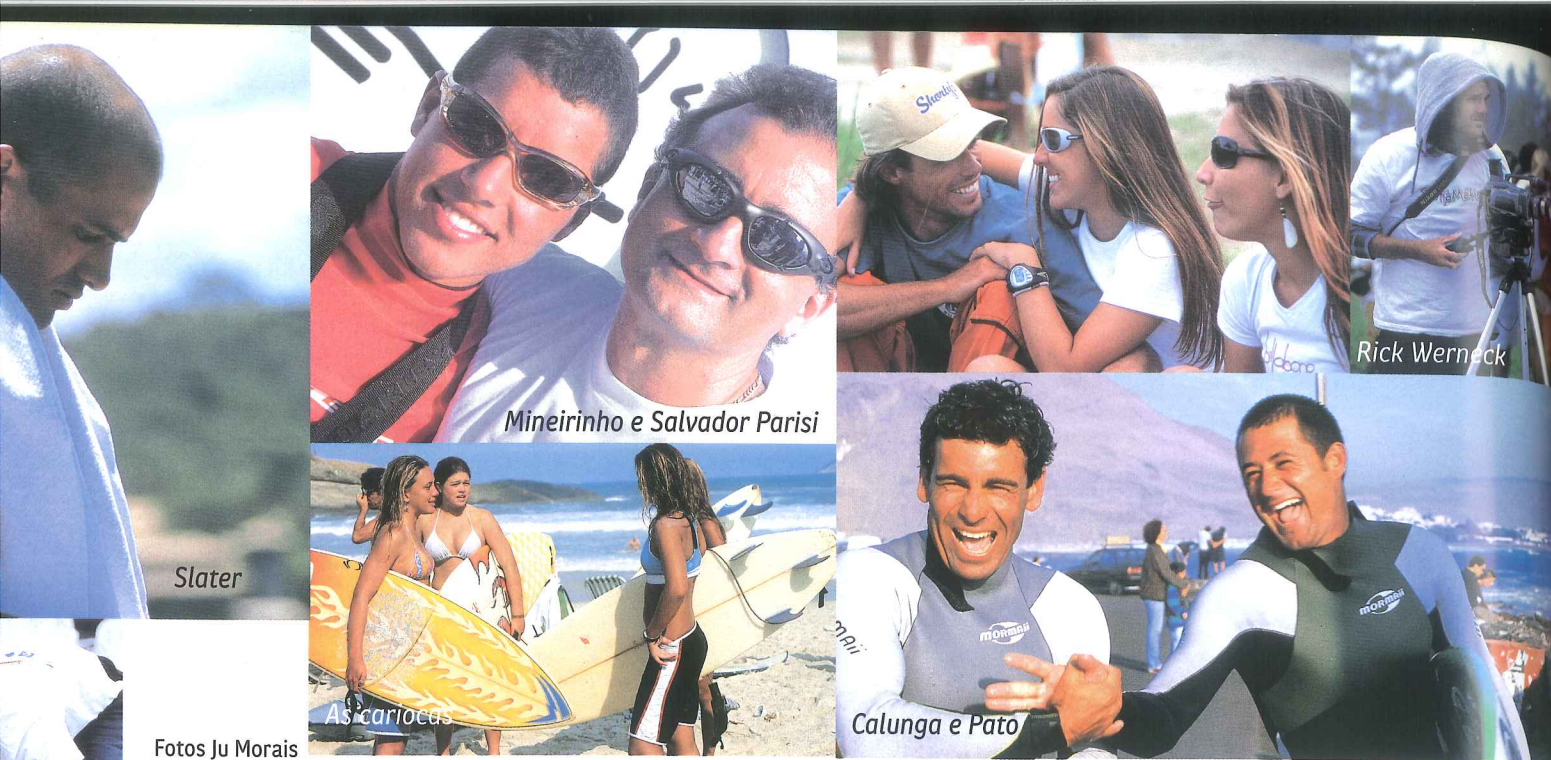
Lissoni Design



O4 
revolution year

www.h1surf.com.br





Mineirinho e Salvador Parisi

Rick Werneck

Slater

Fotos Ju Morais

Ascarlocos

Calunga e Pato

Quem tem Alma Surf



Surf camp no Chile



Os primeiros passos

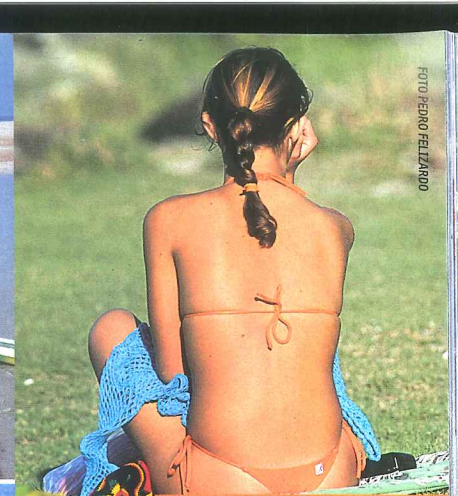
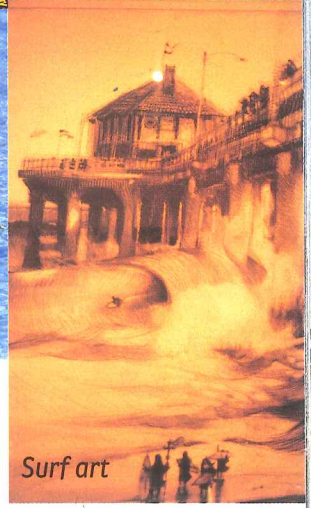


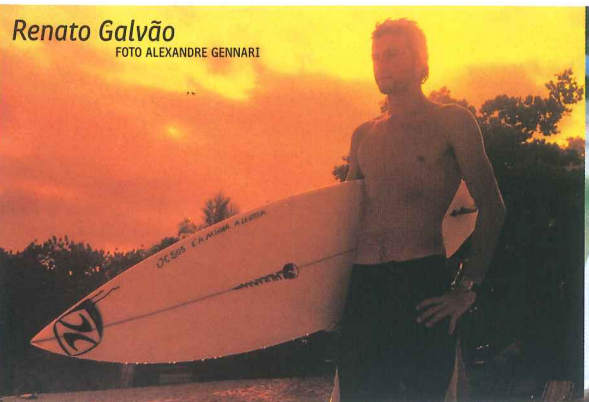
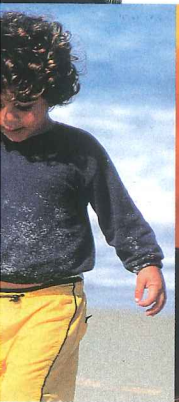
Foto EDNO FELIZARDO



Renan Rocha entrevista Davi do Carmo



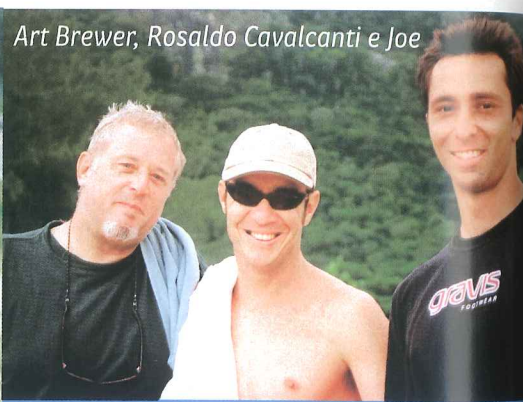
Surf art



Renato Galvão
FOTO ALEXANDRE GENNARI



Rico de Souza



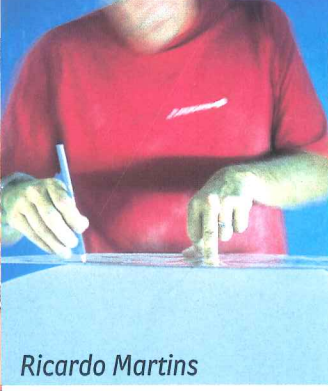
Art Brewer, Rosaldo Cavalcanti e Joe



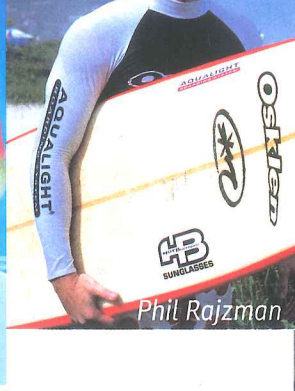
Sylvia Nabuco



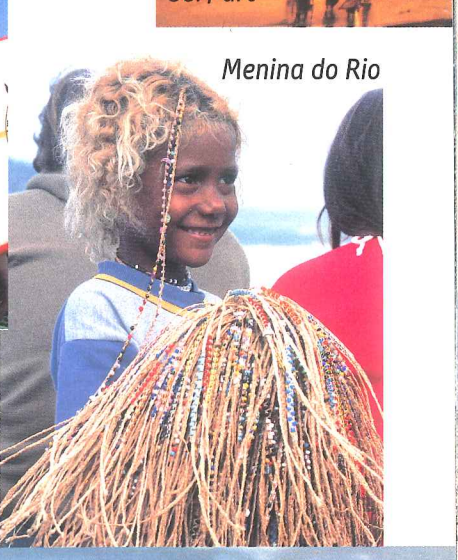
A carnicha Gabriela Maschio



Ricardo Martins



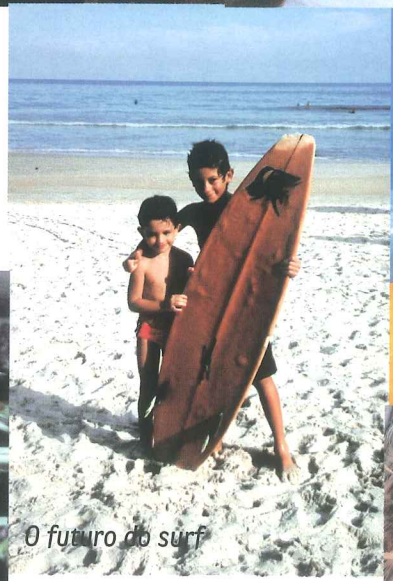
Phil Rajzman



Menina do Rio



praia no Arpoador



O futuro do surf



Luke Werneck



Silvana Lima



Menino do Rio



Molecada reunida

Alma Surf Shops



ESTAS LOJAS TÊM ALMA



NOVOS PARCEIROS DE ALMA



DE AGORA VOCÊ ENCONTRA A REVISTA ALMA SURF NAS MELHORES SURFSHOPS DO

BRASIL, CONSULTE O ENDEREÇO MAIS PRÓXIMO DE VOCÊ NO SITE WWW.ALMASURF.COM.BR

ALMASURFHOPS É UMA MARCA REGISTRADA DA COSMOS DO BRASIL PROD. EDITORIAL LTDA.

Em busca do desconhecido

O relato do surfista e jornalista brasileiro que partiu para o Marrocos em busca de uma lenda e acabou descobrindo o verdadeiro sentido do surf

Por Steven Allain
Fotos Steven Allain e João Valente (surf)



Marrocos



Após as chuvas, a água adquire o tom marrom do deserto. Aqui o feliz João Antunes aposta corrida com o expresso de Chocolat Bars



O Islamismo é a maior religião do Marrocos. Uma multidão deixa a mesquita após a última reza do dia

Era tarde da noite nas ilhas Canárias quando um de nós, depois de algumas cervejas em meio a uma animada conversa sobre viagens, expedições e surf, mencionou o Marrocos. Em pouco tempo, histórias de aventuras e surf numa terra mística, de costumes únicos, envolveram a noite. Relatos de direitas intermináveis, tubulares e rápidas alimentaram nossa sedenta imaginação. A maioria dos presentes já havia estado lá, e a cada aventura lembrada, a curiosidade sobre esse país intrigante aumentava. A certa altura, Chispa, um dos surfistas mais viajados das ilhas, surge com um mapa da África nas mãos, indagando: "Dessa vez poderíamos fazer algo diferente, por que não uma exploração de verdade?"

Sem hesitar começou a contar-nos sobre um velho surfista sul-africano que ele conhecera na Indonésia anos atrás, que mencionara uma onda perfeita, perdida no meio da costa desértica do Marrocos. Segundo ele, essa onda mágica conhecida por poucos, era uma direita rápida que quebrava em perfeitas seções de tubo, por mais de 300 metros, sobre um fundo de pedra raso, repleto de ouriços. A onda não tinha nome, mas

Chispa garantia que, segundo seu amigo, ela era "um cruzamento entre Kirra e Jeffrey's Bay" que segurava até as ondulações mais fortes, proporcionando "tubos de 10 a 20 segundos". A euforia com que Chispa falava dessa onda era contagiante, e a idéia de encontrar um tesouro na costa africana era tentadora demais para deixar passar. E com a espontaneidade embriagada de surfistas com todo o tempo no mundo e nada a perder, ficou decidido: partiríamos para a África o mais breve possível.

O grupo que embarcou em busca de uma jóia sem nome no Marrocos era mais variado que um mostruário de camelô. Exceto seu correspondente, o único brasileiro, todos haviam nascido e vivido nas ilhas Canárias. Efrén, um policial, e Vicente, um bombeiro, representavam o lado sensato e responsável do grupo. O biólogo Sandro representava o lado zen, sempre calmo e reflexivo, enquanto Fernando e Chispa, que entre um trambique e outro conseguiam ganhar uma grana para dedicar sua vida ao surf, eram os comediantes do grupo.

Como sempre, o dinheiro estava curto, e tivemos de optar por uma rota alternativa para chegar

à "terra das direitas". Para evitar os caríssimos vôos das grandes companhias aéreas, Vicente conseguiu que um velho amigo piloto nos levasse até o Marrocos em um de seus pequenos aviões. Cinco dias mais tarde, estávamos em direção ao aeroporto. Na antecipação de mais uma viagem a um lugar desconhecido, sorríamos com uma felicidade dificilmente encontrada em qualquer outra tribo.

Tudo parecia ótimo até nos depararmos com a "aeronave". Era uma relíquia da Segunda Guerra Mundial tão pequena e velha, que o piloto foi obrigado a fazer o curto vôo entre as Canárias e o Marrocos duas vezes. Uma para levar nossas pranchas, e a segunda para levar os passageiros.

Como nosso avião não se encontrava em situação regular, tivemos de voar até o pequeno e isolado aeroporto de Layoune, uma cidade à beira do deserto do Saara, ao sul do Marrocos, para evitar a fiscalização das autoridades aeroportuárias. Depois de passarmos por uma tensa revista na alfândega, a polícia local nos garantiu que éramos todos muito bem-vindos, mas alertou-nos para os perigos da região. "Layoune não é segura para vocês," disse-nos um dos policiais em francês, car-



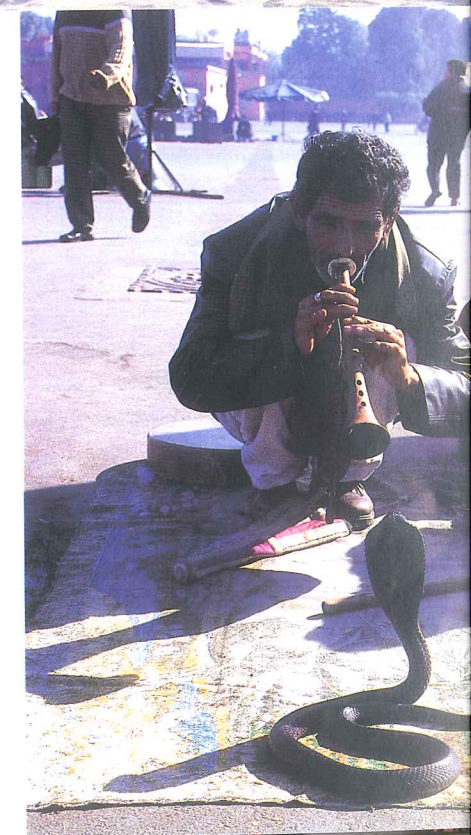
Miguel Fortes escolhendo o caminho a ser traçado em Killer's

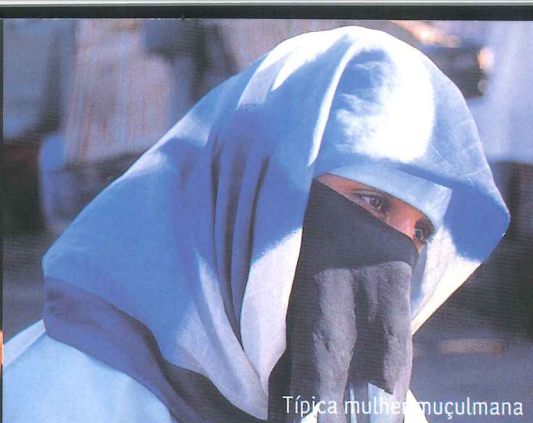
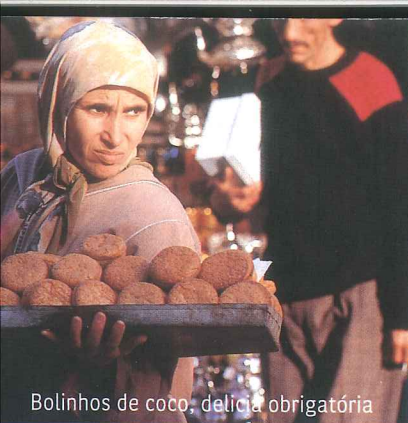
regado de sotaque árabe. Não sabíamos a que ele se referia, mas percebemos que por ali não haviam passado muitos turistas nos últimos tempos. De qualquer maneira, deixamos a alfândega e encontramos nosso anfitrião faz-tudo, Omar, que, além de nos conseguir um hotel em Layoune e um carro de aluguel por um preço camarada, fez questão de afirmar que, enquanto estivéssemos em sua companhia, estaríamos seguros.

Ao sair do aeroporto, deparamos com uma cidade que parecia brotar das areias do Saara. Nada ao redor a não ser dunas e o raro arbusto que crescia despercebido apesar do clima desértico. O sol se punha, e seus raios filtrados pela poeira que pairava no ar criavam no céu uma psicodélica mistura de cores. O lugar nos parecia uma grande

antítese que misturava uma beleza avassaladora e misticismo com pobreza e, principalmente, uma vibração pesada no ar.

Por toda parte avistávamos carros militares e comboios de soldados das Nações Unidas, que juntamente com o povo muçulmano na rua, homens vestindo a tradicional chilava e mulheres cobertas dos pés à cabeça, nos davam a forte sensação de que estávamos em algum lugar do Oriente Médio. Mas estávamos na África, no coração de um conflito que já dura quase 50 anos. Em 1957, o rei Hassan II, seguido de 350 mil voluntários, marchou para o Saara Ocidental e declarou o território (rico em minérios) parte do Marrocos. Desde então o povo que habita a região, os saauris, luta para retomar sua independência.





Bolinhos de coco: delícia obrigatória

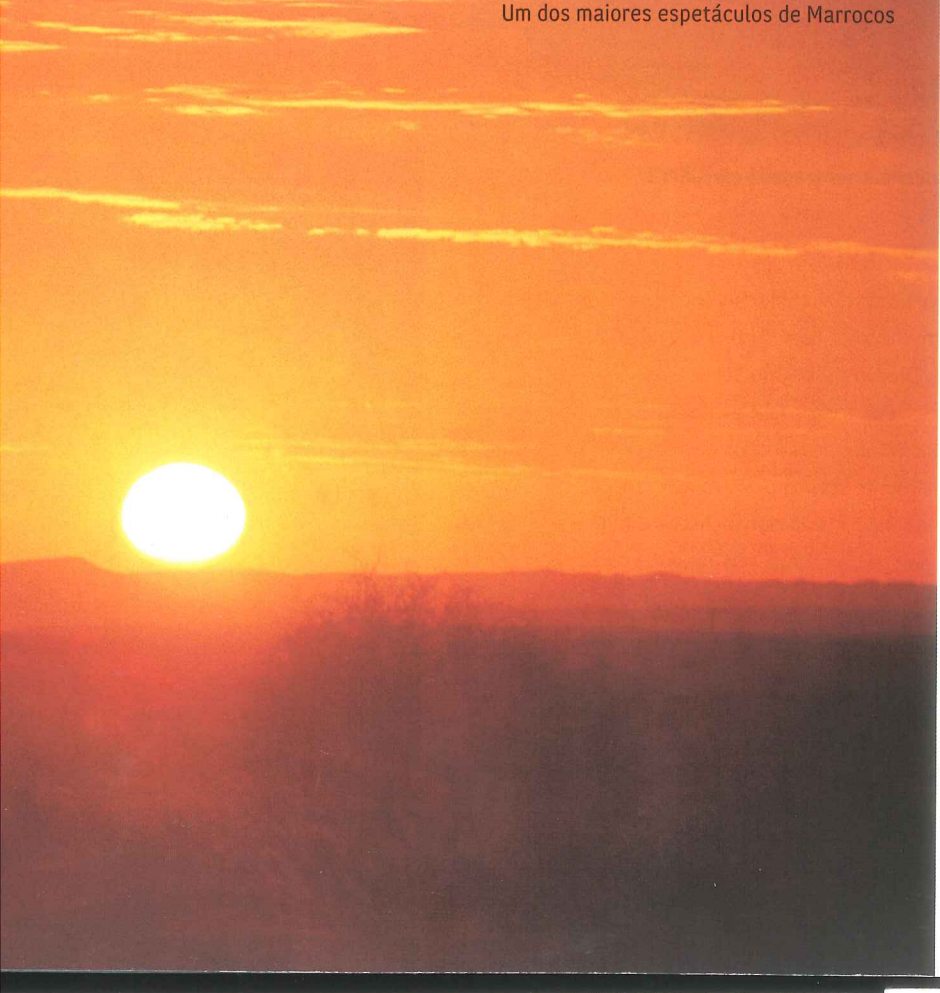
Típica mulher muçulmana

A colorida culinária local



Karim, um local marroquino

Um dos maiores espetáculos de Marrocos



Conflitos à parte, estávamos prontos para partir atrás da tão sonhada direita, que segundo nossos cálculos situava-se cerca de 1.000 quilômetros ao norte. Prendemos as pranchas em nosso pequeno e valente carro de aluguel e aceleramos na direção norte numa estrada solitária. No Saara o tempo parece ter um papel diferenciado, e em vez de mudança traz uma serena continuidade àquilo que sempre existiu. Os vilarejos e pequenas cidades ao longo da estrada, por exemplo, são geralmente cercados por um imponente muro, com portões guardados dia e noite pela polícia, que invariavelmente nos parava para averiguar nossa documentação.

No caminho, dunas imensas de areia fina e branca estendiam-se pelo horizonte até encontrar um planalto de terra batida e solo rochoso, árido e desolado, que eventualmente acabava no mar: Camelos selvagens cruzavam a estrada, e pessoas caminhavam sozinhas, a centenas de quilômetros de qualquer cidade, no meio do deserto. Eram descendentes dos primeiros povos nômades, que habitavam essa região há milhares de anos, e que até hoje seguem o estilo de vida de seus antepassados.

Depois de algumas horas deixamos o Saara. Os planaltos existentes entre a costa do Atlântico e a cadeia de montanhas Atlas, ao norte do deserto, mostravam toda a sua imponência e seu verde, que apesar de tímido, representava uma mudança radical em relação às areias do Saara.

Ao entardecer finalmente chegamos ao nosso primeiro destino, Taghazout. O povo local, os berberes, já está acostumado com os surfistas que visitam a área há anos, e sua hospitalidade foi um contraste bem-vindo, principalmente depois dos ares tensos do Saara. Mas o que torna Taghazout especial não é somente seu povo, como logo iríamos testemunhar. Na manhã seguinte já podíamos avistar as linhas de um swell fraco, mas alinhado, viajando em direção à costa. Surfamos por

mais de 4 horas em Hash Point, uma direita curta porém intensa, batizada com o nome do principal produto de exportação do país – o haxixe. Na mesma tarde, fomos mais ao norte e surfamos Boiler's, uma direita tubular que se estende por mais de 200 metros, muito próxima ao penhasco.

Nos dias seguintes, surfamos quase todas as ondas da região. Nessa pequena área da costa, de talvez 100 quilômetros de extensão, há uma concentração impressionante de points e pequenos reefs, que quebram bem em swells menores. A costa parece ter sido lapidada por um deus surfista, pois a cada curva da estrada avistávamos mais uma baía, e conseqüentemente mais um point de direita. Surfamos quatro dias muito bons num swell médio, principalmente em Killer's, que é uma onda excepcional, longa e seca, desde o drop até o bowl que finaliza a onda. Tivemos uma sessão memorável em Anchor Point no maior dia, com menos de 10 pessoas na água, e duas quedas muito divertidas

em Tangah e Tamri. Eram tantas direitas que nosso maior problema era decidir todas as manhãs onde faríamos o próximo surf.

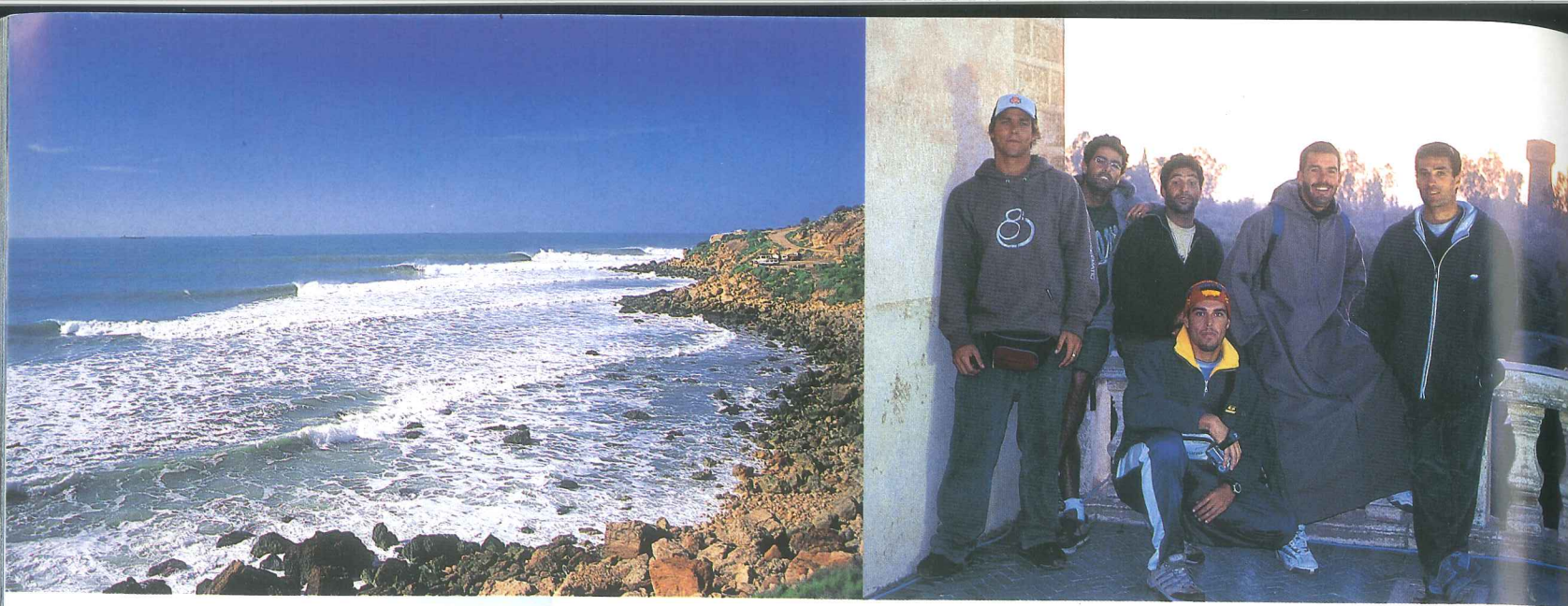
Tudo corria perfeitamente bem: crowd amigável, comida boa e barata, e surf de qualidade à nossa porta. Era fácil ficarmos por ali mesmo naquela rotina de sonhos, mas logo nosso instinto explorador voltou à tona e começamos a ficar inquietos. Parte do grupo preferia ficar, afinal, por que trocar a facilidade e as ondas de qualidade de Taghazout por uma lenda incerta? Mas Chispa insistia em que deveríamos procurar nossa lendária onda, agora batizada de "la derecha". Após algum debate chegamos a um consenso: já havíamos surfado muito e estávamos de cabeça feita. Sendo assim, arriscaríamos nossa sorte para, quem sabe, realizar o sonho de qualquer surfista que se preze: procurar e descobrir uma onda perfeita. Nós sabíamos que poucas pessoas já haviam surfado "la derecha", mas isso era apenas um detalhe. Para nós,

ela ainda era virgem, intocada, e nós queríamos desbravá-la e conhecer todos os seus encantos.

Partimos cedo para o desconhecido, com nosso precário mapa como único guia. Calculamos que "la derecha" estaria situada numa área de uns 50 quilômetros de costa, que iríamos percorrer até encontrá-la. Seguindo viagem, cruzamos o enésimo posto de polícia. Como de costume, pediram nossos documentos, mas desta vez Fernando havia deixado seu passaporte em Taghazout. Resultado: ficamos todos no posto policial à espera, enquanto Vicente voltava à cidade para buscar o documento. Duas horas e meia depois, estávamos de volta à estrada, disposição inabalada.

Horas mais tarde, sentimos que nosso carro se comportava mais precariamente que o normal. Efrén diagnosticou um pneu furado, que em poucos minutos foi trocado para continuarmos nossa busca. Mas 40 minutos depois, outra surpresa: o estepe furou. Neste momento lembrei que

Secret: o português Miguel Fortes sabe bem que a recompensa vale o risco nesta rasa bancada de pedras



Acima, da esquerda para direita: line-up marroquino clássico com fundo de pedras e direitas perfeitas, e equipe que partiu em busca de "La Derecha": Steven, Sandro, Chispa, Vicente, Efren e Fernando; no insert, tudo por um trocado no Marrocos



alguém muito sábio uma vez disse que não se faz uma grande conquista sem grandes dificuldades. Mas ainda estávamos no primeiro dia da expedição! Parado no meio do deserto, debaixo de um sol escaldante, enfumado dentro de um carro com outros cinco marmanjos, me perguntava o que fazíamos ali. Finalmente, depois de tudo resolvido, rumamos ao norte. "The search!", gritávamos, "the search!". Nada podia nos parar.

Nessa noite dormimos ao lado da estrada, sob as estrelas, escutando os sons do deserto. Deitados no chão, protegidos apenas por sacos de dormir, elaborávamos o que aconteceria quando encontrássemos a tal onda. Quem pegaria o primeiro tubo, surfaria a onda mais longa, quem partiria a primeira prancha. Ríamos com as palhaçadas de Chispa, que não perdia o humor nem depois de um dia com tantos imprevistos.

Eu me perguntava então qual seria o sentido de seis surfistas no deserto atrás de algo tão incerto? Nesse momento senti uma certeza serena e tranqüila. Não precisava de resposta. Não precisava de sentido.

De manhã, depois um café da manhã marroquino (pão com manteiga e chá), seguimos em direção à costa. Em poucas horas chegamos aonde pensávamos estar situada "la derecha". Não era ali. Havia um swell fraco, e com o vento torto certamente não seria um dia clássico. Percorremos inúmeros quilômetros e baías, mas nada parecia ter o potencial da "nossa" onda. Um pouco desiludidos, achamos um lugar mais protegido do vento e montamos nossas barracas por ali. A noite veio rapidamente e o sono também.

Nos três dias seguintes o swell, que era fraco, desapareceu. Revezávamos nosso tempo entre dirigir, pescar, cozinhar e dormir. Alguns dias depois uma pequena ondulação encontrou a costa, resquício de uma tempestade no oceano Atlântico. Surfamos até à exaustão um reef que batizamos de "flat spell's". Uma onda divertida que quebra para os dois lados com até meio metro.

Mais alguns dias se passaram, e agora já fazia mais de uma semana que estávamos à procura dessa onda ilusória. Tínhamos encontrado três points que poderiam ser "la derecha", mas ninguém podia ter certeza. Com o tempo passando e nosso dinheiro diminuindo, era hora de retornar a Taghazout. Em volta da fogueira, na última noite acampados, o silêncio acusava nossa decepção em não ter encontrado a sonhada onda.

Na manhã seguinte, antes de partir, resolvemos checar mais uma vez o point eleito como principal candidato a nossa onda. Para surpresa geral, ondas longas e perfeitas, apesar de minúsculas, alinhavam-se ao longo do point. Eram ondas talvez de uns 30 centímetros em tamanho, mas incrivelmente rápidas e cavadas. Fomos direto para a água e esboçamos uma brincadeira na marola. Não sabemos se aquela era ou não "la derecha". Só uma nova expedição ao local, num dia de swell e condições certas, poderia confirmar nossa descoberta.

Dois dias depois, em Taghazout, ao arrumarmos as malas e empacotarmos as pranchas, comentei com Chispa que havia sido uma pena não termos encontrado nossa onda. "Que azar pegarmos um flat desses", eu disse.

"Azar, não", respondeu-me Chispa. "Foi sorte. Azar é não poder procurar a onda. Pegar um flat só acontece com quem vai atrás; quem nunca tentar, nunca vai pegar flat, mas também nunca vai encontrar nada. E nós, ao menos, fomos."

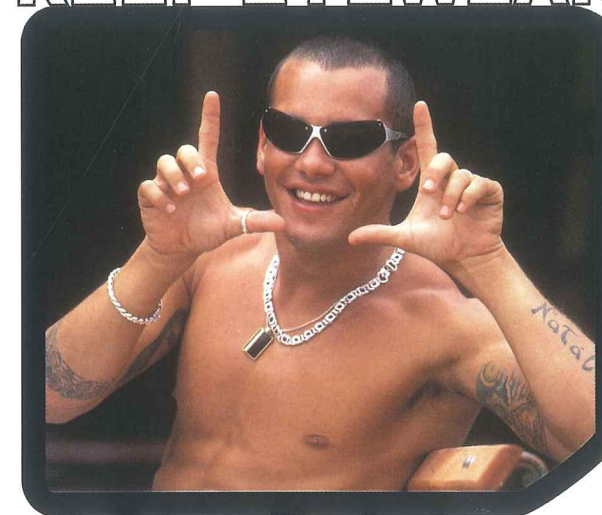
Foi quando entendi. Não achamos a tão sonhada onda, mas fomos atrás para procurá-la. Encontramos "la derecha"? Provavelmente, não. A essência do surf puro e verdadeiro? Com certeza.

* As fotos de ondas que ilustram esta matéria foram produzidas pelo fotógrafo antes da expedição do autor.

REEF EYEWEAR



ESTILO REEF EYEWEAR



Cultura Star Point

Utilize o seu



UMA sÉrie de Vantagens



Nova Loja

Nova Loja

Nova Loja

- ✦ São Paulo
MOEMA - Av. Irajá
11 5561.1504
- ✦ ABC PLAZA - Piso
11 4432.0995
- ✦ ANÁLIA FRANCO
Orquídea
11 6672.2687
- ✦ ELDORADO - 1º P
11 3812.1030
- ✦ IGUATEMI - 2º Pis
11 3032.2872
- ✦ JARDIM SUL - 2º
11 3501.8388
- ✦ METRÓPOLE - PH
11 4124.7717
- ✦ VILLA-LOBOS - 3º
11 3022.2657
- ✦ WEST PLAZA - B
Térreo
11 3873.9349
- ✦ VILLA-LOBOS - 2º
11 3024.3899
- Surf Shop Só para
- ✦ Campinas
IGUATEMI CAMP
Piso
19 3251.3065
- ✦ Recife
RECIFE - 4º Etap
81 3464.6590
- ✦ Rio de Janeiro
RIO SUL - 2º Piso
21 2295.1682
- ✦ BARRASHOPPIN
Nível Lagoa
21 3089.1020
- ✦ PLAZA NITERÓI
21 2919.8691

www.starpoint.com

A NOVA GERAÇÃO DO SURF

Por Juliana Morais
Fotos Juliana Morais (comportamento)
Paulo Moreira/Oakley (surf)

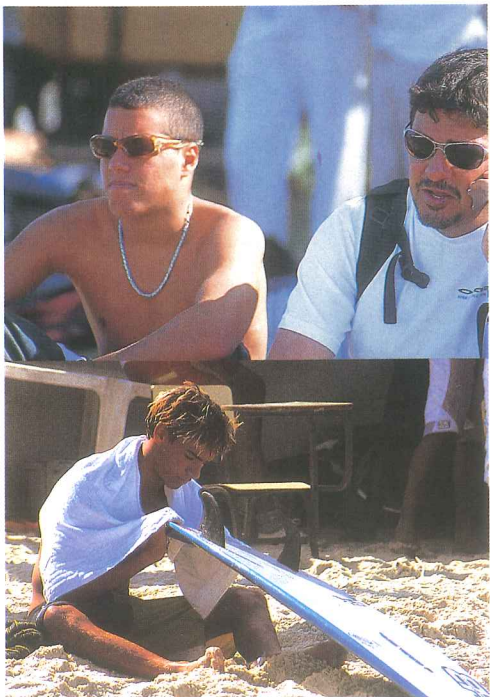
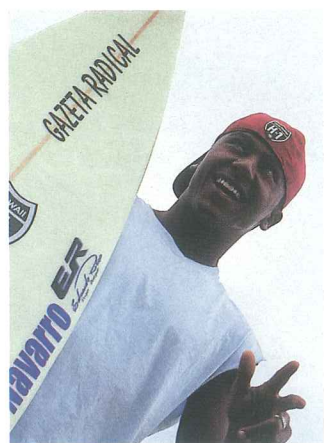


A maioria não era nem nascida no famoso Big Wednesday, nunca surfou numa planonda e acha que Waimea 5000 foi algum tipo de seriado americano. Os tempos mudaram, os filmes têm outras trilhas, as pranchas diminuíram e os campeonatos adquiriram outros formatos. Mas a verdade é que os anos, as décadas passaram, e o sonho de qualquer surfista, seja nos anos 50 ou em pleno século XXI, permanece o mesmo: viver do mais puro surf! A diferença é que hoje, para a maioria da molecada que corre campeonatos, esse sonho se resumiu a um objetivo unânime: chegar ao WCT. Afinal, a idéia de viajar o mundo, dropar as melhores ondas, estampar capas de revistas e ainda ganhar muito dinheiro para isso, encanta qualquer adolescente.



Hugo Bittencourt

Ao lado, Davi do Carmo, abaixo, Mineirinho e seu manager Pinga, e Hugo Bittencourt



Eles são novos, não passam dos 20 anos e representam a nova geração do surf amador e profissional. Alguns nunca saíram do Brasil, e pouco mais da metade tem condições de viver exclusivamente do surf, mas todos, sem exceção, já têm o "go for it" brasileiro que tanto impressiona os gringos. Em um swell gigante que invadiu o Rio de Janeiro, em maio deste ano, tive a oportunidade de assistir dropes, tubos alucinantes, vacas, e urros de felicidade desses meninos, que não se intimidaram frente às ondas, que chegaram a 3,5 metros, muitas vezes só vistas por eles em revistas e vídeos de surf. Faltou até prancha! O motivo dessa reunião foi o evento inédito Oakley Junior Challenge, que, em um formato democrático e incentivador (com baterias de 1 hora), deu liberdade para que todos



Dennis Tihara

esses talentos pudessem ser vistos e prestigiados por surfistas, profissionais e principalmente por shapers, que elogiaram a performance dos meninos que deram show no mar. No entanto, o que mais impressionou durante o evento foi o comportamento desses adolescentes e a convivência amigável entre eles. Seja no mar ou na areia, a diversão e a troca de experiências prevaleciam em relação à disputa. "Esse evento vale para dar a oportunidade para eles aprenderem através daquilo que o surf lhes proporciona: integração, experiência de vida e a janela para serem vistos", afirmou Luís Campos, gerente de Marketing da Oakley e idealizador do evento que abriu mais uma porta para o surf Junior.

Entre os destaques do evento estavam os melhores atletas da geração sub-20. Os paulistas Adriano de Souza, Hizunomê Bettero, Davi do Carmo, Edgley Santos, Andrew Serrano, Júnior Faria e Diego Santos; os cariocas Simão Romão, Leandro Bastos, Erick de Souza e Hugo Bittencourt; os catarinenses Jean da Silva, William Cardoso e Giancarlo Zampiere; os cearenses Felipe Martins e Pablo Paulino; e o baiano Dennis Thiara, além de alguns nomes que não compareceram. Alguns mais acostumados do que outros, todos dividiram quartos, carros abarrotados de pranchas, cordinhas, risadas e muitas ondas. "O campeonato tá irado, com um astral bom, e se todos os campeonatos fossem assim não haveria tanta rivalidade no surf e

Se você entende este espírito

você é parte do nosso

Drive Your Soul

WAIKIKI

Drive Your Soul **WAIKIKI** Hawaii

Tel. (41) 288 1516 waikiki@waikiki





Edgley Santos topa mais um dia grande no Recreio

todo mundo iria surfar melhor", acredita Hugo Bittencourt. Mesmo os mais experientes, como o campeão mundial Adriano Mineirinho, se misturavam à barca e passavam assim seus conhecimentos. "Eu comecei a competir muito novo e tive oportunidade de viajar muito por ter apoio. Sei o quanto é importante essa união, além de acompanhamento e disciplina para ser um bom surfista", admite o precoce talento.

O que eles realmente precisam

Nota-se que o mais importante para o desenvolvimento profissional desses meninos não é um salário mensal (que varia entre 300 a 500 reais, na maioria dos casos) ou um adesivo em pranchas, mas alguém que os incentive na formação pessoal, que os oriente a pensar no surf como um estilo de vida, realizando um investimento a longo prazo. "Nem todos esses meninos têm um bom patrocínio, técnico, preparador físico, ou pranchas suficientes. Eles precisavam de mais estrutura para evoluir", fala André Gioranelli, surfista profissional. Já Renan Rocha vai mais longe: "Há um ponto em que tudo fica muito fácil para o surfista: grana, mulheres, fama, drogas, e se não tiver um grande amigo, família e um bom manager do lado, anos de surf podem acabar", alerta. Mas eles parecem ouvir os experientes com atenção. "Eu gostaria de ter mais apoio para a minha carreira, mas sei que a situação não é fácil aqui no Brasil, então tem que ter a cabeça no lugar e fazer as coisas certas. Eu graças a Deus sempre tive total apoio da minha mãe", fala o determinado Davi do Carmo, de 20 anos, que aprendeu a surfar sozinho aos 9. Felipe Martins, que atualmente mora longe dos pais, também acredita que com mais estrutura poderia render mais no

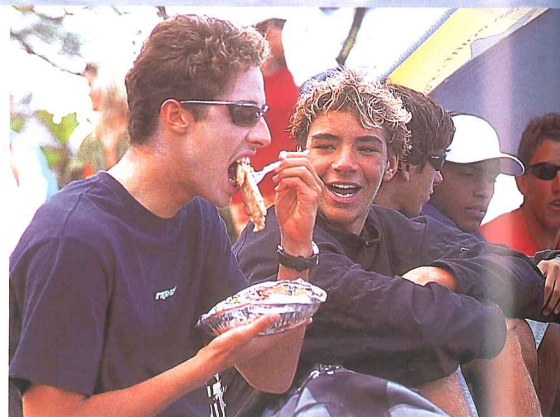
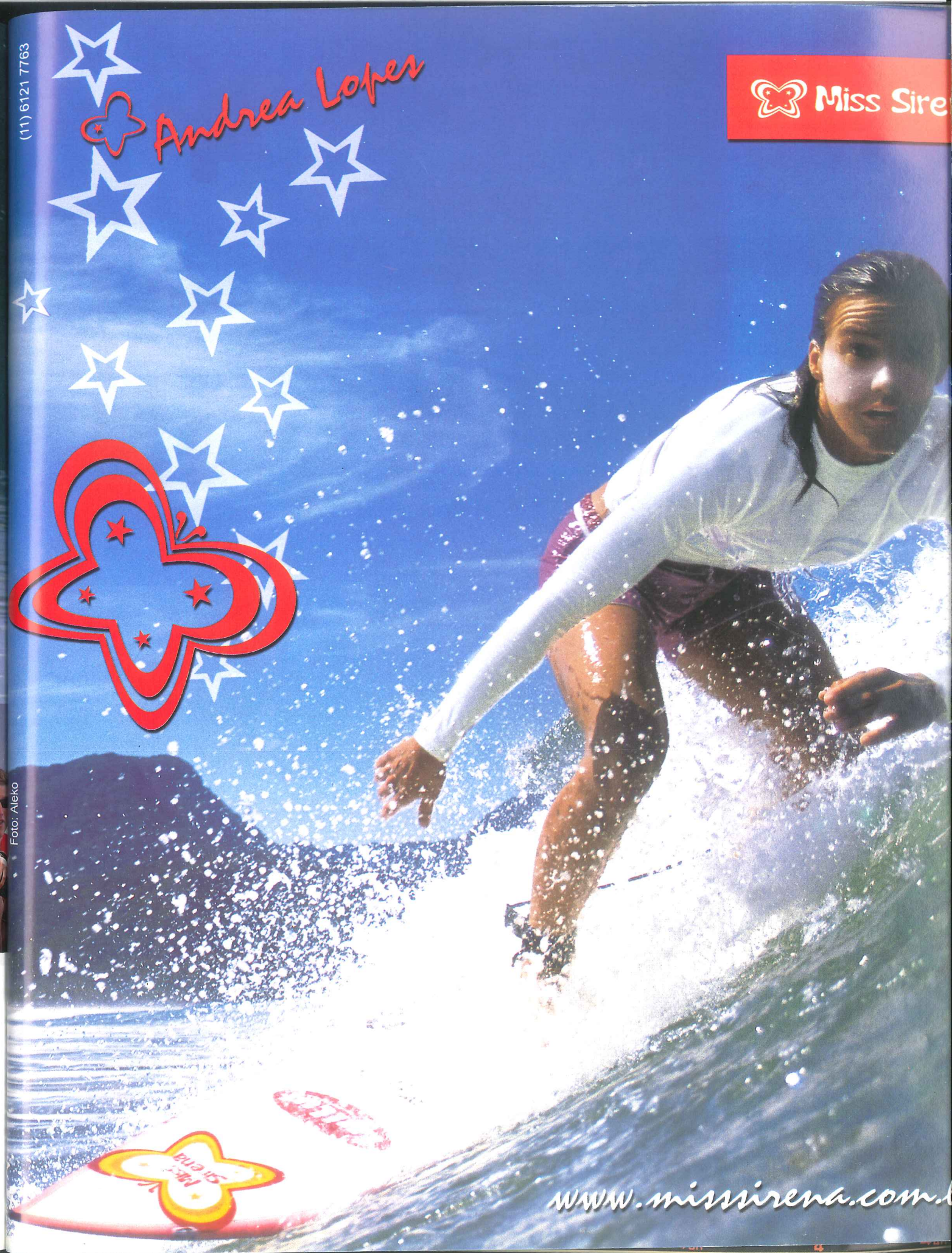


Foto: Aleko

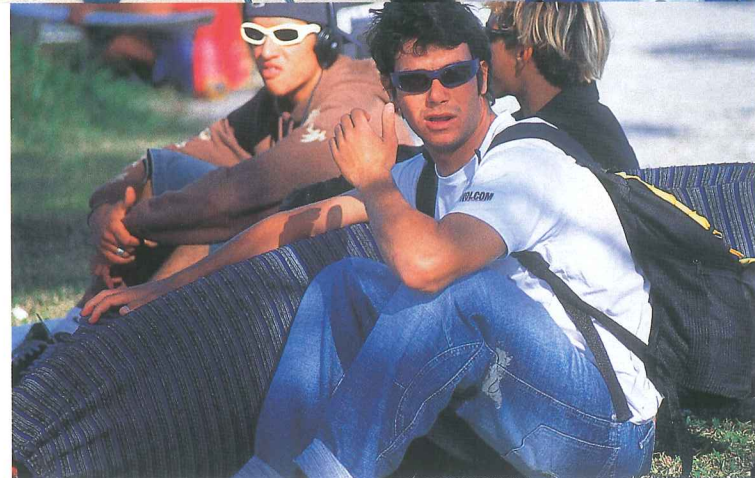


Acima, almoço improvisado antes de cair no mar e, abaixo, Diego Santos





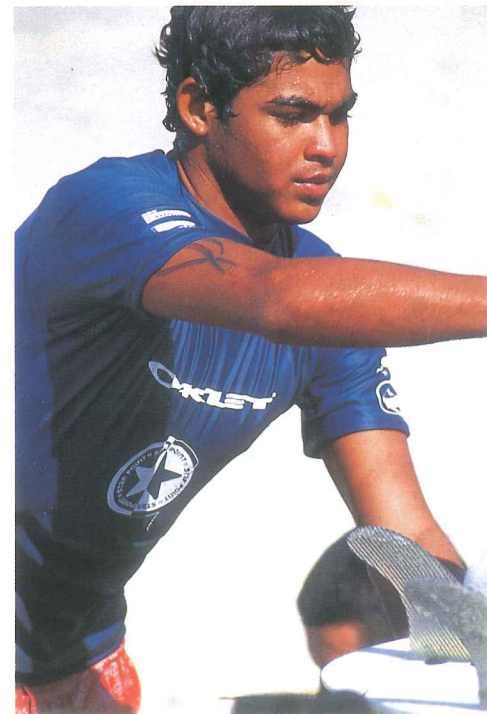
No sentido horário, Simão Romão, Hizunomê Bettero, Felipe Martins, e William Cardoso na frente de Hugo Bittencourt e Giancarlo Zampiere



surf, no entanto agradece por poder surfar todos os dias. Pablo Paulino, outro grande talento, também não recebe salário, mas conta com o apoio da família do surf: "Eu, meus irmãos, minha mãe e a Tita (Tavares) nos ajudamos sempre. Também tenho empresário e preparador físico", fala ele com um sorriso no rosto. William Cardoso conta com a ajuda dos pais, mas tem que vender as premiações dos campeonatos na hora de viajar.

Já Adriano Mineirinho, campeão mundial júnior, é um exemplo de que um trabalho de acompanhamento e algum investimento dão grande resultado tanto para o atleta quanto para o patrocinador. Conta com psicólogo, treinador, clínico geral e com tudo que um atleta merece para ser campeão. Mas ele não é o único que merece, e já existem muitos outros atletas profissionais e amadores mostrando desempenho, seja por esforço próprio ou pela ajuda de algumas marcas apostadoras. "Eu tenho um patrocínio legal que me ajuda, mas treinador, não. Eu mesmo sou meu treinador, prefiro assim, trocando idéia com outros surfistas e com amigos", complementa outro talento de personalidade e atitude, Simão Romão.

Pablo Paulino concentrado



Não é novidade que o governo pouco faz e que o número de empresas é pequeno em relação ao número de surfistas que nascem, no entanto é preciso alimentá-los de cultura, saúde, educação e inspiração, para que o surf no pé seja apenas o começo para aqueles que querem levar o surf como profissão e estilo de vida. O caminho é longo, mas, se todos fizerem sua parte, logo poderemos ver esses moleques realizando o sonho de chegar ao WCT!



Adriano de Souza, o Mineirinho, voando no Arpoador



Edgley numa morra do Canto do Recreio

Rush Randle: reinventando o surf

Quem o vê surfando em Jaws ou em boas ondas na ilha de Maui, imagina que Rush Randle é apenas um perito em acrobacias. Mas ele é um dos responsáveis pelo futuro do nosso esporte. Estudioso de tudo que pode deslizar ou voar sobre a água, este americano é importante peça para aquilo que é extremamente útil à evolução, a pesquisa.

Com apenas 31 anos, já passou pelo windsurf, kitesurf, flow riding (surf em piscinas), foilboard, kitefoil, tow-in, e leva o conceito de todos eles consigo para onde quer que vá. Durante cerca de 10 anos foi o mais jovem integrante do Strapped Team, uma equipe de atletas formada em 1992, envolvida em surfar ondas cada vez maiores e criar novos equipamentos e habilidades para superá-las. Surfou e dividiu experiências com Laird Hamilton, Darrick Doerner, Pete Cabrinha, Dave Kalama, entre outras feras do mar, e pode ser considerado mais um aquaman. Porém, hoje a equipe se dissolveu, e para Rush isso se deu graças à ganância humana. "Alguns surfistas acharam melhor passar por cima e usar o outro para ficar famoso. Agora estamos separados, e hoje aqueles que admiro e tenho como ídolos são todos os que praticam esporte por pura diversão e não por fama", afirma Rush ao falar dos antigos companheiros.

O mar é sua usina de criação e, adaptando um esporte ao outro, ele reinventa e cria novidades. Faz do impossível o possível, e mostra que o surf é muito mais do que uma prancha e uma onda. A intenção? É sempre pura: levar o surf a um outro nível, sempre maior do que aquele atingido anteriormente. "O oceano é meu sangue, e passo a maior parte do tempo possível dentro dele. Sem ele, eu estaria perdido na vida, provavelmente trabalhando num McDonald's", afirma. Quando perguntamos sobre religião, Rush recorre à natureza... "Eu acredito na Mãe Terra e no Oceano como as verdadeiras religiões; se eu precisar de um templo, corro para o mar ou subo a montanha."

Além de atleta, Rush Randle é hoje também um empresário. Fundou sozinho a Rush Foilboards, uma empresa que comercializa linhas de foilboards para surf. Aliás, é também responsável e pioneiro na iniciativa de surfar com o hydrofoil, algo que muitas vezes é dado como mérito de Laird Hamilton. "O Laird pensa que inventou tudo. Tudo bem, ele vai ter o que merece no final. Eu não falo com o Laird, nem com o seu empresário, porque eles usam os outros para interesse próprio", critica ele.

Sua oficina é o oceano e os esportes aquáticos, sua ciência. Pesquisador atento, que transforma suas idéias em diversão, Rush Randle é considerado um dos grandes homens das águas havaianas. Defensor do surf de alma, ele desafia Laird Hamilton e chama de ídolos aqueles que praticam esporte por puro prazer e não abrem mão do "surf for fun" pela ganância.

Por Viviane Palladino Fotos Erik Aeder

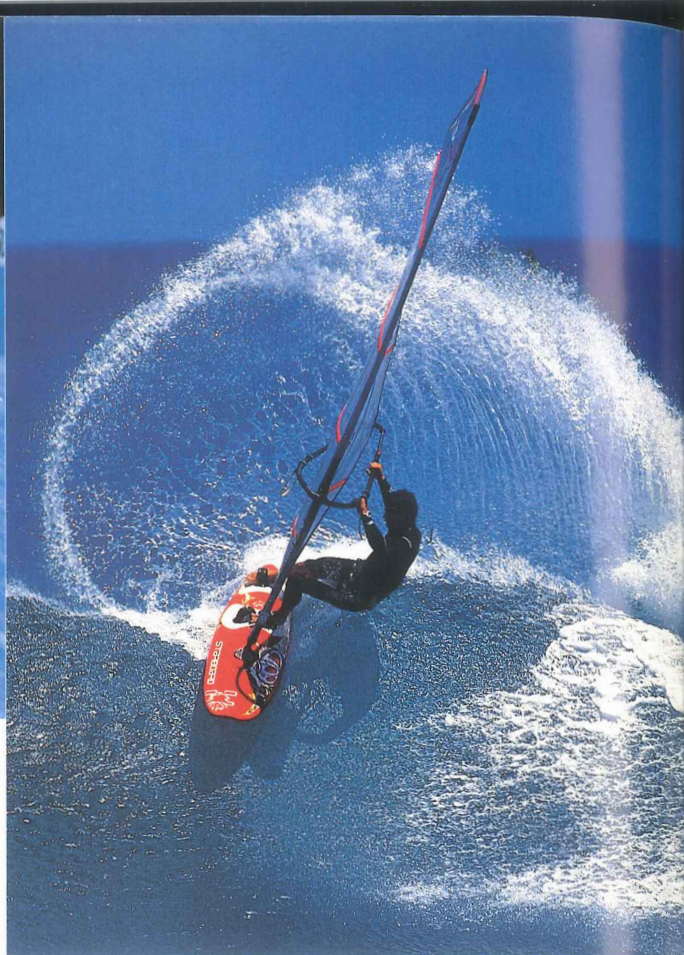




"O oceano é o meu sangue, passo a maior parte do tempo possível nele. Sem ele, eu estaria perdido na vida e provavelmente trabalhando num McDonald's"

O foilsurfing foi a invenção de maior repercussão de Rush (ver matéria publicada na *Alma Surf* #20). A prancha é menor do que aquela a que estamos acostumados e possui uma quilha de alumínio de 1 metro de comprimento, semelhante a uma lâmina sustentada por uma espécie de asa, na qual o surfista se equilibra, surfando acima da água. A base desse equipamento já tinha sido inventada há cerca de 40 anos, mas Rush foi o cara que resolveu surfar de pé em cima da geringonça. Antes, o esporte, baseado na aerodinâmica dos aviões, era praticado apenas sentado em pequenas cadeiras e considerado diversão para famílias americanas. "

Hoje o brinquedo é diversão para a galera radical do Hawaii e do mundo todo. Para quem está acostumado com manobras fortes e rápidas, o esporte exige mais domínio em movimentos lentos, formando quase que um balé sobre a água, e um surf mais longo sobre ondas oceânicas. A mais recente adaptação criada por Rush é o foilboard que não precisa da corda para ser impulsionado na onda. "Nas minhas pranchas novas você encaixa as botas nos bindings (presilhas que prendem a bota na prancha), dá um pump e sai andando. No futuro os foils não precisarão mais do jet-ski", revelou em uma entrevista no Hawaii, no ano passado.



Visto como um precursor dos esportes aquáticos, Rush conseguiu muito cedo se transformar num surfista empresário bem-sucedido. Nascido em Laguna Beach, Califórnia, e criado no North Shore de Oahu, teve contato com o mar bem cedo, e cada esporte que começou a praticar serviu logo de inspiração a outro. Tudo começou aos 2 anos, brincando no shore break, e depois aprendendo a surfar aos 5 anos em Rocky Point, Oahu. Mas ele achava que somente no surf estaria perdendo o que o vento tem a oferecer de melhor ao homem. E então entrou para o windsurf aos 14 anos, chegando a ser terceiro melhor do mundo por duas vezes. Mas era cada vez maior a vontade de usar o vento para manobras inovadoras, e ele migrou para o kitesurf, na época utilizando as pranchas de tow-in , porque não havia pranchas de kite. "O tow-

in também nasceu do equipamento de windsurf, por causa das pranchas com alças pra pegar ondas de wind, e da habilidade de surfar as ondas vindas lá de fora, do outside", conta Rush, que logo seria reconhecido também como um excêntrico big-rider e surfista de pranchas com alças na remada. Além de todas essas habilidades, ele se especializou no surf de piscinas de onda (flowriding) e fez a fama ao redor do mundo. Hoje, a prateleira de sua casa sustenta vários troféus de windsurf e outras conquistas: foi o primeiro a realizar um 360-720 no surf de pranchas com alças (strap surf), várias vezes campeão de flowride aerial nas piscinas artificiais e o responsável por ter colocado Pete Cabrinha na maior onda surfada no ano de 2003, garantindo o prêmio Billabong XXL 2004.

O pássaro do strap surf



A habilidade de Rush nas famosas morras de Jaws



À esquerda, Rush faz bom uso do vento, e acima ousa superá-lo

Hoje, os títulos já não são a maior ambição de Rush, mas sim pura e simplesmente o "surf for fun". "A competição foi importante para mim durante muitos anos porque eu precisava provar que era um dos melhores no mundo no que fazia, mas agora é muito mais importante me divertir e inventar novos esportes e equipamentos que a próxima geração possa aproveitar", declara.

A energia é tanta que ele mal consegue administrá-la, e confessa dormir pouco. Levanta as 7 da manhã, checa o mar, pratica algum dos seus esportes prediletos e volta para casa para pesquisar um pouco. A tarde ele usa para brincar com o vento. Em meio a isso tudo, ele ainda arruma tempo para cuidar da esposa e do filho River, de 7 anos.

Este cientista do mar é responsável por grande parte das loucuras que vemos por aí, as quais o fazem ser chamado por alguns de "Mr. Multi-Sports": "Essa é a melhor maneira para definir Rush. Existem muitas pessoas que eu conheço que praticam diversas modalidades de esportes na água, mas nenhuma consegue ser top na maioria delas. Além de kitesurfer, foilboarder e tow-surfer, ainda arrebenta na flowpool e é um parceiro que todo surfista de ondas grandes gostaria de ter", afirma Sylvio Mancusi, jornalista e big-rider brasileiro.



Conhecido no mundo todo e principalmente no Havaí, sua notoriedade é dada muito mais pelo que ele desenvolve do que por aparições na mídia. Rush passa a maior parte do tempo na água ou na empresa. No surf, ficou famoso pelos aéreos com loopings e saltos mortais, manobras bem ousadas, que lembram em muito nosso amigo Aldemir Calunga. "Nós fazemos algumas maluquices, sentimos sensações bem parecidas, voar, deslizar, surfar, back flips... Fazemos parte de uma família de privilegiados capazes de se doar um ao outro em qualquer situação, sempre no limite e se divertindo. O Rush me mostra que somos capazes de estender nossos limites para ser o que somos, homens feitos de água, trabalhando no mar e amando o oceano e suas ondas", fala Calunga.

Entre as invenções mais recentes do estudioso do surf, está o windsurf foilboard, uma união das pranchas de windsurf à quilha de hydrofoil, inédito no Brasil, e o wing foilboard, uma espécie de prancha-avião, em que você só acreditaria vendo.

Se você estiver curioso para conhecer este ás das ondas, procure os últimos lançamentos em filmes que registram ondas grandes ou ainda o que tem de mais inovador na prateleira da sua locadora. Rush foi astro de *Step into Liquid*, *Off the Lip*, *Billabong Odyssey*, e ainda teve aparições em *Baywatch (S.O.S. Malibu)*, *North Shore*, entre outros.

Será que ele aterrissa?



waves 6 ANOS

TÃO ESSENCIAL QUANTO AS ONDAS.

Nesses seis anos, trouxemos as ondas para dentro da rede. Maior e mais completo tempo do surf na internet brasileira, o portal Waves traz as melhores manobras e as melhores gatas, além das condições de 180 praias do Brasil e do mundo, coberturas dos grandes eventos e as últimas notícias do mundo do surf. Esse é o resultado de um trabalho dedicado à nossa maior paixão: o surf.

waves
waves.terra.com.br
a comunidade virtual do surf



O prazer de shapear Por Lula Menezes

O que nos inspira todos os dias a acordar e canalizar toda a nossa energia para fazermos o melhor em nosso trabalho? Acredito que trabalhar com o surf é a melhor fonte de inspiração que um ser humano pode ter, por tudo que o surf traz – felicidade, saúde, paz e harmonia –, por isso dediquei minha vida a ele e trabalho há mais de 20 anos para obter todos os dias esse retorno. Minha inspiração é diária e se mistura com o sentimento de orgulho, pois o surf brasileiro vem conquistando várias vitórias a cada dia em todas as partes do mundo, e todos nós fazemos parte disso.

Acredito que os magos das pranchas, os shapers, sejam os profissionais mais sensíveis a esse sentimento de inspiração. Seguem algumas declarações:

Victor Vasconcelos:

"Minha inspiração vem do desafio de fazer uma prancha mágica para um cliente e da satisfação de ouvir ele dizer que pegou altas ondas e melhorou seu surf; esse é o meu maior prazer em fazer pranchas".

Joca Secco:

"O surf faz parte da minha vida desde 1975, quando meu pai me apresentou com uma prancha 7" feita no Arsenal de Marinha por um engenheiro naval, e me deixava na praia todos os finais de semana para surfar. Desde quando comecei a shapear, em 82, sempre tentei fazer uma prancha de alta performance para cada tipo de surfista, e até hoje o que me inspira e move para a frente é melhorar cada vez mais a performance dela dentro e fora da água".

Luciano Leão:

"Para mim, shapear é a arte de viver sempre surfando".

Ricardo Lobo (proprietário da Veltra):

"Pego onda há 25 anos, parei de competir aos 20. Depois me formei em advocacia e trabalhei cinco anos com salário muito bom e um futuro promissor pela frente, mas decidi me dedicar ao surf e à Veltra porque me inspiro no surf todos os dias para me sentir feliz e viver melhor".

Claudio Hennek:

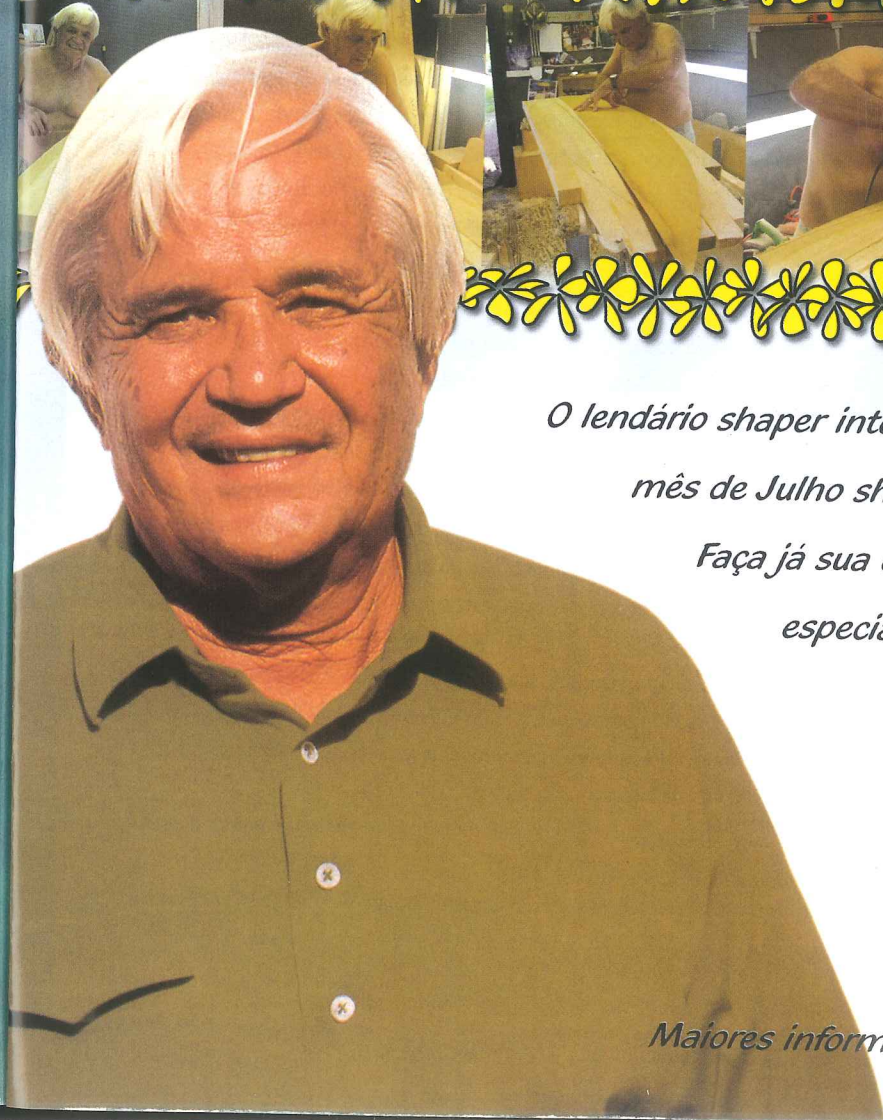
"Minha maior inspiração é sempre dar o melhor, para fazer as melhores pranchas do mundo tanto de performance como de qualidade. Com certeza, o espírito de trabalho da Wet Works contribuiu para essa evolução do surf brasileiro".

Como sempre, levanto a nossa bandeira! É verdade! Pode acreditar, somos sérios e competentes, e não precisamos nos render aos produtos estrangeiros para termos a sensação de que estamos bem equipados. Nossas pranchas e acessórios são equipamentos de altíssima qualidade, shapeadas ou confeccionados por profissionais que se inspiram, do fundo do coração e da alma, a proporcionar aos surfistas de todas as idades e classe sociais os mais profundos sentimentos de felicidade, vitória, harmonia, paz, saúde...

Inspire-se e surfe!

Saúde e boas ondas

* Lula Menezes é surfista e diretor comercial da Wet Works.



O lendário shaper internacional Dick Brewer está na Gzero Store neste mês de Julho shapeando a prancha de seus sonhos.

Faça já sua encomenda na Gzero Store e veja as condições especiais que reservamos à você.

Gzero
STORE
www.gzero.com.br

Maiores informações: gzero@gzero.com.br ou (11) 3168-1913

Inspiração

Por Marcela Carrocino

A maioria das pessoas mergulham na vida, nos problemas do dia-a-dia, esquecendo-se de sua força interior, e quando precisam dessa força buscam-na em religiões, seitas, esoterismo... e assim começam uma busca incessante, sem saber, muitas vezes, o que estão buscando.

Essas pessoas podem passar uma vida inteira procurando tão longe, quando, na verdade, todas as maravilhas que nos cercam são a continuidade de nós mesmos. De acordo com o Ayurveda, o tradicional sistema da medicina indiana e também o mais antigo sistema de medicina do mundo, que em sânscrito significa ciência da vida, nosso corpo é energia que constantemente se renova. A cada inspiração inalamos um volume astronômico de átomos do ambiente, e a cada expiração liberamos um grande número de átomos do nosso corpo. Logo, durante o surf, estamos literalmente inspirando fragmentos do mar e expirando fragmentos de nossos rins, fígado, coração, ou seja, estamos compartilhando o nosso corpo com o mar e com todas as pessoas que já passaram por ele, não somente com pessoas contemporâneas a nós. E isso pode até mesmo ser demonstrado matematicamente.

Cada átomo que pertenceu a um surfista da Polinésia 3.500 anos atrás também pertence a um surfista da atualidade. Cada átomo é formado por que são verdadeira energia que comanda o nosso corpo físico e gira dentro de cada um de nós. Podemos também fazer uma analogia entre esse conceito da medicina ayurvédica e um dos sete princípios da filosofia iogue, chamado prana ou ciência da respiração, a energia universal que anima a matéria. Essa é a energia que nos dá o livre-arbítrio para que possamos escolher tudo o que é bom em nossa vida, como os ancestrais polinésios, que há tantos anos semearam, por meio do legado de sua cultura, a verdade eterna de que a felicidade está no equilíbrio das prioridades da vida.

Parece complexo, mas esse princípio é bem claro para mim quando estou surfando, e estabeleço não somente um simples contato, mas uma união com o ambiente em que estou; é como se o mar e eu nos tornássemos um continuum com o resto do universo, o que posso traduzir como a mais pura sensação de plenitude.

O bem-estar físico, mental e espiritual proporcionado pelo surf faz com que recuperemos a fisiologia perfeita que a natureza já nos deu, pois, na verdade, dentro de cada um de nós existe um corpo alegre, saudável e perfeito esperando para se manifestar; a partir do momento em que passamos a reconhecer que somos feitos de energia e que essa energia é influenciada pelo ambiente que nos cerca. Ao reconhecermos isso, estaremos fazendo um grande bem para nós mesmos, pois passamos a dirigir mais a nossa atenção para o nosso interior e a buscar, no relacionamento com a natureza, essa almejada sensação de bem-estar de acordo com nossas necessidades individuais. E não há dúvida de que, quanto melhor for a relação do homem com a natureza, melhor será a sua vida e, como consequência, melhor será a própria humanidade. Esse talvez seja o motivo pelo qual, mesmo inconscientemente, o surf é uma atividade que perdura na vida de muitas pessoas que deram ao seu livre-arbítrio uma chance ao experimentá-lo.

Portanto, é possível afirmar que os surfistas, em essência, são e sempre serão pessoas jovens e saudáveis, independentemente da idade, pois são pessoas especiais, intimamente conectadas com a sabedoria infinita da natureza. Influenciados pela moção da energia de cada onda surfada, tornam-se pessoas inspiradas e também inspiradoras. Na busca contínua da manutenção dessa sensação na vida, podem ou puderam ver além de pensamentos e opiniões muitas vezes limitados e por isso merecem essa eterna vitalidade.

Assim como os homens, as mulheres surfistas são movidas e inspiradas pelo mar e pelo prazer de deslizar sobre as ondas, pois a magia do surf é capaz de influenciar e até mesmo dirigir a vida de uma pessoa que se entregue à sua prática. A mesma energia presente nas ondas passa a estar onipresente no seu ser. E isso é muito natural... como a inspiração e a expiração fisiológicas. Uma verdadeira inspiração para a vida.

Desejo a todas as wahines, mulheres que aderiram ao surf e com ele resgataram essa maneira alegre, única e saudável de viver, que surfem e sejam felizes!

* Marcela Carrocino é longboarder e diretora de comunicação da Women International Longboarder Association (Wila).

Conta Universidade Nossa Caixa

A conta do jovem que planeja um futuro bem-sucedido.

A Conta Universidade Nossa Caixa é uma conta exclusiva para os jovens universitários, que oferece excelentes vantagens. Confira:

- Você pode movimentar a sua conta, com o Cartão Universidade, pelos serviços de Auto-atendimento: Nossa Caixa Fone, Net Banking, Terminais de Auto-atendimento das agências e do Banco24Horas, em todo o Brasil.
- Cheque Especial (limite de crédito em conta).
- Tem à disposição linhas de financiamentos para cursos, material escolar, microcomputador, periféricos, etc.
- Cartão de Crédito Nossa Caixa MasterCard ou VISA.

E o melhor de tudo isso: conta com isenção total de tarifas.

O que você está esperando para abrir a sua? Vá até a agência da Nossa Caixa mais próxima e fale com o Gerente.

* Para universitários com até 28 anos de idade, mediante apresentação do comprovante de matrícula, anualmente. Financiamentos sujeitos a aprovação. Condições gerais sujeitas a alteração sem prévio aviso. Consulte a Nossa Caixa.

Nossa Caixa

O banco do coração de São Paulo

www.nossacaixa.com.br



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO PELAS PESSOAS

... Esporte radical

Quando comecei a surfar, na década de 70, o esporte ainda era novidade por aqui. Surfar numa prancha de isopor era o início de tudo para muitos. Ter uma prancha Gordon Smith ou produtos importados era o máximo, e viajar para o Hawaïi na temporada de inverno era somente para alguns. Quando eu escutava ou lia, nas revistas *Brasil Surf* ou na *Pop*, matérias sobre o Hawaïi ou as estórias do Pepe Lopes correndo a final em Pipeline, em 1976, eu pirava. O Smirnoff em Waimea, então, virou um sonho. Talvez uma das coisas mais engraçadas que me aconteceram recentemente foi ouvir uma fita cassete que gravei na época, devia ter uns 13 anos, na qual o locutor (função em que atuo hoje) narrava um campeonato em Pipeline, onde o campeão era Otaviano Bueno, seguido por Rory Russell, Gerry Lopez, Reno Abellira e Jeff Hackman, entre outras feras da época. Coincidência ou sonho materializado?

Quando rolavam filmes de surf – raramente em algum auditório em Sampa –, como *Zephyr*, *Five Summer Stories* ou *Salt Water Wine*, era onde você encontrava a galera do surf, aqueles que você só cruzava na praia. É impressionante o poder místico e cativante que o surf e este estilo de vida sempre exerceu nas mentes jovens. E foi desta força que surgiu o marketing estrondoso desse mercado. Da imagem única e singular, colorida e flamboyant, natural e rebelde do surfista e de suas roupas próprias e diferentes, nasceu a moda surf. Alguns dos melhores surfistas dos anos 70 (entre eles Jeff Hackman e Bruce Raymond) fizeram a internacional Quiksilver, que hoje está na Dow Jones de NY. A extinta Lightning Bolt, que era quentíssima naquela época, também a bem-sucedida Gotcha, do Michael Tomson, e a falida Instinct, do ex-campeão mundial Shaun Tomson.

Por Taiu Bueno

O surf é a base de muitos esportes. Na abstinência de deslizar sobre as ondas, seja por flats ou pela distância do mar, os fissurados inventaram muitas variantes do esporte, em diversos meios. E os filmes, a alegria de verão nos anos 60, retratavam bem tudo isso. Eram dois jovens surfistas americanos viajando o mundo, surfando oceanos diversos, fazendo amigos e passando por roubadas ocasionais em qualquer 'barca de surf'. As variantes do surf são o skate no asfalto, o windsurf no vento, o wakeboard rebocado com uma lancha, o snowboard na neve, o skysurf no ar, o tow-in em ondas impossíveis na remada e o kitesurf, que é a mistura de alguns destes (surf, wake, tow-in, skate e wind), e mais o vôo livre de paraplanista. Um kitesurfer completo tem que ter todas estas habilidades, que são usadas para curtir as emoções deste esporte, que eu considero a última das loucuras.

Rivalidades à parte, o melhor kiter do mundo é um argentino. Assistindo a um filme de Martín Vari fiquei impressionado com o surf de kite nas ondas, as deslizadas no corrimão improvisado com bóias numa lagoa e os aéreos malabarísticos de 30 metros de altura por 60 metros ou mais de distância. Já estamos no meio da primeira década deste novo milênio. No esporte matriz surf, o circuito mundial segue nas melhores e mais épicas ondas do planeta, e a galera está dando aéreos de 360° e mandando manobras de motocross-superman, nos vôos também. Mas aonde esse radicalismo e essas variantes vão chegar? Só Deus e quem viver poderão saber...

Aloha!



Fit You better !!!

Central de Vendas: 55-11-5061-0688

www.litoralbrasil.com

Litoral Brasil

Abra sua mente para receber este lançamento que vai deixá-lo perplexo



Modelo Open

38. Tremblant

37. Whister

36

34

32

28

29

33

31

A diferença está na cara!

SPY

www.spy.com.br

(11) 4701-8722 – spy@spy.com.br





OSKLEN URBAN VEHICLE



constructed
compositions
space | city
architecture
urban vehicle
skateboarding
body | rhythm
movement
projecting

Osklen